Simão Neves
GUIMARÃES

METODO CASTILHO

PARA O ENSINO DO LER E ESCREVER.

869-0
C352m

Doação ao Real Gabinete Português de Leitu
de_____
Em____/____/19____

OFERTA
do REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
RIO DE JANEIRO

Bordalo dec. Marti grav.

of. do SIMÃO NEVES

METODO CASTILHO

PARA O

ENSINO RAPIDO E APRASIVEL

DO LER IMPRESSO, MANUSCRITO, E NUMERAÇÃO

E DO ESCREVER

OBRA TÃO PROPRIA PARA AS ESCÓLAS
COMO PARA USO DAS FAMILIAS.

SEGUNDA EDIÇÃO

Inteiramente refundida, aumentada, e ornada de um grande numero de vinhetas.

LISBOA — Imprensa Nacional
M DCCC LIII

OFERTA
do REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
RIO DE JANEIRO

UnB - CBEP
BIBLIOTECA

Aqele qe sentenciasse este metodo sem o ter lido todo, e seguido, onra-lo-ia condenando-o.

Os qe o ouverem meditado, repetirão o qe a eisperiencia declarou: qe de todos os metodos conhecidos, é este o eficacissimo.

Quæ imberbes didicere, senes perdenda fatentur.

HORACIO.

C.B.E.P.
54158 18.2.63
Cr$ 1,500,00
Doação - CPL

A SUA ALTEZA

O PRINCIPE REAL

D. PEDRO.

SENHOR:

QUATRO vezes, em decurso de trinta e sete anos, entrou a minha musa nos paços reaes de Portugal. A primeira, com lagrimas, pelo falecimento da Augusta Trisavó de Vossa ALTEZA; a segunda, com emboras pela aclamação do Augusto Bisavô de VOSSA ALTEZA; a terceira, com palmas e incenso á urna do Augusto Avô de VOSSA ALTEZA; a quarta, com inos de boa estreia para o ano qe ora corre, dedicados á Augusta Mãe de VOSSA ALTEZA REAL. Gratificava o passado, da primeira e terceira vez;

da segunda e quarta, auspiciava futuros.

Oje, qe não é a musa, mas simplesmente o coração, qem ha de levar a palacio uma nova oferenda, oje, qe a oferenda encerra, sob aparencia peqena e singelissima, um futuro grande, e certo de publica ilustração para todo este reino, e talvez, e provavelmente mais do qe isso, é a Vossa Alteza Real, qe a minha consciencia me dirige.

Senhor, uma obra toda de esperanças, como esta, e de esperanças, qe já tem nos fatos o seu abono, a

ninguem melhor do qe a Vossa Alteza Real, podia pertencer; Principe de esperanças altissimas, e esperanças abonadas, tambem por muitos fatos.

Com o fundo e copioso saber, qe Vossa Alteza Real, secundado pelos disvelos de Seus Augustos Paes, e pelos esforços de seus incançaveis mestres, tem sabido conseguir, Vossa Alteza, aos qinze anos é já tal, tão grande e tão, sem iperbole, varão, qe ainda fóra da sombra do trono, nascido, se o fôra, na classe média, nascido até na infima, ouverá tido de

mim esta vassalagem, qe devota e desinteressadamente lhe tributo.

Outrem, invocaria a Vossa Alteza como Principe; eu, qe Deus não talhou para cortezão, senão do merito, procurei, para esta obra a pessoa de Vossa Alteza, como eisemplar altamente preposto a mancebos estudiosos e repreensão eloquente aos qe na madrugada da vida se desbaratam em folguedos vãos, de qe mais tarde e sem remedio lhes ão de vir os arrependimentos.

Fez Deus a Vossa Alteza Principe: Vossa Alteza aspirou a fazer-

se tambem omem; e já o leva conseguido.

Os principes têem conselheiros oficiaes, qe muitas vezes os não aconselham; muitas os aconselham mal; ao omem de qinze anos, ainda qe grande, póde outro, suposto qe peqeno, mas qe já transpoz meio seculo, dirigir oficiosamente conselhos de lealdade.

Senhor, a verdade e a ciencia, tão filhas de Deus, como o genero umano, devem ser patrimonio de todo ele. São na ordem moral, o qe são na ordem fisica, a luz e o calor. Dar aos povos toda a instrução possivel, não é vir-

tude nem mercê; é justiça e pagamento de divida. Subtrair, sonegar aos espiritos o seu sol, dificultar-lh'o, encubrir-lh'o, e mesmo vender-lh'o, é falsear a lei divina; é profanar a obra prima do Creador; é qerer afogar no presente as grandezas das edades ulteriores; é fazer a um tempo obra de Caïn e de Satanaz, porqe é matar irmãos e qerer o reino das trevas e da mentira.

Os principes qe mais resplandecem na istoria, são os qe, tendo-se alumiado a tempo com o estudo, forcejaram para qe o saber se derramasse nos

seus povos; e, animando os engenhos a produzirem, crearam incentivos a novos meritos; puzeram ferrete á ignorancia e á preguiça; grangearam glorias á patria, amores a si, graças á Providencia, erança aos seculos, e eisemplo á umanidade.

A educação tem desenvolvido em Vossa Alteza, a par com as virtudes mais preciosas, o amor das letras, o das artes, e o das ciencias. Vossa Alteza conversa com Homero e Herodoto, com Virgilio e Tácito, com Göethe e Herder, com Pope e Goldsmith, com Rolin e Chateaubriand,

com Camões e João de Barros, com Euclides e Francoeur, com Linneu Buffon e Lacépede. Vossa Alteza cultiva a arte de Mozart e Rossini: Vossa Alteza, no gabinete e na oficina do real artista, seu Augusto Pae, aprende a conhecer, a admirar, a apreciar, a imitar o belo nas artes dos Rafaeis e dos Migueis Angelos, inbuindo-se cada vez mais no santo dogma de qe: o trabalho, ate' potentados enobrece.

De um Principe assim habilitado, cheio d'alma e de coração, e de sangue juntamente portuguez e germa-

nico, qe menos se poderia esperar, qe um fautor perpetuo dos engenhos? um promotor espontaneo do engrandecimento dos espiritos? um propagador incançavel de civilisação? um glorificador para a terra em que nasceu?

Senhor, a lisonja disse a outros muitas vezes: qe Deus tinha feito os povos para os principes; Vossa Alteza mais vezes terá repetido a si mesmo: qe Deus fez os principes para os povos. São os principes arvores alterosas para abrigo e fruto. Toda a força dos principes, vem das suas rai-

zes; e as suas raizes, não são, não podem ser outras, senão o amor dos povos. Nestas arvores moraes, como nas outras da natureza, a vastidão das raizes ocultas, pela vastidão da copa visivel e bemfeitora se calcula muito ao certo.

Vossa Alteza, debaixo da bençam do qe á nascença o fadou com esse raro espirito, tem de ser um PRINCIPE MEMORANDO. É bom qe estas palavras de um omem qe nunca teve, nem solicitou, a honra de falar a Vossa Alteza, qe o venera só pela fama, e qe nada pede nem espera de Vossa

Alteza, senão o bem qe pelas mãos de Vossa Alteza podér vir da Providencia aos seus similhantes, é bom digo, qe estas concienciosas palavras mais de profecia, qe de conselho, postas aqi, muito de proposito, se daguerreotipem indeleveis no animo, sobre tudo no coração de Vossa Alteza.

Algum dia virá, em qe a lembrança do gracioso favor com qe Vossa Alteza, ao sair da meninice, acolheu uma obra util, concite outros maiores talentos a ambicionarem por importantes serviços á patria egual ou superior acolhimento;

a mim, ficar-me-á sempre a ufania de ter sido o primeiro qe prestei omenagem desinteressada ao merecimento de Vossa Alteza, dedicando-lhe uma obra, não indigna, ouso dizel-o, da atenção e boa sombra de Vossa Alteza Real.

Vossa Alteza é o neto do Libertador, é o filho dos educadores por eiscelencia; o livro qe ousei pôr nas suas mãos, é a carta da emancipação da puericia; é a boa nova já festejada por mães e paes, e augura, porqe no ler e escrever popular se encerra tudo, uma éra nova, uma

revolução moral, d'estas, em qe reis e principes, e pontifices, devem arvorar o estandarte, tocar o primeiro rebate, e postar-se na primeira linha dos combatentes.

Deus guarde como sua e nossa, para largos e felicissimos anos, a Real Pessoa de Vossa Alteza.

Lisboa 25 de Fevereiro de 1853.

Antonio Feliciano de Castilho.

Aos Srs. Redactores de todas as Folhas Periodicas Portuguezas.

Meus Senhores:

Se a imprensa é o éco da opinião, e se a opinião é tambem muitas vezes o éco da imprensa, entendo que o livro que vos apresento não póde deixar de ser por vós aceito, e examinado, e recomendado.

Grande parte do publico o adotou; tendes que falar por essa parte ilustrada. Uma porção do povo não lhe tomou ainda o gosto; está nas obrigações do vosso ministerio a convencel-a.

Para todos á tarefa na obra da civilisação. Eu cumpri a minha; vós aveis de cumprir a vossa; o parlamento e o governo ão-de cumprir tambem, segundo espero, a sua.

Sou com a devida consideração e respeito

Vosso conciladão e venerador

A. F. de Castilho.

PROLOGO EM CAPITULOS.

UAL é a istoria d'este metodo? O qe é este metodo? De qem é este metodo? Eis-aqi tres perguntas qe, muito naturalmente, se apresentam; qe têem sua importancia todas elas; e a qe poucos responderiam com lealdade e com perfeito conhecimento de causa, sobre tudo.

Ampla e documentadamente o fizera eu aqi, se não fosse fóra de toda a razão e conveniencia ajuntar a um peqeno tratado, um preambulo mais encorpado duas vezes. Quasi o tinha concluído, e estava já na mão dos compositores, quando refletindo melhor nos fastios literarios qe oje á para leituras de mais de quarto d'ora, recolhi o manuscrito para mais oportuna ocasião. Mas, porqe, deixando

de dizer tudo, não fiqe sem dizer nada, tocarei pelas pontas das ramas, cada uma das tres qestões.

CAPITULO I.

ISTORIA DO PRESENTE METODO.

Achava-me eu na ilha de S. Miguel; pertencia á Sociedade Promotora da Agricultura; tratava-se, em sessão de Janeiro ou Fevereiro de 48, da suma conveniencia, antes necessidade, de se crearem escólas ruraes de primeiras letras.

Ofereci-me eu, á falta de outrem, a tentar, para isso, alguma facilitação, qe já de muito andava entrevendo; aceitou-se e registou-se a promessa, por ventura leviana, e fiqei, por minha palavra, obrigado, pelo menos a diligenciar até onde as forças m'o consentissem.

Revolvi cardumes de cartilhas portuguezas e estrangeiras, antigas e modernas; achei em quasi todas o mesmo fundo; isto é, coisa pouqissima; e só nas fórmas algumas variações; em geral de pouqissimo momento ou de nenhum. Dizia-me cá dentro algum bom genio, qe se andava caminho errado, e qe era im-

possivel, qe, a poder de buscar, se não conseguisse algum ensino mais racional, curto e aprasivel. Comecei a eisperimentar o sistema (não afirmarei de qe inventor) pelo qual, primeiro se ensina a lêr cada palavra inteira, depois a dividil-a em silabas, a final, em letras; precisamente o oposto aos usos recebidos; não pude levar ao fim a eisperiencia; e, por isso, não afirmarei, posto o suspeite, qe as maravilhas qe, d'essa maneira de ensino, se pregoaram, eram, quando menos, eisageradas. Bom fôra, todavia, qe alguem submetesse a melhores e mais longas eisperiencias, esse processo, em cujo abono não escureço, qe alguma coisa filosofica se póde alegar, e qe, achando-se, pelos factos, superior ao meu, se lhe anteponha; pois se trata aqi de uma qestão séria de umanidade, e não de gloriolas do amor proprio.

Mr. Lambert, meu amigo, e qe o fôra tambem do celebre gramatico e filosofo Mr. Lemare, foi por esse tempo, qem primeiro me falou do metodo do seu patricio, para o ensino da leitura, como de coisa sobre modo eficaz; Mr. Lambert tinha-o eisperimentado, avia muitos anos, em seu proprio filho. Veio o livro de Mr. Lemare; devorei-o; pa-

receu-me feliz idéa a de mnemonisar, por figuras, a fórma e valor das letras; acentei em o fazer; de proposito digo *fazer;* porqe a mnemonisação de Mr. Lemare, de qe logo falarei com mais individuação, nem traduzivel era, nem quasi imitavel para a nossa, ou para outra qualquer lingua.

Por tres vezes desisti da empreza, cançado e esmorecido, e sem esperança de poder completar o alfabeto, com eisação e perfeição como eu entendia; voltei quarta vez á fragoa, e em tão abençoada ora, qe os cincoenta e dois carateres dos alfabetos maiusculo e minusculo, todos se me descubriram. Foi esse um dos dias mais alegres da minha vida. O Sr. D. Manoel Monteiro, desenhador e escultor, qe tambem se achava então 'naquella ilha, e me favorecia com a sua amizade, desenhou, com toda a sua costumada pericia, as cincoenta e duas figuras, em grandes quadros; escrevi a istoria eisplicativa d'ellas; submeteu-se tudo ao eisame de quantas pessoas inteligentes e zelosas apareceram; e, aprovado, tratou-se de o levar logo á prática. Esse mesmo ano, de 1848, viu abrir-se no gremio da Sociedade dos Amigos das Letras e Artes, em S. Miguel, além de cursos de outras dis-

ciplinas, tres escólas de leitura, pelo novo metodo, regidas do modo mais edificativo (são registos da gratidão) pelos Srs. Filipe do Qental, Cristiano Frederico d'Aragão, Moraes e Francisco de Bettencourt Ataíde; [1] e suplementarmente pelos Srs. Luiz de Bettencourt Ataíde e José Joaquim d'Oliveira Machado. Logo os primeiros matriculados orçaram por duzentos; o ensino dividiu-se em tres partes; primeira classe, conhecimento das letras; segunda, leitura de palavras por silabas; terceira, leitura por cima. Esta divisão, este processo, qe em Lisboa não temos seguido, oferece grandes vantagens para onde se podér contar com tres mestres bem concertados entre si. D'este modo, podem-se receber continua e indefinidamente estudantes á matricula, porqe a primeira aula qe os recebe, labora perenemente nos primeiros principios da arte; da primeira vão passando a um e um, á proporção qe se aprontam, para a segunda; da segunda, identicamente

[1] O zelo d'este mancebo excede a todo o elogio. Desde então até oje, qe já não são poucos anos, ainda não faltou, nem por inclemencia de tempo, nem por negocios, nem por divertimentos, nem por indisposições de saude, uma só vez, nem um só quarto d'ora, na regencia da sua escóla.

para a ultima, com o qe todos os dias se admite nova gente a aprender, e todos os dias sae gente ensinada, sem qe nas aulas se note a minima perturbação, qe sempre aliàs se padece quando á mesma lição assistem estudantes de mui diversos graus de adiantamento.

As escólas de S. Miguel prosperaram além de toda a esperança. Da cidade difundiram-se pelos campos; em toda a parte houve mestres espontaneos, ardentes e infatigaveis. De toda a parte o povo acudiu ás fontes do saber, centenares de operarios, rusticos, e servos, demonstraram em eisames públicos haverem-no recebido. A incredulidade, com qe sempre lutaram a principio as inovações, desvaneceu-se á luz das provas. O trafego esperançosissimo de ensino noturno e gratuito, vai ainda a crescer 'naqela interessante ilha, graças ao zelo e alta inteligencia do digno presidente dos Amigos das Letras e Artes, o Sr. Dr. José Pereira Botelho, e á constante cooperação, qe muitos dos mais ilustrados espiritos d'essa terra se não cançam de lhe prestar. Os jornaes de Ponta Delgada, possantes auxiliares d'aqela sociedade civilisadora, arqivam, já de anos, os documentos

do qe ela faz, do qe ela póde e do qe por ela se deve augurar para futuro proximo. Nada mais consolativo qe o relatorio [1] qe ácerca d'essa vanguarda das escólas populares portuguezas se publicou á dois anos.

Tornado a Portugal, intendi dever vulgarisar incessantemente um Metodo, qe assim andava já abonado da eisperiencia; imprimi-o; o conselho superior d'instrução pública do reino aprovou-o para uso das escólas. As escólas, porém, do continente, com eisceção de quatro ou seis, quando muito, não o adotaram, tem-se feito d'isso grave criminação ao conselho; a culpa era da lei unicamente; a lei não lhe permitia impôr aos mestres certo e determinado livro para o ensino. Falo d'isto, porqe, é inqestionavelmente um ponto grave de legislação qe necessita reformado. O superintendente geral dos estudos de uma nação, deve ter no seu regimento e entre as suas capitaes obrigações, o escolher para cada ramo de ensino a obra

[1] Acha-se n'uma preciosa broxura de 56 paginas com o seguinte titulo. — *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel — Actas da assembléa geral do dia 14 e da sessão da mesa de direcção de 17 de Dezembro de 1851. Ponta Delgada, Typ. de Manoel Cardoso de Albergaria e Vale, rua do Garcia n.º 17, 1851.*

melhor qe eisista; e reprovadas todas as outras, impôr essa aos mestres, como a unica de qe se possam e devam servir; sobre tudo aos mestres a qem a nação paga para bem e devidamente lhe instruirem os filhos; e ainda o livro aprovado só deverá gosar d'este privilegio, em quanto no mesmo genero não aparecer outro, qe o mesmo tribunal qualifiqe de preferivel.

Em 1851, anunciei em todos os jornaes da capital, e consegui fazer pregoar pelos reverendos parrocos das freguezias circumvisinhas á minha residencia, um curso gratuito, em minha casa, de leitura e escrita pelo meu metodo; ninguem a ele acudiu. Em 1852, Sua Magestade Imperial a Senhora Duqeza de Bragança, protetora inteligentissima e verdadeira mãe dos azilos de infancia desvalida fundados pelo Principe em todos os sentidos Libertador encarregou a Senhora Inspetora da sala da rua dos Calafates D. Maria Leocadia Fernandes Barros Gomes, de fazer introduzir na escóla da sua gerencia um metodo de qe tantas vantagens se pregoavam. Comissaria mais zelosa, nem mais inteligente, não a podia achar Sua Magestade. Essa escóla pegou, e floriu de um modo no-

tavel; e d'ella se propagou, mais tarde, o novo ensino pelas restantes salas de azilo, qe todas ao presente são quadros, para 'neles pôrem filosofos os olhos e o amor.

Era já alguma coisa, era já muito, mas não era ainda bastante, não era ainda tudo o qe se podia conseguir, e o qe por isso se devia procurar.

Depois de novos aununcios, de novos proclames parroqiaes, abri, em minha casa a 15 de Julho, com mais de setecentos inscritos, um curso qe fui obrigado, por considerações de regularidade, a dividir em tres turmas; tomei a mim a primeira; da segunda se incumbiu o meu amigo Director da escóla normal de Lisboa Luiz Filipe Leite; á terceira, composta de meninas, presidiram as Sr.as D. Emilia Victor Silva, e D. Maria José da Silva Canuto, mestra regia, insigne pela sua pericia, e bem conhecida pela sua literatura e poesia. A estes trabalhos, assistiu gente de todas as clases e de todos os graus de instrução, desde a ciencia mais elevada, até á ignorancia mais supina. As salas, qe eram espaçosas, chavam-se quasi sempre apinhadas até eiscesso; era perturbação para o ensino, não á duvida, mas era necessidade, porqe o era

convencer a todos pelos seus proprios olhos e ouvidos. De todas estas lições se fizeram actas, para qe os qe não vinham presencial-as, e o mais do reino que o não podia, não ficassem privados de algum meio de se convencer, em assumpto de tamanha consequencia.[1] Durante este curso de tres mezes justos, a convicção já nascida e forte e geral, da proficiencia do metodo, fez, como já em S. Miguel havia acontecido, que principiassem de toda a parte, ao perto e ao longe, a pulular escólas oficiosas e gratuitas; umas, populares noturnas, á imitação das nossas tres; outras em colegios; outras, emfim, nos corpos militares.

Contal-as, istorial-as, dizer o bem qe merecem os mestres de quasi todas, os fundadores, os conservadores, os zeladores de todas; referir as festas com qe em dezenas de terras

[1] As actas do meu curso começaram a aparecer no jornal o Patriota, passaram de lá ao jornal a Esperança, e d'esse ao da Justiça, que as teria levado ao fim, se repentinamente não acabara, era uma publicação util como *vade-mecum* para escólas provincianas mas o acanhamento de espaço, em que laboram as nossas folhas periodicas, com a abundancia de materias importantes, e urgentes, qe lá afluem, deixou inedito todo o final d'esse nosso trabalho de actas. Ponho aqi esta nota, para qe me não atribuam a inconstancia uma omissão, de qe eu fui, não culpado, mas unicamente lesado.

se tem celebrado, a aparição de cada um d'estes raios da alvorada da instrução e civilisação portugueza; transcrever o qe a imprensa repetidas vezes tem narrado d'estes factos, as esperanças qe d'eles tem inferido, e as eisortações e conselhos qe a tal proposito continua a endereçar ás autoridades e aos particulares, aos ignorantes e aos sabios, não só pareceria imodestia suma da minha parte, senão qe fôra pejar volumes para não serem lidos.

A dezaseis de Outubro d'este ano, ao cabo perfixo de tres mezes, se apresentaram a centenares de pessoas de todas as gerarqias, e aos eiscelentissimos ministros da corôa, as provas solenes e irrefragaveis da incomparavel proficuidade do metodo novo. Ouviram-se lêr e viram-se escrever os das nossas tres aulas; alunos da escóla de lanceiros da Rainha; e creancinhas de quatro anos das salas de azilo de infancia desvalida. Foi o golpe mortal dado a dois grandes inimigos· á incredulidade ferrenha, e á má fé presumsosa.

Sua Eiscelencia, o Sr. Ministro do Reino, encarregou para logo o director da escóla normal, de dar um novo curso inteiramente regular a cem alunos da casa pia.

O presidente do conselho, Marechal Duque de Sandanha, fez com qe já da maior parte dos corpos do exercito, viessem oficiaes inferiores habilitar-se aqi, para irem crear escólas regimentaes.

Se o curso normal, qe eu anunciara, e qe efectivamente dei em minha casa, tivesse sido devidamente concorrido, averia oje com a abundancia dos mestres incomparavelmente maior numero d'escólas; á mingua de qem ensine, não poucas tem deixado de se abrir.

Não cerrarei este resumo istorico, sem uma observação, qe póde ser de algum proveito; e que, pelo menos, fará entender o como os frutos do metodo podem ser ainda muito mais copiosos e eiscelentes do qe até aqi o teem sido.

A maior parte dos mestres qe pelo meu metodo teem ensinado, não tinham avido 'nele o necessario tirocinio; alguns eram até carecentes de todos os requesitos precisos para ensinar. A este dano ão de acudir as escólas normaes, logo qe as aja.

As escólas dos azilos, teem um grave contra; qe eu tomo a liberdade de submeter á consideração das suas ilustradas directoras: aqele receberem-se todos os dias novas crean-

ças, avendo em cada sala uma unica mestra para leitura, faz qe o tempo, qe não é sobejo para este ensino, forçosamente se reparta por tres ou quatro classes: pelos qe aprendem as letras; pelos que leem por silabas; pelos qe já reunem as silabas em palavras; e pelos qe entoam o periodo com a pontuação. Tendo, pois, cada aluna apenas um quarto de lição, fica evidente, que essas aulas só podem apresentar um quarto do proveito desejado e possivel. Á ainda aí (é sempre com a devida reverencia qe me permito estas observações perante damas de alto juizo, de suma probidade e zelo, e qe não desejam menos do qe eu a melhor educação do povo) á, digo, nas salas de azilo, ainda outra disposição legal, qe me parece estar xamando por uma completa revogação; e vem a ser: o praso de idade, fixa, e prentoriamente marcado, tanto para a admissão, como para a despedida de alunas e alunos. Todos os dias acontece, qe uma pobre creança, a qem mais qinze dias ou um mez de azilo teriam dado a perfeição do lêr e escrever, sae xorando para ir esqecer fóra d'ali, em escólas ronceiras e incorrigiveis, ou ao desamparo, o qe lhe tinham ensinado.

As escólas militares teem igualmente um gravissimo senão; e de pior natureza, porqe é incuravel: os soldados, com as obrigações de seu pesado oficio, são, ainda com a melhor vontade, os mais irregulares frequentadores; tres, quatro, cinco, e mais dias se passam, muitas vezes, a cada um d'eles, entre lição e lição; do qe resulta, qe tambem 'nestas escólas, o produto manifesto, é quatro ou cinco vezes menor do qe o metodo o poderia dar.

As escólas populares noturnas e gratuitas, de qe tantas á, teem tambem seus achaqes essenciaes, e qe reputo quasi insanaveis, ao menos por ora. Primeiro: a insubordinação e grosseria de uma classe ainda não educada. Segundo, e peor: a dependencia em que os seus alunos estão, de alheias vontades, Os paes, os amos, os mestres de oficios, ou donos de fabricas, a qem todos esses estudantes vivem sujeitos, consentem na matricula com facilidade; mas a maior parte d'eles, com mais facilidade ainda se arrependem e caçam aos pobresitos, com o mais insignificante pretexto, a licença qe lhes haviam dado para frequentarem.

Depois, vem os serões das oficinas; depois,

C. B. E. P.

o dia da feria ; depois, um serviço imprevisto ; depois, a pusilanimidade de mãe, qe teme o mau tempo ; depois, o mau umor do pae, qe qer fechar mais cedo a sua porta ; depois, as sugestões de mexiriqeiros, qe nunca faltam, os quaes, abusando da rudeza das familias, lhes provam, tão claramente, como dois e dois serem sete ; qe o ler não enche barriga, e é uma perdição para a mocidade ; e para os adultos qe o não sabem uma afronta ; depois . . . . . um etcetera infinito.

Seguir-se-á, porém d'aqi, deverem-se fechar taes escólas ? Livre-nos Deus do absurdo ! Dão pouco, em comparação do qe podiam dar ; mas, em comparação do nada qe antes era, dão imenso. Demais, a propria ilustração, qe elas ão-de ir caladamente aumentando, á-de ir redundando sempre em crescimento e beneficio d'elas.

Um ponto, digno de todo o estudo, seria, compulsando-se as respetivas estatisticas, determinar qual o praso do ano mais proprio para as escolas populares, quaes os dias, e quaes em cada estação as oras, em qe estes trabalhos menos contendessem, nas aldêas, com os ruraes ; nas cidades, com os oficinaes. No belo relatorio, que na pagina XXXIII citei, diri-

gido á Sociedade dos Amigos das Letras e Artes pela sua comissão encarregada de lhe dar conta do estado das suas escólas, redigido pelo Sr. Luiz Filipe Leite, e assinado, conjuntamente com ele, por tres tão distintos cavalheiros, como são, os Srs. Luiz de Betencourt Ataíde, João Silverio Vas Pacheco de Castro, Francisco da Camara Sampaio, não só vem já aventada esta idéa, mas até um specimen assás curioso da sua realisação.

CAPITULO II.

O QE É ESTE METODO.

As verdades mais obvias, são ás vezes as ultimas que se achão. Os espiritos elevados, que são, conjuntamente com as circunstancias e com o acaso, a quem se devem em geral, nas artes as invenções; nas sciencias, os descobrimentos; os espiritos sublimes, arrojam-se ás conquistas longinquas, desdenhão as pequenezes subjacentes; só se comprazem nas espheras superiores, para além do eisperimentado e do conhecido. O genio que pesa e mede os astros quasi impercetiveis pelos abismos do ceu, a distancias que parecião

incomensoraveis, qe de vezes não deixa passar sem os perceber os elementos e sucessos da vida trivial, que em torno d'ele se revolvem.

É assim, que, ensinando-se a lêr á milhares de anos e sendo imposivel, qe n'esse magisterio o acaso não tenha posto milhares de vezes intendimentos de alta plana, o modo mais simples e natural de ensinar a ler e a escrever a ninguem, qe eu saiba, tinha ocorrido até ao presente. Fui eu, talvez por isso mesmo qe não tinha azas d'aguia para voar, o que o descobri; é uma satisfação isto, e não uma ufania; um bom achado, antes qe um merecimento. O primeiro mestre d'aldêa podia ter logrado igual fortuna.

Eis-aqui o discurso, por extremo simples, qe me levou a esta, que por singela, quasi me envergonho de chamar invenção.

Toda a arte, me disse eu, teve principio, e crescimento, e é prefetivel.

O principio de qualqer arte provém sempre da natureza e da necessidade; os seus progressos, da reflexão e de necessidades novas, e de casualidades, subministradas tambem mil vezes pela natureza.

O falar qe veio a tornar-se arte, foi dom

natural e providencial na sua origem. Do dom natural da fala, e do desejo tambem natural, qe o omem sente, de comunicar as suas idéas e afetos, não só aos presentes, mas tambem aos distantes em logar e tempo, nasceram os primeiros incompletos e rudissimos elementos da arte de escrever. A impaciencia contra o vago, o confuso e o insuficiente das primeiras pinturas visiveis das idéas e afetos, e logo a reflessão de engenhos observadores, passaram a escrita de desenho confuso, e quasi enigmatico, a uma representação precisa dos sons, a um retrato fiel da linguagem.

Era facil notar, pelo ouvido e pela vista, escutando o falar de outrem, ou cada um pelas sensações do proprio orgão vocal, falando, era, digo, facílimo notar, qe as palavras se compunham de diversos elementos, os quaes sendo de si pouco numerosos, se prestavam todavia a combinações inumeraveis. Todo o trabalho então, deveu ser analisar, dissecar, porqe assim o digamos, a palavra falada; e estabelecer sinaes convencionaes visiveis correspondente cada um a cada elemento dos vocabulos. Eis-aí o alfabeto.

O primeiro que escreveu alfabeticamente,

de certo se preparou para o fazer, com a decomposição minuciosa e pacientissima de cada palavra, qe pertendia mandar aos olhos.

Á arte de escrever seguiu-se a do lêr. Estas duas são tão convisinhas e interlaçadas, qe não ha mal em as tomarmos por uma só.

Se pois a sucessão de tão admiraveis inventos, foi, e não podia deixar de ser; primeiro falar; depois, decompor a palavra; depois, converter os elementos da palavra decomposta em letras; a final, reverter das letras aos elementos fonicos; e dos elementos outra vez á palavra inteira e viva, claro estava, qe este, e não outro devia ser tambem o modo do ensino; porqe, para qem não sabe lêr nem escrever, o aprende-lo é uma especie de segunda invenção d'estas artes milagrosas. Para aqi, como para tudo, aqelle grande e eterno aforismo de Quintiliano *observar bem a natureza e seguil-a. Naturam intueamur; hanc sequamur.*

A decomposição e a leitura auricular, qe em ultima analise são uma e a mesma coisa; isto, qe é para o lêr e escrever o caminho de ferro, eis o em qe principalmente consiste o methodo novo; é isto pelo menos, o qe n'elle á de mais filosofico, mais eficaz, mais sem

precedente, antigo nem moderno, nacional nem estrangeiro, de qe eu tenha conhecimento. Isto. já alguem, como invento demasiadamente simples o qiz desdenhar; o ôvo do Colombo qe lhe responda. Á fé qe esses desdenhadores nunca ão-de dar azo a reprezalias!

O metodo, porém, tal como oje o ofereço, não se reduz sómento a isto; qe já fôra imenso; e de qe na primeira edição se não achava ainda vestigio. Contém a menomonisação por figuras e istorias de todos quantos caracteres e sinaes se podem apresentar a um ledor; e quasi tudo isto tambem completamente original.

Não é tudo: a introdução do ritmo, qe eu tornei inseparavel d'este ensino; *a frequencia do canto, das palmas, e das marchas*, proporcionou fazer um só omem a instrução de centenares d'eles, proscrita a decrépita fantasmagoria do chamado ensino mutuo; qe será mutuo, quanto qiserem, mas qe nunca á-de ser ensino. Um só mez de ensino ritmico nas nossas escólas dá mais fruto real, qe dois anos, bem repicados e apitados de ensino mutuo.

O canto, os movimentos de pés e mãos,

tão aprasiveis e tão uteis á puericia; a facilidade, a graciosidade do mestre, qe por este modo se eleva de preboste a amigo e a pae não só criam nos discipulos gosto e atenção mas até os atráem para a escóla com a mesma força com qe d'antes eram para longe d'ela repelidos.

Finalmente, as oras mesmas da recreação, tornam-se ainda, pelos varios divertimentos qe n'este livro se seguem a cada lição, uma continuação do mesmo estudo; qe d'esta sorte se não interrompe nem brincando.

Nada mais agradavel, do qe vêr criancinhas, de quatro e de tres anos, mostrarem pena quando os trabalhos da classe se dão por findos; irem pela rua repetindo a lição ao som de palmas; entrarem alvoroçados por casa cantando ás suas familias as regras em verso qe lá lhes deram na escóla, e sonharem ainda com a decomposição e com a leitura auricular.

Tal é, em resumo, o novo methodo, cuja superioridade a respeito de todos os anteriores é de primeira intuição, ainda antes de experimentada.

Não terminarei esta parte, sem fazer menção de uma obra illustre, qe só agora eisa-

minei, publicada pela primeira vez em 1812 no jornal de Coimbra, e depois em 1820 avulsamente em tres volumes por seu autor o Sr. Antonio de Araujo Travassos, com o titulo de *Ensaio sobre um novo modo de ensinar a lêr*. Varias foram, segundo cuido as causas, qe se opozeram á generalisação daqelle *modo de ensinar;* a ponto, de nem eruditos averem d'elle já hoje conhecimento, [1] Primeira causa : (e bastava esta) o ser novidade. Segunda : o volumoso as estampas, e conseguintemente o caro da obra. Terceira : o não ter o autor eisposto o seu metodo (qe nos conste) a demonstrações publicas e solenes. Quarta : o não estar acomodado, nem talvez ser acomodavel com facilidade ao ensino simultaneo. O autor diz qe por ali ensinara a lêr em pouco tempo ; assim é de crer ; o seu modo de ensino é, in dubitavelmente, su-

[1] Fato curiosissimo é, qe esse metodo, oje tão desluzido das memorias, parece ter sido seguido em escólas regimentaes logo depois da sua primeira publicação. Tenho presente uma broxura, de 43 paginas em 8.°, intitulada : *Vida Cristã, para exercicio de leitura corrente nas escólas militares. Lisboa ; na impressão regia, anno de* 1817. *Com licença.* A qual obra é escrita com a rigorosa acentuação das vogaes, proposta pelo Sr. Travassos para iniciar ledores.

perior a tudo o qe antes do meu, havia geralmente.

O autor começa por ensinar as vogaes, com todos os seus valores; passa ás consoantes; as quaes para melhor dar idéa da natureza d'elas, não apresenta senão já ligadas com vogaes.

Em duas cousas consiste o essencial do seu metodo: em acentuar sempre para os principiantes as vogaes de valor ambiguo; e em lhes dar as palavras qe ão-de lêr divididas em silabas. As palavras assim acentuadas e assim divididas, são nomes de objetos visiveis; acompanhando cada palavra o desenho do respetivo objeto, como geralmente se pratíca em Alemanha, e no qe á tres vantagens; a saber: dar ao discipulo gosto pelo recreativo das figuras; ensinar-lhes por elas o conhecimento de muitos objetos; e nas escólas alemãs, o inicial-os com cedo no desenho; pois os fazem copiar não só a palavra mas a imagem, qe para isso é facilima, de simplices contornos, e nada assombreada.

Dois contras porém, e momentosos, me parece haver n'este ensino. Primeiro: que o acentuar todas as vogaes ambiguas é ensinar a lêr por uma ortografia racional, qe não eisiste;

e não pelos deploraveis escriptos atuaes. Segundo: qe saber lêr as palavras trinchadas em silabas fica ainda muito áquem e muito longe de saber lêr as palavras com as silabas unidas; por outra: concluido aqele ensino, ainda se não sabe lêr, e para se chegar a saber, tem de se começar outro. Todavia, repito, qe o metodo do Sr. Travassos, se fosse eistensivel do ensino individual ao ensino de classes numerosas, eiscederia muito em prestimo ás cartilhas usuaes; qe todas se reduzem rigorosamente a isto, e sempre por esta ordem: Abcedario, (com um só valor a cada letra) Silabario (com um só valor a cada silaba) Vocabulário, (sem regra qe determine ás letras duvidosas o seu valor de posição.) As mais flamantes, acabam por teistos para se lerem. Para se lerem ao cabo de anos.

CAPITULO III.

A QEM PERTENCE O PRESENTE METODO.

A primeira coisa, qe se lia na primeira edição desta obra, era um rasgado elogio a Mr. Lemare; de qem eu tomara a idéa de mnemonisar as letras por imagens. Bastou

isso, para qe alguns d'estes qe não eisercem na republica literaria melhor oficio qe de malcins, começassem logo a mexericar, na imprensa, por meias palavras; fóra 'dela (porqe era menos arriscado) á boca cheia: qe o meu escrito era contrabando, roubo, traducção de Mr. Lemare (que eles nunca viram). É fenomeno moral, antes imoral, qe, apezar de tão freqente ainda não acabei de compreender: porqe rasão se á-de estar sempre disposto (falo de Portugal; lá por fóra correm outros ares) a acreditar qe o invento apresentado pelo visinho não é 'dele!? Suporá esta pobre gente, por sentir a sua propria cabeça êrma e estéril, qe em igual latitude e longitude não podem nascer individuos 'doutra condição? Não sei; o qe sei, e tenho visto é, qe, para se livrarem de agradecer e gloriar a um presente e vivo e amigo deles, e qe para bem e credito deles se disvéla, ão-de ter sempre a abilidade de descubrir outrem para inventor da coisa boa ou já enterrado, ou d'outra provincia, ou d'outro reino, ou d'outro seculo; quanto mais arredarem de junto a si o merecimento, tanto mais contentes ficarão a revolver-se no seu vasio os malhadeiros gloriosos. «Não é d'ele a idéa; é do tio. É do avô.

É d'um manuscrito qe salvou da tenda. Pilhou-a de Mr. Fulano. Empalmou a Mister Sicrano. Eispremeu-a de uma frase confusa de Aristoteles.» Todos os mais cerebros tinham a faculdade de crear aqilo; menos o do pobre omem, porqe tinha nome portuguez; cara portugueza; e, por pecados seus, vivia com eles.

Ora, comparemos de espaço, este metodo com o de Mr. Lemare, e demos a cada qual o qe lhe pertence. Não é o amor proprio, qe me induz ao trabalho 'desta confrontação; é o amor patrio; amor, qe essa gente ruin, mesquinha, e invejesa nunca padeceu. Pouco me importava qe se dissesse: *Metodo Lemare*, ou *Metodo Castilho;* importa-me muito, importa-me infinito, qe um metodo precioso portuguez, se nos não roube para estrangeiros. Se Mr. Lemare, qe era omem de bem, tornasse do seu sepulcro de desoito anos a este mundo e ás letras; Mr. Lemare mesmo aplaudiria, gostoso e procuraria naturalisar para a França o meu metodo; e faria 'nisso grande obra; porqe, da França ele se derramaria mais facilmente por todo o mundo. Ah! vilões vilões! qe assim forçais um omem a qebrar a modestia de toda a vida, e a to-

mar por suas mãos a justiça qe lhe denegam!

A edição, qe tenho presente, e qe julgo ser a ultima, é a de 1840, publicada cinco anos depois da morte do autor na coleção qe tem por titulo: — *Cours complet d'Education pour les filles etc.* É um folheto em oitavo grande; com 88 paginas. Á 'nele, depois de um prefacio, *primo;* 68 figuras, mnemonisando o feitio e nome das letras, e de certas combinações d'elas, essenciaes para a leitura franceza. *Secundo:* o alfabeto usual maiusculo e minusculo. *Tertio:* 45 contos em verso. *Quarto:* modo e meios do ensino. *Quinto:* exercicios de leitura em letra de mão. Nada mais. Eisaminemos e discorrâmos.

Aprendidas as letras na primeira e segunda parte, qe deixamos indicadas, procede-se, conforme aos preceitos da quarta, á leitura dos contos da terceira. Ora, a leitura, segundo taes preceitos, não é diversa da do meu metodo; é diametralmente oposta. Eu, faço somar os valores das letras para achar a palavra; Mr. Lemare, mostra primeiro cada verso inteiriço; depois, cada palavra do verso, inteiriça; depois, cada silaba de cada palavra do verso, inteiriça; e só a final se chegará

ás letras. Isto é: segue o processo de qe falei no capitulo segundo; só com a diferença de ter previamente dado o conhecimeuto das letras. E 'nesta parte, melhor é peor o seu metodo do qe o meu? Não me toca decidil-o; digo só: qe é o contrario do meu.

Passemos a outras confrontações. Mr. Lemare teve uma felicissima idéa em procurar mnemonisar por imagens e istorietas a forma e valor das letras; e essa idéa tomei-a eu d'elle; mas nada mais lhe tomei do qe a idéa; porqe a realisação d'ela é no meu livro diversissima; e, dil-o-ei sem rebuços ipocritas, incomparavelmente superior. Para provar a diversidade, basta a simples inspeção das estampas; e onde uma ou outra estampa pareça no meu livro semelhante á do seu, procurar-lhe na eisplicação a diversidade. A superioridade das minhas imagens, não é menos facil de demonstrar. Em primeiro logar as figuras de Mr. Lemare são em geral menos naturaes, e muito mais forçadas; em segundo logar, os nomes das suas consoantes não representam o valor d'elas tão descarnado quanto era possivel, e quanto era necessario para facilitar a combinação da articulação com o som; assim, a sua letra, *F* qe é representada

por uma labareda retorcida, chama-se *feu*, o B *beu*, o V *veu*, o P *peu*, o M *meu*, o J *jeu*, o G *gueu*, o Q *queu*, etc., qer dizer: qe, em logar do elemento eistreme, para se combinar com qualqer vogal, temol-o já com uma silaba, feita pelo som *eu*. Em terceiro logar, e esta é capitalissima, as letras de valor multiplice não têem pelas Istorietas Lemarianas mais de qe um unico valor; ao mesmo passo qe no meu metodo levam todos; do qe resulta: qe lá o estudante, depois de aprendido o alfabeto, ainda, não sabe os valores das letras, ao mesmo tempo qe o meu estudante, logo qe ao fim de cinco oras (termo medio) tem decorado o abcedario, sabe tudo quanto cada letra póde eisprimir, e com as regras em verso, qe depois se lhe dão a cantar, sabe, salvos os caprichos e loucuras ortograficas, eleger d'entre os valores de cada letra o qe a sua posição lhe designa, na ipotese dada. Os espiritos pensadores, e sobre tudo os dos mestres costumados a ensinar a lêr, qe digam se não são estas, diferenças e primasias muito grandes.

O qe fica eispendido, sobraria, cuido eu, para provar (quando menos) qe o meu metodo é meu, e não de Mr. Lemare. Mas eis-

aqui outra diferença entre os dois; outra preeminencia para o meu, e importantissima.

Não á em todo o volume de Mr. Lemare, e esta edição é a mais completa e já póstuma, não á uma só frase, qe, nem por longe, dê a intender, qe o seu metodo servisse jámais para ensino simultaneo; pelo contrario Mr. Lemare vê sempre a mãe ao pé da sua filha, ou um mestre ao lado do seu alumno; é a lição individual; e não póde ser outra coisa; em quanto o meu metodo se acha por tal arte desenvolvido e concertado, qe tão bem e eficazmente se póde acomodar a uma classe de seiscentos discipulos, como ao ensino singular; 'nesta parte reivindico eu fortemente, porqe se me devem, as onras de creador.

Mais: a leitura do manuscrito qe remata o livro de Mr. Lemare vem totalmente desacompanhada da necessaria carta de guia sobre a maneira de bem a ensinar; no meu metodo, a leitura do manuscrito e a do impresso, são ensinadas quasi simultaneamente, e com uma promtidão e com uma eficacia assombrosa.

Mais: a pontuação e os outros sinaes, tão necessarios para a boa leitura, como para a leitura o são as letras, não os ensina Mr. Lemare,

e ensino-os eu 'num volver de olhos, e brincando.

Mais: a leitura da numeração, tanto em carateres arabigos, como em romanos, tambem Mr. Lemare a não ensina, e ensino-a eu de improviso.

Mais: o canto, as palmas, os movimentos, tudo, tudo isto qe faz do estudo um eisercicio tambem para o corpo, e lhe imprime um encanto irresistivel para a puericia, assim como os divertimentos com qe nas oras vagas a lição se continua, tudo isto, assim combinado 'num todo armonico, é meu, e não de Mr. Lemare.

Finalmente: a leitura auricular e a decomposição, como base natural ao ensino do lêr e escrever, (sobre o escrever tambem nada á em Mr. Lemare e á aqi todo o necessario) a decomposição e a leitura auricular, verdadeiro feitiço para as creanças, e qe, segundo os fatos o têem provado, tão diretamente conduz, ao correto pronunciar, coisa tão rara, e tão necessaria; a decomposição e a leitura auricular, insisto, pertencem ao metodo portuguez; são a alma das nossas escólas; são o triunfo capitolino dos nossos cursos, são o qe á-de fazer com qe a nação portugueza saiba

toda ler dentro em poucos anos e se lhe quiserem dar livros bons se instrua e se melhore.

Mr. Lemare foi um grande omem; qem o duvida? Mr. Lemare fez um belo invento, qem o desconfessa? De Mr. Lemare me veio a idéa rudimental do meu metodo; sempre o pregoei; mas o meu metodo no seu vasto complecso, na sua armonia de mnemonisação, de prazer, de vitalidade, de força atrativa, da conveniencia ao ensino singular e ao ensino simultaneo, de virtude para clarificar a pronuncia, e afeiçoar ao ler, o meu metodo está para o de Mr. Lemare, como a náo Vasco da Gama para uma falua cacilheira; como o convento da Batalha, para uma abitação burgueza; como a numeração arabiga, para a romana; como a typografia, para a cópia; como a arvore para a semente: como para o grande, o maximo; como para o bom, o otimo.

Quando digo otimo, e quando digo maximo, não pretendo segnificar qe d'aqi para diante não aja aperfeiçoamentos possiveis; nem eu sou Ercules; nem o mundo já admite colunas de eistrema em cousa alguma; digo só qe de todos os metodos até oje provados este

é provadamente o mais proveitoso e o mais simpatico. Pelo meu metodo daria eu sem esitar todas as minhas outras obras; e ainda os principaes poemas dos principaes poetas. Este livro, tão umilde nas formas e na aparencia, é um monumento, qe só poderá destruir quem puder alçar no logar 'dele outro maior; este livro, é o mais capital serviço, qe a Portugal se tem feito em pontos de civilisação. Qe o confessem, qe o escureçam, ou qe o neguem, qe o aceitem ou qe o refusem, não lhe mudarão a natureza. O qe é, é.

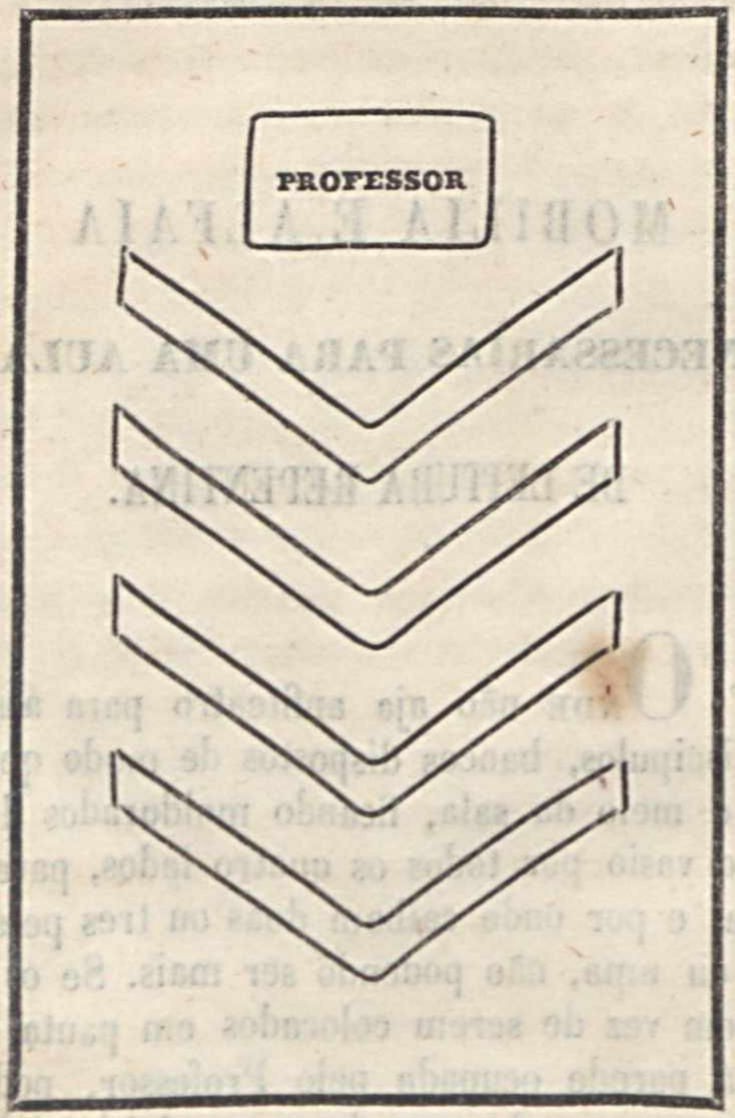
Antonio Feliciano de Castilho.

MOBILIA E ALFAIA

NECESSARIAS PARA UMA AULA

DE LEITURA REPENTINA.

1.º ONDE não aja anfiteatro para assentos dos discipulos, bancos dispostos de modo qe ocupem o meio da sala, ficando moldurados de um espaço vasio por todos os quatro lados, para serventia, e por onde caibam duas ou tres pessoas a par; ou uma, não podendo ser mais. Se os bancos, em vez de serem colocados em pauta paralela á parede ocupada pelo Professor, podérem ser dispostos na largura da casa a dois e dois, assim se arranjem, mas por modo, qe cada par de bancos forme um angulo obtuso, ou, pelo menos reto, com a abertura para a frente do Professor, e estes angulos vão entrando uns nos outros pela sala abaixo, na seguinte forma, pouco mais ou menos:



Se os angulos forem troncados no vertice, por modo qe entre os da direita, e os da esquerda, corra uma coxia para passagem, tanto melhor.

Se os bancos tiverem costas, e nas costas de cada banco ouver uma taboa esconça para traz

em forma de carteira, e com um pequeno rebôrdo em baixo, averá a vantagem de poder cada discipulo ter o livro, ou papel da leitura comodamente poisado diante dos olhos, em vez de os estar estragando nas mãos, e a de ter ali mesmo uma meza para escrita.

2.° Um estrado no topo da sala; ou, sendo a sala demasiadamente vasta, ao meio de um dos seus lados mais compridos, colocados então os bancos em armonía com o mesmo estrado.

3.° Sobre o estrado um assento para o Professor.

4.° Sobre o mesmo estrado e ao lado do assento, ou por traz d'ele, um engenho chamado 'nestas escolas *Mississipi da leitura*, ou *leitura continua*. Veja-se a estampa.

5.° Um quadro preto de madeira em qe se possa escrever com giz, e qe se monta, quando é preciso, no *Mississipi*, em maior, ou menor altura segundo convem.

6.° Giz, esponja, ou pano, e vara para apontar.

7.° Uma coleção completa dos quadros em grande da leitura repentina.

8.º Uma peqena estante, como as dos musicos, armada como qer qe seja, mas em qe se possam ter os quadros do alfabeto quando tem qe se mostrar.

9.º Um exemplar d'este livro para o Professor, e outro, podendo ser, para cada um dos discipulos.

10.º Uma, ou mais teias de papel formadas de folhas pegadas pela eistremidade umas ás outras, sendo a largura destas teias proporcionada ao comprimento dos cilindros do *Mississipi* em qe tem de ser enroladas. 'Nestas teias, qe tambem poderão ser de algodão devidamente preparado para 'nele se escrever, averá, com grandes e bem visiveis caratéres, frases prevenidas para a leitura, em letra redonda, e de mão, sendo os primeiros de letra redonda formados só de caratéres maiusculos.

11.º Um compassador, sendo possivel obtel-o. É a maquina mostrada na estampa.

12.º Uma ardosia para cada discipulo, com a competente pena de pedra, lapis, ou gesseto.

13.º Quadros-modelos para a escrita, similhantes aos que adiante vão 'neste livro, mas em ponto grande, como se vendem em coleção para estarem pendentes em roda da aula.

14.° Uma caixa, qe póde ser o proprio vão do estrado, fechada á chave, para se guardar o material da escola, qe poderia levar descaminho.

15.° Sendo a escola noturna, placas de longos braços articulados, postas nos dois lados do *Mississipi*, para qe a luz se possa colocar como convier.

DISPOSIÇÃO DO PESSOAL DE UMA AULA DE LEITURA REPENTINA.

1.° O Professor ocupa o estrado, tendo de estar sempre á vista, a vigiar, e quasi sempre em ação.

2.° Os matriculados qe já começavam a ler, estão rigorosamente separados, e ocupam os bancos ultimos. Os qe não conheciam as letras, sentam-se nos primeiros. Os qe só as conheciam, ou pouco mais, formam o centro.

3.° Avendo discipulos dos dois sexos na mesma aula, completa separação dos rapazes e das meninas.

4.º Avendo substituto, ou ajudante oficial, ou oficioso, o substituto, ou ajudante, rondará constantemente as bancadas, chamando á atenção os descuidados, coíbindo os turbulentos, obrigando os mal ensinados a tomarem uma posição decente, mas tudo por gestos e sinaes, e sem voz qe perturbe o andamento do estudo.

5.º No meio de cada banco, um dos discipulos escolhido pelas suas boas qualidades para vigiar os seus visinhos da direita e da esquerda, e fazel-os estar em ordem. Este cargo dos discipulos-vigias póde-se ganhar e perder segundo o merito, e desmerito do aluno.

6.º A novidade d'este metodo de ensino, a variedade e divertimento dos seus processos, o espetaculo da satisfação com qe os alunos o recebem, costumam atrair ás escolas crescido numero de visitadores. A sua presença é altamente inconveniente; distrae a cada passo a atenção dos ouvintes, e obriga o mestre a qebrar o fio da lição e, ás vezes a parecer descortez pela imperiosa necessidade de coíbir descortezias alheias.

Outro mal produz ainda esse concurso parasita, em qe ás vezes entram pessoas de espirito pouco benevolo, e é no Professor uma certa vergonha, sem bom fundamento, e entre tanto desculpavel,

qe muitas vezes lhe proíbe submeter os seus alunos a provas, aliás necessarias, mas de qe ele prevê, qe não poderão ainda sair brilhantemente. O ensino, como todos os amores, tem tambem o seu pudor; deve-se-lhe respeitar. A escola é uma familia no seu trato intimo; as suas portas só se deverão franqear aos qe por vocação e destinação ao magisterio se qizerem vir 'nela iniciar.

AVISOS EISPERIMENTAES

AO PROFESSOR.

A afabilidade grave; uma paciencia quasi ineisgotavel; suma abnegação; vigilancia continua; severidade ineisoravel nos casos qe a reqererem; renunciação a todo o desejo de brilhar perante os ignorantes com termos escolhidos e pomposos; clareza massima, e suma ordem no encadear as idéas; atenção escrupulosissima a tudo o qe tem de ensinar, e a tudo quanto os discipulos lhe respondem; familiaridade e umildade no estilo, nas comparações, nos eisemplos, em tudo o qe se emprega com vantagem para a doutrinação; per-

zeverança para multiplicar e variar eisplicações sobre os pontos qe logo á primeira se não compreendem; — eis-aqui muito raras qualidades, porém muito importantes n'um precétor por este metodo.

Considere os discipulos como filhos, pelo menos como amigos, em todo o caso como omens; não recuse jámais uma elucidação qe se lhe reqeira; provoqe até o proporem-se-lhe duvidas; louve os qe o fizerem, e agradeça-lh'o, porém em termos moderados; os elogios (é uma triste verdade demonstrada pela pratica) muitas vezes ensuberbecem, desvairam, e corrompem o elogiado. Estes e quaesqer outros premios reserve-os por tanto para os dar, com toda a possivel largueza, no fim do curso.

No remate d'este livro se achará com a competente musica o *Ino para a distribuição solene dos premios.*

Das qualidades fisicas desejaveis para um Professor das nossas escolas, as principalissimas, são um peito forte, uma voz sonora, e um ouvido subtilissimo, e uma cabeça qe não cance facilmente com o estrondo, nem com a atenção continuada. A isto ajuntaremos uma pronuncia clara e distinta, um falar e um lêr devidamente pausado e acentuado. As vozes muito sumidas e como qe sepulcraes ou cavernosas, as qe por outro qualqer modo são naturalmente ingratas aos ouvidos de

quasi toda a gente, para logo dissipam no auditorio a virtude da atenção. Os vicios de pronuncia, a troca de certas consoantes, a adulteração de outras, o mal distinto dos sons, o comer silabas intermedias ou finaes, o mastiga-las, o balbuciar, tartamudear, e gaguejar são impedimentos gravissimos para este magisterio; — os que tiverem qualqer d'estes tristes defeitos, procurem primeiro vencel-o, e só depois de averem triunfado se apresentem.

TEMPO E MODO DAS LIÇÕES.

O tempo das lições por este metodo poderia ser por parte dos discipulos, tão longo como se qizesse; quasi tudo é aqi para eles tão variado, tão divertido, qe apenas lhe deixa desejos para a chamada recreação; mas não é assim para o mestre. O qe em trabalho se tirou a qem aprende, acresceu a qem ensina. O Professor está sempre em cena, quasi sempre em pé, gritando, palmeando, acionando, atentissimo a tudo, e para toda a parte, ao qe diz, ao qe deve dizer, ao como o deve dizer, ao qe eisecuta, ao qe ouve, ao qe deixa de ouvir, ao qe se faz, e ao qe se omite; — mais de duas horas a fio, já se lhe tornariam fadiga in-

suportavel. Duas horas pois nos cursos noturnos, duas de manhã, e duas de tarde nos diurnos, devem-se aver por espaço muito suficiente. Os qe reunissem curso diurno e noturno, poderiam dar duas oras de manhã, uma de tarde, e duas no serão.

Como o cantar é inteiramente do gosto da puericia, convem qe por um canto se abra a escola, e por outro se remate; d'este modo os discipulos terão pressa em chegar, e empenho em se conservar até ao fim.

Para a abertura temos a *Invocação a Deus*, para a conclusão, o *Ino do trabalho*, e um segundo para as classes femeninas. Umas e outras letras vão com a competente musica no fim d'este artigo, bem como o *Ino da Ilustração do Eisercito* para as escolas regimentaes, e o *Ino dos Presos* para as das cadeias.

A lição seja sempre o mais variada possivel; logo qe se presinta qe algum dos eisercicios começa não digo a fatigar, mas a interessar menos, fuja-se repentinamente para outro. Lêram muito no quadro? passem a lêr auricularmente; — decompuzeram sentados? decomponham marchando; — responderam ás perguntas sobre cada letra? cantem as regras; — lêram no impresso? escrevam nas ardosias; — lêram por figuras? façam-se jeroglificos, ou desenrole-se o *Mississipi*; — leitura em côro; — leitura individual; — lei-

tura por bancos; — leitura alternada a dois còros; — um paragrafo sentado, um paragrafo em pé; — numeração romana; — leitura por silabas; — numeração arabica; — leitura por cima; — escrita ditada; — escrita *ad libitum*, etc., etc.

Esta condição impreterivel da variedade, nos conduz naturalmente a um conselho importante. Mestres á qe por um eiscessivo amor á correção, fazem recomeçar, e repetir até á saciedade e ao tedio a mesma coisa em qe os discipulos á primeira vez não atinaram, e qe até muitas vezes, porqe um só d'eles errou, castigam toda a escola com a repetição; a eisperiencia lhes provará sempre qe fazem mal; o qe a principio era só defeituoso, á força de repizado tornou-se a final defeituosissimo, porqe ele por eiscesso de zelo matou a atenção e a boa vontade; aí começa a aversão mutua entre mestres e discipulos, e a aversão de discipulos e mestres á lição, calamidade tão frequente, antes constante nas escolas do antigo metodo, e de qe Deus pela sua infinita misericordia defenda as nossas para todo o sempre.

ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO PRIMEIRA.

O objeto principal d'esta lição, é animar os alunos para o estudo com a certeza da facilidade e agrado, qe por todo ele ão-de encontrar; metel-os desde o primeiro passo, na decomposição das palavras em silabas e em letras e na leitura auricular; fazer-lhes conceber praticamente a diferença qe á entre sons e articulações, isto é, entre *vogaes e consoantes*; dar-lhes a conhecer as vogaes, isto é, os sinaes com qe se representam os sons; e fazer com qe leiam desde logo algumas palavras.

O mestre procurará, antes de tudo, imbuir-se bem na dotrina da lição; fazel-a sua propria afim de a poder tornar tão clara quanto as suas faculdades lh'o permitam; evitará cuidadosamente (e isso sempre) o emprego de termos superiores á compriensão dos seus ouvintes; recorrerá, para se eisplicar a quantos eisemplos e comparações mais familiares e umildes lhe ocorrerem. A fisionomia, a voz, os modos do precétor devem ser graciosos e faceis. Quando a natureza do assunto for de riso, como na istoria da figura d'algumas letras,

os seus discipulos podem rir; até lhes deve ser consentido o comentarem, o gracejarem, o responderem todos simultaneamente, o fazerem bulha; tudo isso (não passando a eiscesso) contribue para tomarem, desde o principio, o gosto do estudo, e os predispõe para fazerem 'nele maior progresso.

Quando mostrar as letras, deverão os quadros estar colocados ao lado do mestre em logar elevado, uns por traz dos outros como no livro estão as paginas; (para um só discipulo ou dois, desnecessarios são os quadros e este livro basta).

O mestre fará sobre a imagem, qe se acha á direita de cada letra, e, por conseguinte, á esquerda do espétador, a pequena istoria eisplicativa, qe logo diremos, ou outra similhante e preferivel, se lhe occorrer; advertindo, qe, quanto mais 'nessas istorias ele meter de circunstancias, de pessoas, ou coisas, bem conhecidas e familiares aos seus ouvintes, tanto mais saborosa e facilmente os instruirá.

A necessidade, qe eu tive, de resumir e concentrar cada uma destas istoriasinhas, para caberem na pagina correspondente á das figuras, me impediu adubal-as, e, mesmo esclarecel-as, como aliás conviria. Carta branca ao Professor, para ampliar, 'nesta parte, quanto podér e qizer.

O Professor terá sempre cuidado em mostrar a letra, como sombra da figura visinha, e em lhe

dar, bem distintos, todos os diversos valores, qe ela póde ter.

Eisplicada assim a primeira pagina, se é pelo livro qe ensina; ou primeiro Quadro, se professa diante de multidão, passará á segunda pagina, ou ao segundo Quadro, escondendo o primeiro para evitar distrações; do segundo ao terceiro com a mesma cautela, e assim por diante.

Chegado ao fim das seis vogaes, recomeçará pela mesma ordem, e com o mesmo methodo, repetindo a operação quantas vezes julgar conveniente, isto é, até qe os discipulos, ao verem cada Quadro, gritem prontamente, e sem eisitar, o nome ou nomes da sua figura ou letra.

REGRA GERAL: NESTE, COMO EM TODOS OS ESTUDOS, É UMA CONDIÇÃO ESSENCIAL, PARA SE CONSEGUIR VERDADEIRO APROVEITAMENTO, NUNCA JÁMAIS PASSAR ADIANTE SEM SE ESTAR COMPLETA E IMPERTURBAVELMENTE SENHOR DO ATRASADO.

Darei rasão de me não ter conformado na colocação das letras, com a ordem adótada em todas as cartilhas, e seguida nos dicionarios. Essa ordem, é a mais desordenada coisa, qe nunca ouve. As letras vogaes, e as consoantes, vão misturadas ao acaso; as consoantes parentas, arredadas umas de outras, e entremiadas de estranhas, etc. Pareceu-me, qe no classificar, e distribuir as letras em grupos, segundo as suas analogias, ou simpatias mútuas, serviria melhor ao instinto,

qe todos temos, de arranjo, e facilitaria por consequencia, o aprender. Eisperiencias reiteradas me provaram qe tinha rasão.

Dou, pois, em primeiro logar, as duas familias de vogaes: *a*, *e*, *i*, *y*; *o*, *u*. Na seguinte lição as consoantes, qe não tem analogas, *m*, *n*, *l*, *r*. Seguem-se as analogas; a saber: *b*, e *p*; *d*, e *t*; *f*, e *v*. Vem apoz as unisonas, ou de identico valor, *q*, *k*, e *c*. O *c*, faz pelo seu outro valor, qe é o mesmo qe o do *s*, tranzição natural para o *s*; bem como o *s*, pelo seu valor de *z*, faz natural tranzição para o *z*; o *z*, pelo seu valor de *x* em final de palavra, chama para ao pé de si o *x*. Segue-se o *j*, e o *g*. Terminamos pelo *h*, por ser figura muitas vezes morta e nula.

Poder-se-á objetar a esta classificação, a necessidade, qe á, de se ter de cór a ordem alfabetica, recebida corrente e geral, qe é a dos vocabularios. Não á dúvida, em qe essa anarqica e desorientadissima *ordem*, é indispensavel saber-se; mas não se segue d'aí, qe a devamos aprender n'um momento, em qe ela não serve senão de nos perturbar. Depois de bem sabidas as letras, qe é todo o nosso empenho agora, aprenderemos, e com muita facilidade, essa convencional distribuição do *abc*; para o qe, 'neste mesmo livrinho, ao diante se acharão formulas muito eficazes.

No ensino do ler por este metodo, o ritmo é uma parte essencial; o mestre qe não tiver de

seu um ouvido ritmico, forceje pelo ir creando primeiro em si, e logo depois nos discipulos; sem ritmo não á modo de se conseguir o ensino simultaneo, e vai-se inevitavelmente cair na miseria das decurias, ou do chamado ensino mutuo. Ritmo chamo á coincidencia e armonia das vozes, qe, a tempos certos e com iguaes compassos, proferem distintamente as mesmas palavras, as mesmas silabas, ou as mesmas letras. O ritmo nas nossas escolas é acompanhado pelos discipulos com uma palmada a cada palavra, silaba, ou letra, qe se profere; competindo ao mestre ir marcando com suma eisação todos estes palmeados cortes do dizer, por via de pancadas batidas com uma vara no chão, movimentos do braço, ou qualqer outro modo similhante. Avendo um compassador, maqina qe ideei para marcar aos olhos e aos ouvidos os tempos com qualqer gráo de velocidade desejavel, a cadencia ritmica com muita mais facilidade se adquirirá e com muita mais perfeição.

LIÇÃO PRIMEIRA.

SUMARIO.

Análise e sintese das palavras; distinção dos seus elementos em sons e articulações; letras vogaes, ou sinaes visiveis em qe os sons se traduzem; ritmo.

Falamos palavras: escrevemos palavras; lemos palavras.

As palavras, qe são eispressões sensiveis de idéas, e qe as comunicam ao espirito de outrem pelos ouvidos sendo faladas e pelos olhos sendo escritas, podem ser de diversos tamanhos, sem qe a grandeza ou peqenez d'elas corresponda á grandeza, ou peqenez da coisa por elas significada; assim a palavra *candieiro*, sendo quatro vezes maior qe a palavra *sol*, eisprime um objeto milhões e milhões de vezes mais peqeno qe o *sol*; e o vocabulo *Deus* é quatro vezes mais curto

qe o vocabulo *criatura*. Á palavras tão curtas, qe as pronunciamos 'num só tempo, á-as qe levam dois; á-as de tres, de quatro, de cinco, de seis, de sete, de oito, de nove, e de mais.

Assim como um peixe quanto mais comprido é, tanto mais postas dá, assim uma palavra, quanto mais longa é, em tanto mais porções se divide; ás porções, ou postas da palavra, chamamos silabas. Recitando-se qualqer palavra pausadamente, logo se reconhece, com a maior facilidade, de quantas silabas é composto aqele todo, qe á primeira vista dava ares de inteiriço. Eisemplos... O mestre aqi dividirá, clara e pausadamente, muitas palavras em silabas, acompanhando cada silaba com uma palma ou pancada de vara, e metendo de silaba a silaba um inter-

1 1 2 1 2 3
valo. *Pó*, pó; *Mundo*, mun-do; *Cidade*, ci-da-de;

1 2 3 4 1 2 3 4 5
Arvoredo, ar-vo-re-do; *Animalejo*, a-ni-ma-le-jo;

1 2 3 4 5 6
Misericordia, mi-se-ri-cor-di-a, etc.

Não á necessidade de propor as palavras pela ordem do numero das silabas, como aqi vão; podem tomar-se ao acaso, intermeando as grandes com as peqenas.

Logo qe o mestre presume qe a maioria dos discipulos tem entendido esta divisão das palavras em postas, silabas, ou tempos, propõe-lhes pala-

vras a uma e uma, pronunciando cada uma clara e distintamente, mas de um jato, e fazendo com qe os ouvintes lh'a recambiem logo dividida em silabas, acompanhada cada silaba por cada um d'eles com uma palma; e tendo cuidado em qe as palmas e as vozes coincidam perfeitamente como se fossem uma só palma e uma só voz; para o qe os deverá ir guiando com uma pancada de vara no chão a cada silaba, ou com um movimento do braço, ou com outro qualqer sinal, caso não tenha na aula o compassador mecanico. Eisemplos, em perguntas e respostas:

Pergunta. Trabalho?

Resposta. Tra-ba-lho.

P. Vida?

R. Vi-da.

P. Jardineiro?

R. Jar-di-nei-ro.

P. Rei?

R. Rei.

Estes eisemplos multipliqem-se em quanto se vir qe são necessarios e qe não fatigam.

Apenas se notar qe principia distração, e ao mesmo tempo se vir qe á ainda necessidade de teimar, recorra-se a um eispediente qe é dos mais apraziveis para os discipulos, e com o qual o mesmo eisercicio debaixo d'outra forma se póde continuar por algum tempo. Se o numero dos estudantes, e o espaço, e a distribuição da sala o

permitirem, formem-se a um, ou dois, ou tres de fundo de roda d'ela, ou n'um pateo, ou jardim, onde o ouver, e se o tempo o consentir, e marchando todos ao mesmo compasso, prosigam dividindo em silabas as palavras qe o mestre lhes proclamar, acompanhando todos cada silaba com um passo e uma palmada; as palavras qe á primeira vez não sairem bem, repitam-se. Este eisercicio, em qe tem de se armonisar tres coisas, o movimento dos pés, o das mãos, e a voz, é forçosamente irregular e quasi tumultuario no seu principio, mas como é parte importantissima para o ritmo, convem aplicar-lhe todo o cuidado até se obter a marcha silabica perfeita; tambem para aqi póde ser de grande aussilio o compassador.

É evidente qe nem no primeiro dia, nem nos primeiros, se logra levar todas estas coisas ao mais subido ponto; não se insista por tanto por óra 'nesta primeira pratica por mais tempo do qe for razão, e passemos da divisão das palavras em silabas, á subdivisão das silabas em elementos.

Sentados silenciosos os discipulos, o mestre os convida para um eisercicio qe lhes anuncia ser, alem de vantajoso, facil e aprazivel.

«Vistes já» lhes dirá ele, «um miseravel tomado de vinho, caido, sem forças, nem para se mover, nem quasi para falar? reparastes como a lingua se lhe emperra? como as palavras lhe saem descozidas umas das outras, vagarosas, estiradas,

por modo, qe parece cada uma uma enfiada de diferentes partes mal unidas? Pois é esse bruto qe nos vai agora servir para 'nele fazermos a anatomia das palavras.»

Aqi o mestre não se envergonhe de proferir algumas palavras á moda dos bebados, qe segundo a eispressão vulgar, *se não podem lamber*.

Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
Qui par l'art imité ne puisse plaire aux yeux.

Em arremedar para utilidade um objeto ridiculo, não á mal, nem desar; o desar para um mestre, e o mal 'numa escola, é só o não ensinar no menos tempo possivel o mais possivel, e antepor o qe adormenta, ou faz fugir, ao qe chama pela atenção e redobra o gosto.

Suponhamos qe é *navio* a primeira palavra qe lhes qer apresentar para eisemplo d'esta recitação esparralhada. Dir-lhes-á primeiro *navio*, correntemente; depois, o mesmo dividido nos cinco elementos de qe o vocabulo se compõe, tendo cuidado em não falsificar nenhum d'eles, e em os proferir a um e um com certa demora e desleixo imitativo: *n-á-v-i-u*; *Mulher*, m-u-lh-é-r; *Terra*, t-é-rr-â.

Como estes dê quantos eisemplos lhe parecer conveniente, tendo sumo tento em dar a cada elemento ou letra o seu valor purissimo, para o qe

se deverá antecipadamente enfrascar nas eisplicações de todos os valores das letras qe se acham nas seguintes lições.

Após este eisercicio de introdução, e em qe os discipulos são meramente ouvintes, observar-lhes-á como cada silaba contem um ou mais elementos; por outra, como cada uma d'aqelas postas em qe eles já sabem cortar a palavra, se pode dividir em lascas, qe é o qe efetivamente faz o bebado. Observar-lhes-á, qe, com um pouco de atenção, é muito facil distinguir 'numa silaba quantos são os elementos de qe ela consta. Por qe, se a silaba acaba como começa, tem um só elemento, isto é, uma só letra. Se a silaba começando de um modo passa logo a outro, e 'nele acaba, tem dois elementos. Se o principio, o meio e o fim da silaba diversificam no ouvido, tem tres elementos ou letras. Se o principio e o fim são distintos, e no meio se podem colher dois valores tambem distintos, quatro elementos terá a silaba, ou quatro letras. Assim das tres silabas de *Navio*, a primeira qe é *Na*, principia por um *N*, e acaba por um *á*, sem mais nada de permeio, é uma silaba de duas letras; — *vi*, está no mesmo caso; começa por *v*, e acaba logo por *i*; — a terceira silaba *o*, qe se lê *ú*, pela sua posição em fim de palavra, faz um som indivisivel, sendo o som qe a começa o mesmo qe a acaba, logo tem um só valor, ou uma só letra.

Nas duas silabas de *Mulher*, a primeira *Mu*, só dá ao ouvido duas diferenças, principio e fim: *M*, *u*; — *lher*, tres, principio, meio e fim: *lh*, *é*, *r*.

Depois de multiplicar eisemplos d'esta analise, feita sempre com a maior eisação, passe a propôr-lhes, a uma e uma, palavras, para qe eles as dividam primeiro em silabas, e logo depois em elementos, valores, ou letras, fazendo coincidir com uma palmada a recitação de cada silaba, e a de cada letra, e com o maior cuidado em qe palmadas e vozes saiam simultaneas e unisonas de todo o côro.

Não é no primeiro, nem nos primeiros dias, repito, que estas coisas se levam a uma eisação perfeita, e tanto mais, qe, um dos segredos principaes deste ensino, é a variedade, e por isso se não póde insistir muito a-fio em cada eisercicio. Até aqi tem os discipulos feito a analise, passemos á sintese.

Decomposéram palavras, componham-nas; tem andado no caminho qe leva pela escrita á leitura, entrem no qe leva pela leitura á escrita; — escrita e leitura, são por este metodo inseparaveis.

O mestre dê distinta e separadamente os elementos de uma palavra, acompanhando-os com palmas, os discipulos, com palmas tambem lhe restituam a mesma palavra por silabas, e depois por inteiro.

EISEMPLO:

MESTRE = *F, e, r; m, en; t, u?*

CÔRO DE DISCIPULOS = *Fer; men; tu: Fermento.*

MESTRE = *Q, â; r, â; v, é; l, â?*

CÔRO DE DISCIPULOS = *Ca; ra; ve; la: Caravela.*

É isto o qe nas nossas escolas se chama *leitura auricular.*

Depois d'algumas palavras lidas pelos discipulos auricularmente, passe-se á leitura auricular alternada. O mestre proponha, como acaba de fazer, os valores, elementos, ou letras, para qe os discipulos lh'os devolvam juntos em silabas, e as silabas em palavras; os mesmos discipulos em ato continuo, sempre em côro e com palmas, lancem ao mestre os valores, elementos, ou letras da mesma palavra, para que ele lh'os recambie em silabas, e finalmente na integra.

EISEMPLO:

MESTRE = *R, á; p, á, ch?*

DISCIPULOS = *Rá; pás: Rapaz.*

OS MESMOS DISCIPULOS = *R, á; p, á, ch?*

MESTRE = *Rá; pás: Rapaz.*

MESTRE = *Q, á; z, u?*
DISCIPULOS = *Cá; zu: Caso.*
OS MESMOS DISCIPULOS = *Q, á; z, u?*
MESTRE = *Cá; zu: Caso.*

Feito um pouco de todos os precedentes eisercicios, é tempo de observar qe dos elementos de qe as palavras se compõem, uns são sons, e outros não. Os sons na nossa lingua são dezaseis; nove puros, e sete nasalados; isto é, como qe proferidos em parte pelo nariz. Os nove puros são: *á, â, é, ê, e,* (com o valor qe tem na primeira silaba de *meditar) i, ó, ô, u;* os nasalados são *an, ão, en,* (como na primeira silaba de *entra*) *em* (como em *bem*) *in, on, un.*

Observe-se mais o como os nove sons puros (de qe os nasalados não são senão variedades) considerados em relação ao ouvido parecem formar duas escalas — 1.ª *á, â, é, ê, e, i* — 2.ª *ó, ô, u;* mas em relação á boca de qem os profere parecem constituir uma só escala, proferindo-se o *á* abrindo-se a boca o mais possivel, e indo-a progressivamente fechando pelos outros sons até o *u,* em qe já quasi de todo está cerrada.[1]

[1] É possivel com esforço pronunciar os nove sons, sem que na bôca se deixe notar esta progressiva diminuição de abertura, mas o natural, é o que no texto se observa, que todos podem verificar, e que o Mestre deve fazer verificar pelos seus ouvintes.

Os sons saem da garganta já formados, o qe é facil de reconhecer pondo sobre ela a mão para lhe eisperimentar o tremor qe acompanha cada som. Não assim os outros valores. O *F*, o *M*, o *X*, o *L*, o *N*, o mesmo *R*. etc., são modificações qe os sons recebem pelas varias posições qe ao passar d'eles tomam a lingua, os beiços e em geral as partes do instrumento vocal qe ficam para cima da garganta. Os sons poderiam todos ser proferidos sem lingua, sem dentes, e quasi sem labios; os outros valores qe figuram nas palavras dependem essencialmente de todas estas pessas sobrepostas ao instrumento. Os sons teêm por tanto uma eisistencia real e independente, em quanto os outros elementos da palavra não passam de modificações aos mesmo sons, o qe fez dar aos sons o nome de vogaes; e aos outros elementos o de consoantes, articulações, ou intonações. Eu chamaria aos sons *elementos substantivos*, e aos outros valores *elementos adjectivos* das palavras, denominação qe teria de mais a vantagem de acender anticipada uma peqena luz para os estudos da gramatica.

Passemos a mostrar os sinaes com qe se representam aos olhos sons, qe por sua natureza eram eisclusivamente destinados aos ouvidos.

O mestre colocará os seis quadros das vogaes uns por traz dos outros, e irá eisplicando cada um detidamente fazendo sobre a imagem qe se acha

UnB - CBEP
BIBLIOTECA

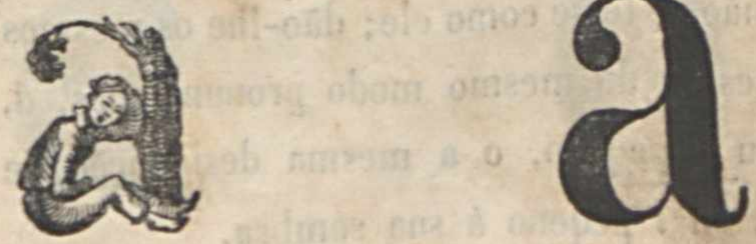
á direita de cada letra, e, por conseguinte á esquerda do espétadôr, a peqena istoria eisplicativa, qe logo diremos, ou outra similhante e preferivel, se lhe ocorer; advertindo, qe, quanto mais 'nessas istorias ele meter de circumstancias, de pessoas, ou coisas, bem conhecidas e familiares aos seus ouvintes, tanto mais saborosa e facilmente os instruirá.

A

Este periguiçoso passa os dias a bocejar. O som, qe faz, abrindo a boca, é, umas vezes, mais, outras, menos claro. Ora diz *Á*, com o valor do primeiro *Á* de *Ave;* ora, *Â* com o valor do primeiro *A* de Anna. *Á* direita está a sombra d'ele, e, como ao omem costumam chamar, por zombaria, o senhor *Á* ou *Â*, o mesmo nome de *Á* ou *Â*, dão á sombra.

a

O rapazinho, é madraço, assim como o senhor seu pai; encosta-se ás arvores, segundo ali se vê, e faz abrindo a boca os mesmos sons qe o pai; por isso lhe chamam o *á* ou *á* peqeno. *Á* sua sombra qe está á direita chama-se igualmente *á* ou *á* peqeno; como á primeira *Á* ou *Â* grande.



E

Pobre padeiro! Estava qente do forno, abriu a porta, e constipou-se. Está com uma tosse, qe mete dó; tosse de cinco modos; ora dando o som de *Â* [1] como bem se póde observar na segunda letra de *lei* qe se lê *lâi*; ora o de *É* como a primeira letra de *égua;* ora o de *Ê* como a primeira de *êle;* já de *E* quasi mudo como a ultima de *felicidade*; já de *I* como a primeira silaba de edificar [2] qe se lê idificar. Os visinhos já lhe não chamam senão o senhor *Â*, *É*, *Ê*, *E*, *I*, com os valores já designados e o mesmo á sua sombra.

e

O peqeno é seu filho, constipou-se na mesma ocasião, e tosse como ele; dão-lhe os mesmos cinco nomes, e do mesmo modo pronunciados, *â*, *é*, *ê*, *e*, ou *i* peqeno, e a mesma designação de *â*, *é*, *ê*, *e*, ou *i* peqeno á sua sombra.

1 / 2 } Vidè notas pag. 40.

E

e

I

Aqilo é um demente, qe nem falar sabe. Vive contentinho, e anda sempre a dizer: *i, i, i!* Chamam-lhe por isso o senhor *I* grande, e á sua sombra *I* grande.

i

O rapazinho, qe é seu filho, atira ao ar uma bola, mas todas as vezes qe ela vem para lhe caír na cabeça, assusta-se, e grita *i!* chamam-lhe *i* peqeno, e o mesmo á sua sombra.

I

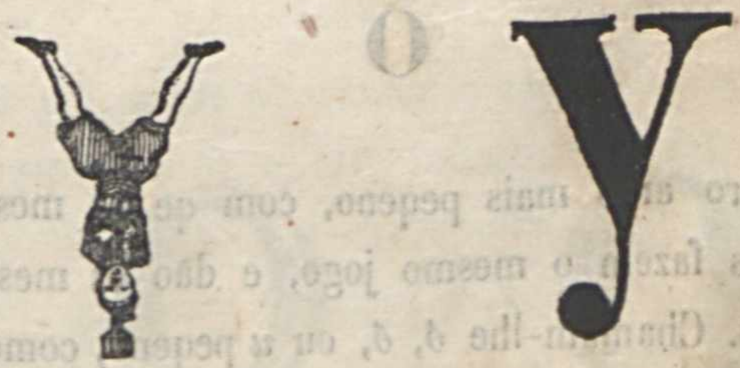
i

Y

Não conhecem logo á primeira vista qe está ali um arleqim? Pois é verdade, é um arleqim grego; alevanta as pernas para o ar e diz: *i*, *i*, *i!* Chamam-lhe o senhor *i* grego, e á sua sombra *i* grego, ou, simplesmente *i*.

y

Este é outro arleqim grego, seu filho qe, faz o mesmo. Chamam-lhe *i* grego peqeno, e á sua sombra *i* grego peqeno, ou *i* peqeno.



O

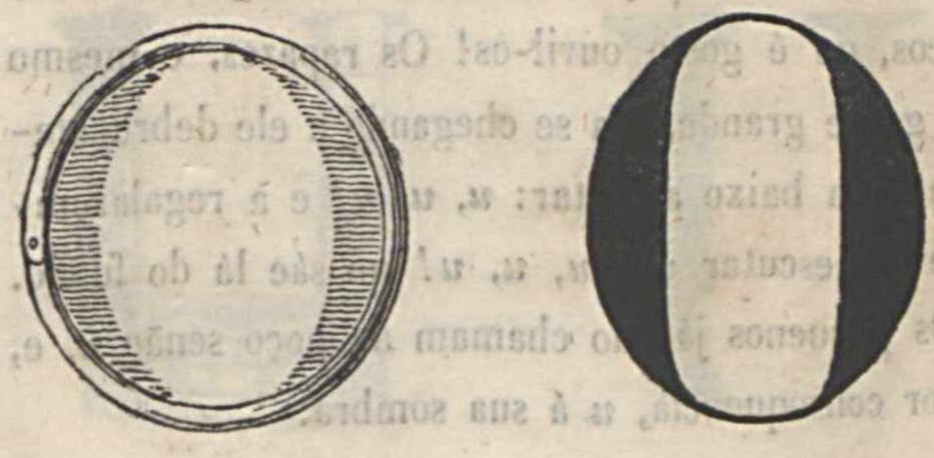
Com este arco brincam os rapazes, lançando-o a correr, de uma parte para a outra; quando o vêem rodar, fazem grande algazarra; uns berram: *Ó, Ó, Ó!* como a primeira silaba de *óra*; outros *ô, ô, ô!* como a primeira silaba de *ôvo*; outros *u*, [1] *u, u!* como a primeira silaba de *uva*; entre a rapaziada chama-se pois ao arco *ó, ô*, ou *u*, e o mesmo á sua sombra.

O

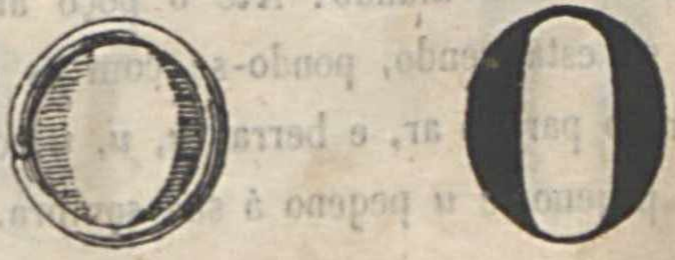
Outro arco mais peqeno, com qe os mesmos rapazes fazem o mesmo jogo, e dão os mesmos apupos. Chamam-lhe *ó, ô*, ou *u* peqeno, como ao outro chamam *ó, ô*, ou *u* grande.

[1] Vidè nota pag. 41.

U



U



U

Formidavel poço é este! Faz lá em baixo uns ecos, qe é gosto ouvil-os! Os rapazes, e mesmo a gente grande, em se chegando a ele debruçam-se para baixo a gritar: *u, u, u!* e a regalarem-se de escutar um *u, u, u!* qe sáe lá do fundo. Os pequenos já não chamam ao poço senão *u*, e, por consequencia, *u* á sua sombra.

u

O gaiatinho tem a mania de arremedar tudo quanto á 'neste mundo! Até o poço arremeda, como se está vendo, pondo-se com as pernas e um braço para o ar, e berra: *u, u, u*! chamam-lhe *u* peqeno, e *u* peqeno á sua sombra.

U

u

Temos conhecidas as seis letras vogaes ou substantivas, com qe se representam todos os nove sons puros da lingua portugueza. Aqi o mestre escreva com giz no quadro preto qe deve estar no topo da aula, e faça ler as seguintes palavras: *Aí*, *aía*, *aiai*, *eí*, *uí*, *eu*, *ia*, *eia*, Nas letras, duvidosas, isto é, qe teêm mais de um valor ajudal-os-á ou dizendo-lhes o valor qe a letra ali tem, no caso de para ele não aver regra, ou ensinando-lhes a regra se a ouver, como acontece, *verbi gratia*, com o ultimo *a* de *Aia*.

Essas regras lá se acham adiante formuladas em verso rimado. É conveniente começar desde já a manuseal-as.

[1] O valor de *â*, dado ao *E*, não se acha na primeira edição; qem m'o fez notar, foi o meu amigo sr. Eduardo Napoleão e Silva, talento eminentemente observador, e cujos trabalhos 'nestas materias de lingoagem, são muí valiosos. Com efeito, o *e* antes do *i*, segundo a pronuncia da capital, e de muitas outras partes do reino, é quasi sempre, talvez sempre, a de *âi*. No Alemtejo, e 'noutras provincias, difere. Os camponezes dos arredores de Lisboa, pronunciam-no como *é*, e suprimem o *i*; dizem *mantéga*, em logar de *manteiga*, e nós *mantâiga*.

São minudencias, mas 'numa boa prosodia não se podem despresar.

[2] Á pessoas de muita ilustração mas proluchas, qe negam ao *E* o valor de *I*. Entretanto, no pronunciar de quasi todos *Pedro* e *Antonio* é *Pedru* i *Antoniu*, *egual igual*, *egreja igreja*, se ha diferença, qe eu não faço nem jamais percebi fazer-se, deve ser minima, e de minimos nem os pretores curam, nem os proprios matematicos fazem caso.

DIVERTIMENTOS.

Para as óras de recreação, tanto em colegios, como em casas particulares, podem-se induzir as crianças ou a copiarem com giz em ardozia, ou com lapis em papel as fórmas das seis letras vogaes, ou mesmo a arremedarem as seis figuras de qe as letras são sombras.

Um bom passatempo seria ainda, avendo seis crianças, pintar-se a cada um no seu carapuço de papel uma das vogaes em ponto grande, avendo doze as grandes e peqenas; e sendo mais repetirem-se, e fazer com que eles nos seus jogos se chamassem pelos nomes das suas letras.

---

[1] Tambem a respeito d'este terceiro valor do *O* á ouvidos eiscessivamente delicados, qe o negam; dizem qe o ultimo som de *peru*, não é o mesmo qe o ultimo de *pero*; concedo-lhes qe a palavra *pero* e a palavra *peru* são tão diversas como os seus significados; mas a sua diferença não está no som final; está em duas outras cousas; está na diversidade de som da primeira silaba, e na diversidade de duração das duas silabas; em *pero* é pausada a primeira e fugitiva a segunda; em *peru*, pelo contrario, é fugitiva a primeira e a segunda pausada; demoro-me mais no *ru* de *peru*, menos no *ru* de *pero;* mas realmente, o *u* de *pero* e o *u* de *peru*, profiro-os do mesmo modo.

LIÇÃO SEGUNDA.

SUMARIO.

Recorda-se a primeira — Mostram-se as consoantes qe não têem analogas, m, n, l, r.

O principio desta lição deve ser: 1.° decomposição de palavras em silabas; 2.° decomposição de palavras em elementos; 3.° leitura auricular; 4.° leitura auricular alternada; tudo com a maior eisação; tudo ritmicamente; tudo, segundo o recomendado na lição primeira.

Eispliqe-se novamente a diferença das letras substantivas, e adjectivas. Tornem-se a mostrar os seis quadros da vespera, corrigindo alguma ineização qe ainda possa aparecer ao repetirem os valores das suas figuras; porqe, nunca me cançarei de o repetir, no ensino de qualqer ciencia, ou de qualqer arte, em qe á forçosamente dedução e encadeação logica de idéas, não se deve jámais

dar por sabido o que ainda o não está completamente. 'Nisto, como nos edificios materiaes, é preciso deixar assentar, ligar, e consolidar bem os alicerces, antes de começar a parede; e a cada fiiada de parede, qe se levanta, dar-lhe igualmente o tempo de sazoar, antes de a carregar com outra. Této ou abobada qe sobre paredes taes se não estribe, tem de desabar, e onde se contava com um palacio, achar-se-ão ruinas. Por se não atender a um ponto tão capital, e tão evidente, é qe vemos todos os dias, depois de longos cursos de estudos, ciencia nula, ou, o qe pior é, confusão, incoerencia, misto de luz e trevas, impossibilidade de vir jámais a saber.

Apresentem-se, com as mesmas clausulas, qe já ficaram notadas a respeito desses seis quadros, os quatro seguintes *m*, *n*, *l*, *r* com as istorias qe se seguem.

M

É uma vara de medir, feita de regoazinhas; pertencia a um logista muito tartamudo; quando ele qeria pedir a medida aos caixeiros, dizia-lhes: «dá-me cá essa me... me... me... medida»; os caixeiros ouvindo o *me* diziam-lhe «aqi tem a *m*.» O logista era de feição, e passou a chamar á medida *m*. O mesmo nome se dá á sua sombra, pronunciando-o como a primeira silaba de *me*dida, mas ainda mais surdamente.

m

Na mesma loja avia outra medida mais peqena de fita; para a distinguir já se vê, qe se lhe avia de chamar *m* peqeno, como a outra *m* grande.

M m

N

Forte madraço era este omem! Em vez de ir para o trabalho, arrimava-se com o bordão a um pilar, e assim ficava todo o dia; quando os outros trabalhadores lhe diziam: «anda d'aí bruto... vem para a obra», abanava as orelhos, e tão preguiçoso era, qe nem lhes chegava a dizer: não vou; respondia *ne, ne*, por isso lhe chamavam o senhor *n*, e á sua sombra *n*, pronunciado como a primeira silaba de *ne*gar, e ainda mais surdamente.

n

O filho tomou a manha do pai; era servente de pedreiros, mas tambem se ficava a preguiçar, como ali o estão vendo; e aos outros serventes, qe o desafiavam para os ajudar, dava ele o mesmo troco: *ne, ne;* chamavam-lhe o *n* peqeno, assim como á sua sombra, para o distinguir do pai, qe era o *n* grande.

N

n

L

Aí está um ledor tão afincado, qe de manhã até á noite, não faz senão ler; os visinhos quando passam, indo para o trabalho, ou recolhendo-se, e vendo-o sempre na mesma postura, dizem-lhe, a modo de chacota: *lé;* ficou-lhe o nome de *l*, mas pronunciando ainda mais surdamente do qe a primeira silaba de *le*gado. Á sua sombra tambem chamamos *l* pronunciado do mesmo modo.

l

O filho do senhor *l* tomou o costume do pai, e chamavam-lhe então o *l* peqeno; e á sua sombra *l* peqeno para a distinguir da sombra do pai, qe era o *l* grande.

L

l

R

Viva o senhor Castelhano com o seu pandeiro! Toca, qe é um regalo! Quando esfrega com mais força o dedo pela pele do instrumento, faz um som mais forte e trémulo, qe poderiamos designar pelo som da primeira silaba da palavra *re*gimento; e quando põe menos força, tira um som menos trémulo, e mais fraco, parecido á segunda silaba da palavra a*re*noso. Os rapazes qe não sabem o nome do tal Castelhano, chamam-lhe umas vezes senhor *rr*, mas pronunciado mais surdamente do qe a primeira silaba de *re*gimento; outras o senhor *r*, como na segunda silaba da palavra a*re*noso, e ainda mais surdamente do qe esta silaba. A sua sombra tem os mesmos dois nomes, só com a diferença de não levar senhor, e de se lhe ajuntar a clausula de grande, para a distinguir do qe se segue.

r

O rapazinho é tambem Espanhol, filho do outro, e toca como ele; dão-lhe os mesmos nomes, e os mesmos á sua sombra.

R

r

Retirados os dez quadros já sabidos, componham-se com as suas dez letras, ora em carater maiusculo, ora em minusculo, palavras faceis, escritas com giz no quadro preto, mas uma só de cada vez para evitar distrações. O professor, com uma vara comprida na mão vá apontando cada letra da palavra, e fazendo com qe no proprio momento em qe ele a indica, o côro dos ouvintes a nomeie unisono, e acompanhando-se de uma palmada. Se a letra qe mostra fôr das qe tem mais de um valor, procure nas regras em verso a regra qe tem por cima a mesma letra; faça por entendel-a bem para si; eispliqe-a com clareza e parcimonia de palavras; recite-a teistualmente até qe os ouvintes a decorem, e faça-a cantar com a toada do *pirolito*, ou se na terra se não usar esta moda, substitua-a pela mais popular qe aí haja, uma vez qe os versos se ajustem á sua medida. Avendo mais de uma popular, prefira a mais ligeira.

Voltando á letra duvidosa, apliqe-lhe o qe a regra diz, caso na regra, ou na sua eisplanação se encontre coisa qe lhe determine o valor na ipotese dada; aliás, diga ele mesmo o valor com qe a letra ali entra. Lida a palavra por letras, vagarosasamente como sempre ao principio acontece, faça-a relêr segunda, terceira, quarta vez, e quantas vir qe são necessarias para o fazerem com facilidade. Conseguido isto, aponte com a vara, em

logar das letras a uma e uma, as silabas a uma e uma; e a final, a palavra por inteiro.

Eis-aqi um peqeno rol de palavras para este eisercicio; o mestre poderá lembrar-se de outras muitas.

No ensino individual feito por este livro eiscusado é copial-as com giz; póde o aluno lel-as aqi mesmo; seguindo-se com ele nesta parte, como em tudo, o qe se tem dito, e o mais qe se ouver de dizer a respeito de uma classe numerosa.

Mano, Mana, Amo, Ama, Amei, Amai, Amar, Maria, Moiro, Roma, Ruma, Rima, Arma, Remo, Ramo, Nora, Reino, Ruina, Loiro, Leria, Leiria, Lume, Lama, Alma, Mula, Mil, Mel, Mala, Nome, Mono, Lino, Loro, Emilia, Amelia, Mola, Moela, Rolo, Ralo, Raro, Roer, Manoel, Lameiro, Menor, Leonor, Menino, Menina, Amarelo, Mar, Ramela, Rei, Reima, Maroma, Muro, Rumo, Memoria, Mamar, Ermo, Arruma, Arrumar, Arrumei, Arrumaria, Romaria, Romeiro, Leme, Limo, Miolo,

Mioleira, Ano, Anil, Anel, Anual, Manual, Mimo, Momo, Mina, Marmelo, Marmeleiro, Rama, Mama, Lula, Lila, Anular, Moreia, Moral, Imoral, Armar, Armario, Amor, Ilario, Leira, Lira, Ela, Ele, Reu, Reino, Reinar, Reinol, Arruinar, Nilo, Rima, Melo, Molina, Moliana, Meia, Melena, Meio, Arrieiro, Rol, Rola, Amimar, Ramiro, Amainar, Lona, Amolar, Nanar, Irmanar, Oiro, Orror.

E com isto termina a segunda lição.

DIVERTIMENTOS.

Façam-se com as 10 letras os mesmos passatempos já indicados com este mesmo titulo de *Divertimentos* no fim da primeira lição.

LIÇÃO TERCEIRA.

SUMARIO.

Repetição de eisercicios. Mostram-se as consoantes qe tem analogas, a saber: b e p, d e t, f e v.

Repetidos todos os eisercicios das duas lições antecedentes, e recordados os dez quadros já conhecidos, mostrem-se e eispliqem-se os seguintes:

B

Os bois d'esta canga, aperriados com o trabalho, soltam gemidos, qe sôam como a primeira silaba de *be*ber. O carreiro chama á junta o seu *b*. Á sombra chamemos tambem *b*, pronunciado do mesmo modo, isto é, com o menor som possivel.

b

Outra canga com um só boi. Este, pela mesma razão solta eguaes berros, e tem, por tanto, o mesmo nome. Á sua sombra chama-se o *b* peqeno, em contraposição á precedente, qe se chama o *B* grande.

B

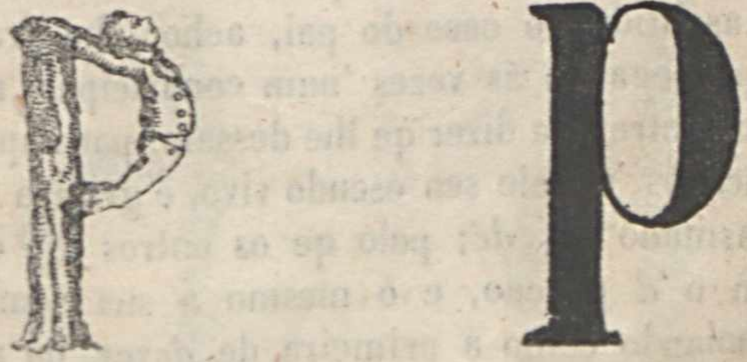
b

P

Por aqele mastro apostou aqele omem, qe avia de trepar, e sentar-se lá em cima; já tem a aposta quasi ganha, mas vão-lhe faltando as forças; vai escorregar; grita qe lhe falta o *pé*, mas, é tão atrapalhado, qe nem diz *pé*: diz *p*, como a primeira silaba de *pe*dir, pronunciada surdissimamente. Á sombra chamam o *P* grande, pronunciado, como dito fica.

p

O filho faz o mesmo qe o pai; a ele, e á sua sombra, chamam *p* peqeno.



D

Este soldado entrou um dia no arsenal, e viu um escudo; perguntou, de qe servia; eisplicaram-lhe ser uma arma defensiva para aparar os golpes; gostou da idéa; cobriu-se com o escudo, e começou para os companheiros: *dê*, *dê* para aí; ficaram-lhe chamando o *Dê*. Com o tempo foi-se-lhe o nome corrompendo até ficar surdissimo, isto é, ao principio soava como a primeira silaba de *de*do, e depois ficou sempre soando como a primeira silaba de *de*ver, ou antes como o final de Davi*d*. O mesmo nome se dá á sua sombra.

d

Este filho do soldado, qe andava na escola, e tinha assistido ao caso do pai, achou-lhe graça; pelo qe, pegando ás vezes 'num condiscipulo mais peqeno, entrava a dizer qe lhe dessem, para aparar as pancadas 'naqele seu escudo vivo, e gritava todo entusiasmado *dê*, *dê*; pelo qe os outros lhe chamavam o *d* peqeno, e o mesmo á sua sombra, pronunciando como a primeira de *de*ver, ou mais propriamente como o fim de Davi*d*.

D

d

T

O carpinteiro dono d'este martelo, tinha a mania de muito poupado no falar; todas as palavras lhe pareciam compridas de mais; condemnava-as como desperdicio de tempo, e substituia-lhes outras mais curtas e eispressivas, lá da sua invenção. Como um martelo quando bate faz *T*, *T*, *T*, chamava-lhe o *T*, pronunciado mais surdamente qe a primeira silaba de *te*mor. Á sua sombra dêmos pois o nome de *T* grande, para o distinguir de outro martelo, tambem seu, qe vamos vêr.

t

A este chamava o senhor mestre carpinteiro o *t* peqeno. Á sua sombra chamemos *t* peqeno, pronunciado, bem entendido, como acima.

T

t

F

Aqele omem está eisperimentando a pistola; a armazinha é de tal casta, qe nunca descarregá; arde a escorva, e faz *F*, como um gato a bufar. De toda a parte lhe gritam *F*, isto com som ainda menor do qe tem a primeira silaba de *Fe*liz; o seu nome é pois o senhor *F*, assim pronunciado surdissimamente, e o da sua sombra *F*, pronunciado do mesmo modo.

f

O gaiatinho cassoava o senhor *f*, e o senhor *f* pregou-lhe uma tunda. D'aí por diante o gaiato, quando o via, pegava na seringa em ar de pistola, esguichava, para qe fosse a agoa qe lhe fizesse *f*; os gaiatos do bairro ficaram-lhe chamando o *f* peqeno, á sua sombra *f* peqeno tambem, para o distinguir do *F* grande.

F

f

V

Com esta bomba se regam jardins; a agoa qe dela sáe, sôa *V*, ainda com menos som do qe a primeira silaba de *velar*. O jardineiro chama á bomba *V*; *V* chamaremos á sua sombra.

V

Outra bomba para o mesmo uso, porém mais peqena; chama-lhe o dono o *v* peqeno: *v* peqeno se nomêa tambem a sua sombra, pronunciado como acima.

V

V

Com as 16 letras já sabidas, formará o mestre no quadro preto muitas palavras, qe fará ler pelo côro ritmicamente e com palmas, como as da lição antecedente, isto é, com a vara na mão apontando primeiro as letras, depois as silabas, a final o vocabulo inteiro. Ácerca das letras de valor duvidoso recorrerá sempre á respetiva regra, segundo o advertido na precedente lição.

Para lhe pouparmos o trabalho da procura, aqi lhe damos um rol de termos.

Pata, Peloiro, Patada, Patarata, Peta, Peteiro, Peteira, Pote, Apito, Pilula, Porta, Portal, Portaria, Rapina, Faval, Faveira, Fome, Abanador, Abano, Abanar, Abanado, Doidivana, Parvo, Atoleimado, Bolonio, Palerma, Tolo, Doido, Bruto, Broma, Burro, Lorpa, Pateta, Patola, Aboleimado, Maroto, Vadio, Mariola, Orate, Pirolito, Pato, Poleiro, Apolinario, Pulo, Pala, Verruma, Forma, Mofa, Mofo, Muafo, Muafa, Navio, Novelo, Arrepelar, Papelada, Rolada, Fumo, Fumar, Vime, Pa-

vio, Paiva, Povo, Polvo, Bolo, Finorio, Marufo, Furor, Furia, Fueiro, Vario, Variado, Forte, Furto, Dedo, Ladra, Ladrar, Tutano, Ternura, Pedra, Padre, Pedro, Funil, Podre, Formato, Viana, Naipe, Lobato, Saibo, Umilde, Baronato, Baronia, Metodo, Rapadura, Rebolo, Rabola, Poeta, Petimetre, Pelado, Lamina, Taful, Namorador, Derriado, Bonitote, Deputado, Falador, Demorado, Diplomatico, Funileiro, Bonina, Defumado, Perfumado, Lavadito, Luveiro, Alfaiate, Barbeiro, Ferreiro, Breu.

DIVERTIMENTOS.

Com as 16 letras já sabidas podem-se ampliar os eisercicios já lembrados com este mesmo titulo de *Divertimentos* no fim das lições precedentes.

LIÇÃO QUARTA.

SUMARIO.

Repetição das precedentes. Ajuntam-se as consoantes unisonas, ou de identico valor, q, k, c; ç, s, z *e* x; j *e* g.

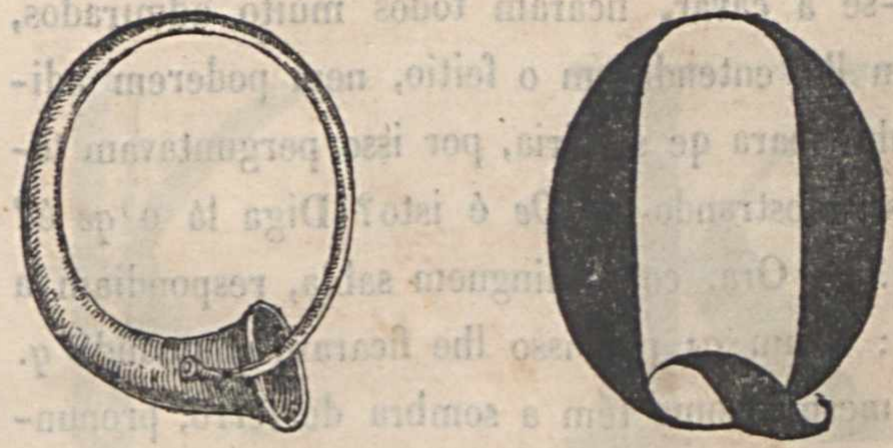
Recordadas as 16 letras precedentes, mostrem-se e eispliqem-se por igual modo as seguintes.

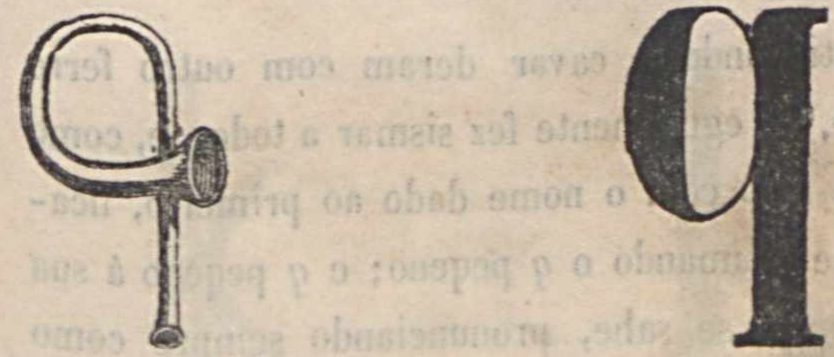
Q

Instrumento para os surdos; facilita-lhes o ouvir; este pertencia a um môco muito curioso, qe em pescando alguèm a falar, logo o fincava ao ouvido, perguntando: *Qe* diz? *Qe* é lá? *Qe?*.. O criado dele já não chamava á busina senão o *q* do patrão, pronunciando este *q* ainda mais surdamente qe a primeira silaba de *qe*rer. Á sua sombra chama-se *q*, pronunciado, já se sabe, do mesmo modo.

q

Outra busina ácustica do mesmo dono, mas de diverso feitio e tamanho; a esta chamava o criado o *q* peqeno, para a diferençar do *q* grande. A sua sombra fica sendo o *q* peqeno.





K

Isto é um ferro qe se achou na terra, andando-se a cavar, ficaram todos muito admirados, sem lhe entenderem o feitio, nem poderem adivinhar para qe serviria, por isso perguntavam todos, mostrando-o: *Qe* é isto? Diga lá o *qe* é? *Qe?*... Ora, como ninguem sabia, respondiam a rir: é um *q*; por isso lhe ficaram chamando *q*. O mesmo nome tem a sombra do ferro, pronunciando-se ainda menos sonoramente qe a primeira silaba de *Qe*rer.

k

Continuando a cavar deram com outro ferro peqeno, qe egualmente fez sismar a todos, e, como tinham rido com o nome dado ao primeiro, ficaram-lhe chamando o *q* peqeno; e *q* peqeno á sua sombra, já se sabe, pronunciando sempre como dito fica.

K

k

C

Vedes um tartamudo muito comprimenteiro. Encontra alguem, curva-se todo; umas vezes, qer dizer: *Criado, meu senhor;* e fica meia ora *q, q, q;* outras vezes: *Senhor fulano;* e fica *s, s, s, s.* Chamam-lhe então o senhor *q* ou *s.* O *q* pronunciado menos sonoramente qe a primeira silaba de *qe*rer; e não como a primeira de *qe*do, nem como a primeira de *qe*ro, e o *s* menos sonoramente qe a primeira de *ce*rieiro, e não como a primeira de *cé*ra, ou a primeira de *ce*dro.

C

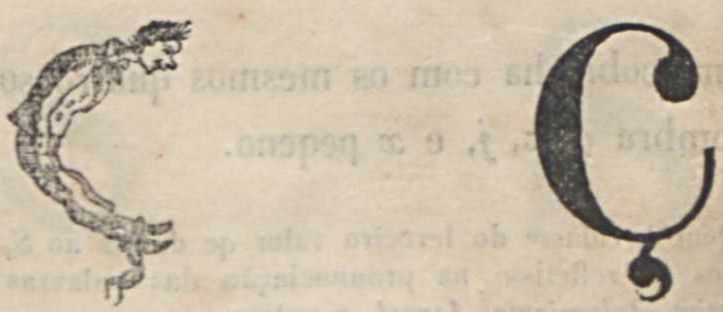
O filho do comprimenteiro em tudo se parece com o pai; nas cortezias, no gaguejar, e nas palavras com qe saúda; pelo qe lhe dão os mesmos dois nomes, como se fossem apelidos de familia; e á sua sombra o de *q* ou *s* peqeno; já se sabe, pronunciando sempre surdamente, como já advertimos a respeito do pai.

Ç

O comprimenteiro grande foi uma vez ao Paço com grandes laços de fita nos sapatos, desatou-se-lhe um, ficando a arrastar por baixo do pé. Como então tratava com personagens, abstinha-se do termo familiar *Criado do senhor;* tudo era: *Senhor e Senhora*, já se sabe, á sua moda de tartamudo; pelo qe no Paço só lhe chamavam o senhor *s*. Á sua sombra, qe lá mostra a fita a rastos, chamamos, pois, sempre *s;* pronunciando como aqele soído ou silvo qe faz qem chama por pessoa qe está longe.

Ç

Com a fita do sapato desatada o nosso rapazinho das cortezias, para não deixar de ser em coisa alguma o macaco de seu pai, tambem não diz senão *s*, *s* — *Senhor e Senhora*, pelo qe lhe chamam *s* peqeno, proferido como acima.



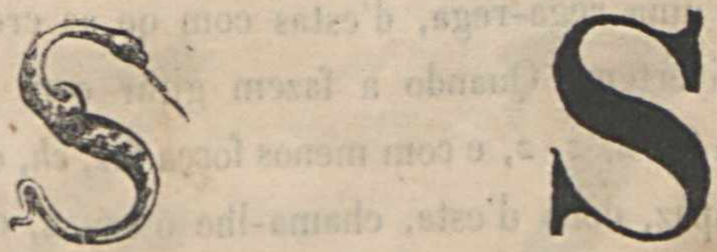
S

Esta serpente, segundo está, mais ou menos assanhada, dá quatro castas de sons diferentes: *ç* surdo, como silvo de qem chama; *z* surdo, como a primeira de *Z*enobia; *j* surdo como a primeira silaba de *ge*mer, ou ainda mais surdo; e *x* surdo como faz qem se admira. Á sua sombra chamam *ç*, *z*, [1] *j*, e *x* grande para se não confundir com a outra, qe aí vem agora.

S

Uma cobrinha com os mesmos quatro sons. A sua sombra *ç*, *z*, *j*, e *x* peqeno.

[1] Qem duvidasse do terceiro valor qe dâmos ao *S*, pedir-lhe-iamos qe refletisse na pronunciação das palavras *asma*, *asna*, *osga*, *Islamismo*, *Israel*, e outras.



Z

Terrivel coisa é o corisco, ou raio, qe estaes vendo! Quando corre pelo ar faz: *Z* ou *Ch*; o *Z* pronunciado, não como a segunda silaba de a*zedo*, mas ainda menos sonoro qe a segunda de a*ze*dume, e o *Ch* como o qe faz qem se admira. Ao seu reflesso chamamos *z* ou *ch*.

Z

É uma cega-rega, d'estas com qe as creanças se divertem. Quando a fazem girar com muita força faz *z*, *z*, *z*, e com menos força faz, *ch*, *ch*, *ch*. O rapaz, dono d'esta, chama-lhe o seu *z*, ou *ch*; chamemos á sua sombra o *z*, ou *ch* peqeno, pronunciados como o *z*, ou *ch* grande.

Z

Z

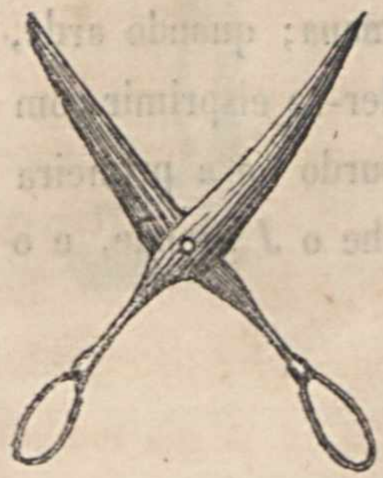
X

A tezoira, segundo o qe se corta, e o estado d'ela, dá sons diferentes; cortando cabelo faz *ch* como faz qem se admira; cortando em seda, faz *ç* com o soido de qem chama; ás vezes, cortando tambem em seda, mas tendo bocas, faz *qç* como qem açula um cão. Quando o eicho lhe emperra, faz um rangido como *ich;* finalmente, quando se amola no rebolo, faz *iz*. Á sua sombra dão os mesmos cinco nomes, *ch*, *ç*, *qç*, *ich*, *e iz*. [1]

X

Sobre a tezoira peqena, e a sua sombra, o mesmo qe sobre a grande, e a sua sombra.

[1] Os seguintes eisemplos provam ter realmente o *x* todos os cinco valores, qe lhe atribuimos, os dois simpleces *ch* e *ç*, e os tres duplices ou compostos, *qç*, *ich*, e *iz*. *Xenofonte* pronuncia-se Ch*enofonte; proximo*, *procimo*; *convexo*, *conveqço; sexto*, *seichto; exordio*, *eizordio*.



X

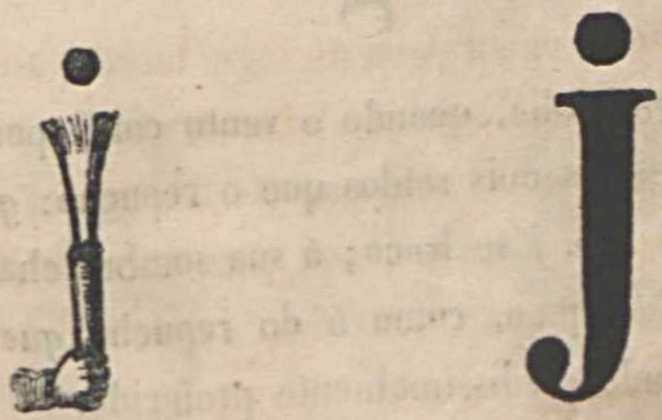
X

J

Conheceis esta peça de foguetaria? É o qe chamam pistola, ou lanterna romana; quando arde, faz uma zoada, qe parece poder-se eisprimir com o som de *Ge* surdo, e mais surdo qe a primeira silaba de *Ge*neral; chamam-lhe o *J* grande, e o mesmo á sua sombra.

j

Aí está uma egual peça de foguetaria a arder, e a fazer a zoada, qe já dissemos; de vez em quando dispára uma lagrima, ou lua muito clara; chamam-lhe o *ge* peqeno; porqe, como já se qeimou em grande parte, por força ha de ter menos qe a outra. A sua sombra é *j* peqeno.



G

Olhai para aquelle repucho, debaixo daqela arvore! Quando lhe abrem o registo todo faz um estrondo muito forte e aspero, similhante ao som da primeira silaba de *Gue*rrear; quando lhe abrem só meio registo, sae a agoa fazendo um som, qe se póde eispressar pela primeira silaba de *Ge*mer, pronunciada surdamente. As creanças, qe não sabem o nome do repucho, chamam-lhe *Gue* ou *J*; e o mesmo nome se dá á sua sombra.

g

Esta plantinha, quando o vento corre por ela, faz os mesmos dois soídos que o repucho: *gue* se o vento é rijo, *j* se fraco; á sua sombra chamam *gue* ou *j* peqeno, como á do repucho *gue* ou *j* grande, tudo surdissimamente proferido.

G

g

Segue-se escrever no quadro preto, quaesqer palavras portuguezas, evitando só aqelas em qe entrem os sons nasalados *am an* e *ão*, *em en*, *im in*, *ym yn*, *om on*, *um un*, e bem assim as articulações compostas *ch*, *nh*, *lh*, e *ph*, ou mesmo só o *h*.

Entendido está qe para as letras de mais de um valor, se deve recorrer ás regras em verso, todas as vezes qe por elas se lhes possa determinar qe valor têem na palavra em qe aparecem.

Segue-se uma serie de palavras, qe no ensino individual se farão ler por este mesmo livro, e qe no ensino simultaneo de uma classe se irão copiando a uma e uma no quadro preto.

Quilate, Kagado, Kalendario, Querido, Quina, Quiteria, Aqui, Porque, Capuz, Taco Pataco, Careta, Cacete, Cepa, Cacino, Caçoada, Coçar, Madraço, Santo, Senhora, Senhor, Raspa, Mestre, Triste, Gosma, Fisga, Casa, Coisa, Coisas, Soisa, Soisas, Cesar, Zaragatoa, Zunir, Jornada, Geito, Gema, Joelho, Janota, Gebo, Gibada, Gabadas, Jejuar, Cáju, Xarope, Exemplo, Perplexo, Sexto,

Fino, Xarroco, Xá, Xina, Saxonio, Armas, Peixe, Armamento, Ralaço, Arâme, Rabanetes, Pêcegos, Peras, Uvas, Giga, Damascos, Figos, Cravos, Palmito, Capela, Rapariga, Garôto, Gatuno, Giria, Girasol, Xineiro, Salsa, Salsada, Salva, Salvador, Salvar, Sal, Saleiro, Gago, Gerigôto, Verde, Verdura, Sinêta, Xicara, Garatuja, Coruja, Pequeno, Pequenos, Pequenitos, Picaria, Sopas, Cereja, Solda, Soldo, Soldado, Soldada, Soldadesca, Firmeza.

DIVERTIMENTOS.

Os mesmos divertimentos das lições precedentes.

LIÇÃO QINTA.

SUMARIO.

Recordação das precedentes. Sons nasalados.

Percorridos a um e um todos os quadros das letras aprendidas, e ditos pelos discipulos á vista de cada quadro, e por quatro vezes em côro unisono e com palmas o valor ou valores da letra, eispliqe-se-lhes o mais claramente qe se possa o seguinte:

Já observámos qe os sons puros e simplices da lingua portugueza eram nove; (recorde-se o qe fica a pagina 25) cinco destes nove sons, a saber *á*, *é*, *i*, *ó*, e *u* podem ser lançados por modo qe

em vez de saírem diretamente da garganta pelos beiços fóra, na passagem da garganta aos beiços subam ao alto da cavidade da boca, e ali formem uma especie de retenimento, ou éco, parecendo fazer um certo esforço para saírem pelo nariz. Pondo-se a mão sobre a cabeça é facilimo reconhecer pelo tato a diferença qe vai dos sons, a qe chamamos nasalados, aos qe chamamos puros e simplices; porqe os nasalados são acompanhados de um tremor muito mais forte em toda a cabeça, cujos ossos então vibram como a caixa de um instrumento musico quando se toca.

Os sete sons nasalados são: *An*, *Ão*, *En* (como na primeira silaba de *Entra*), *Em* (como *Tem*), *In*, *On*, *Un*.

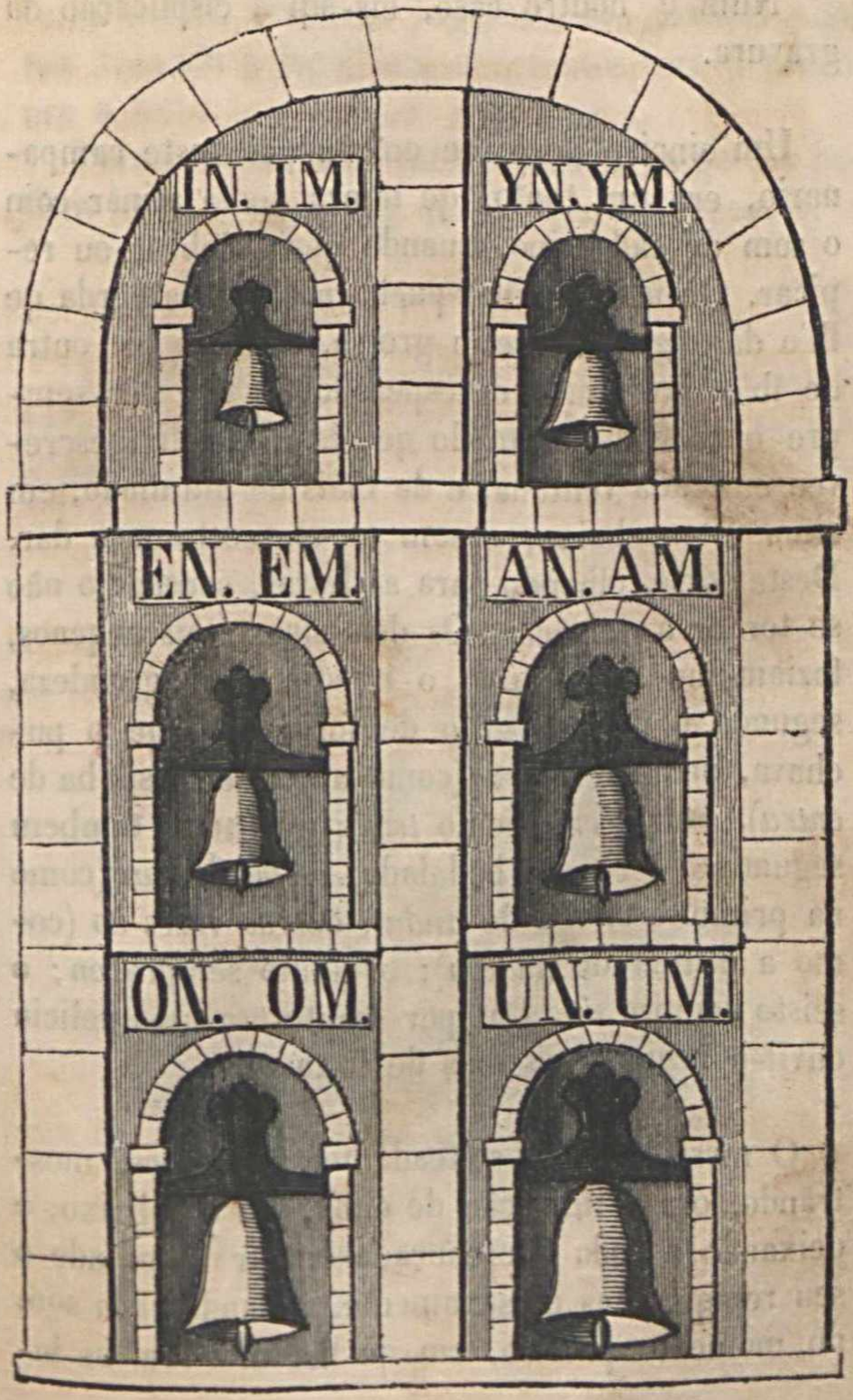
Faça-se eisperimentar pelos discipulos a verdade do qe fica dito, mandando-lhes repetir com as mãos apertadas na cabeça os seguintes eisemplos. Em cada par de palavras qe vamos propôr figurará primeiro a palavra de som puro ou simples com a sua vogal em italico, e depois a mesma vogal nasalada em caratéres italicos tambem. *A*ma, *an*da. Fôrm*a*, form*ão*. *E*ste, *en*tra. V*ê*, *Vem*. *I*lha, *in*dez. M*o*no, m*on*te. M*u*do, m*un*do. Podem-se-lhes dar como estes mais eisemplos. O eisercicio é util e divertido.

Os sons simplices ou puros, já vimos qe se re-

presentavam cada um com um sinal; os sons nasalados representam-se com mais de um sinal. O primeiro com *Am* ou *An*, o segundo com *Am* ou *Ão*, o terceiro com *En* ou *Em*, o quarto com *Em*, o quinto com *In* ou *Im*, com *Yn* ou *Ym*, o seisto com *On* ou *Om*, o setimo com *Un* ou *Um*.

Como porém isto em teoría seca, de pouco ou nada lhes podia servir, e uma das dificuldades da leitura, mais ruins de vencer, é ler as vogaes nasaladas, como bem devem ter reconhecido os mestres no antigo metodo, diligenciei desvanecel-a, e com o seguinte quadro mui facilmente o consegui.

O campanario, qe ele representa, lá se acha tambem em ponto grande entre os quadros para as escolas; para o ensino individual basta este do livro.


IN. IM.
YN. YM.
EN. EM.
AN. AM.
ON. OM.
UN. UM.

'Num e 'noutro caso, eis-aqi a eisplicação da gravura.

Um sineiro novo, qe entrou para este campanario, era um tonto, qe nunca podia atinar com o som de cada sino, quando qeria dobrar ou repicar. Qeria som fino, puchava por uma corda qe lh'o dava grosso; qeria grosso, puchava por outra qe lh'o dava fino; desesperado de lhe sair sempre o toqe diferente do qe ele pretendia, escreveu em cada ventana, e de mais de um modo, em cima e em baixo, o som qe ele costumava dar. Desta sorte, olhando para as letras, conseguio não se tornar a eqivocar. Os dois sinos mais peqenos, faziam-lhe ambos *im;* o imediato em grandeza, segundo o diverso gráo de força com qe o puchava, umas vezes *en* (como a primeira silaba de *entra*), outras *em* (como *tem*); o quarto, tambem segundo a força da badalada, respondia *an* (como na primeira silaba de *anda*), outras vezes *ão* (como a ultima de *andam*); o quinto sempre *on;* o seisto sempre *un.* Daí por diante era uma delicia ouvil-o repicar nos dias de festa.

O mestre aponte salteadamente os sinos, mostrando, ora a inscrição de cima, ora a debaixo, e deixando a toda a creançada entoar á vontade o seu repiqe, mas unisonamente, e dando cada som no momento preciso, em qe lhe mostram as le-

tras. Para sair mais gracioso o eisercicio, o ponteiro andará ora mais vagaroso, ora mais rapido, ora tocando a fogo, ora a defuntos, ora á missa, ora a festa.

Perdoem-me mais este escandalo os qe não podem levar á paciencia qe se riam as creanças.

Á ainda para representar o segundo som nasalado do quarto sino, além do *am* qe lá se vio, o *ão*.

ÃO

Os rapazes do jogo do arco, faziam-no rodar contra o madraço grande, e ao mesmo tempo lhe arremeçavam de longe o proprio páu, com qe batiam no arco (lá lhe vai ele passando por cima da cabeça); o sugeito tinha medo, e com rasão, e por isso para os intimidar, ladrava como um cão qe os qeria ingulir, *ão, ão.*

ão

O mesmo qe acontecia ao senhor *A* grande sucedia ao *a* peqeno, o qual 'nesses apertos tambem fazia: *ão.* Portanto, qem vê *ã o*, conhecendo ser a sombra d'aqilo, logo diz: *ão.*

AÕ

ão

Já podemos portanto ler palavras em qe figurem vogaes nasaladas; eis um rol delas, qe, segundo o qe já tantas vezes fica dito, se irão copiando para o quadro preto, se o ensino fôr em escola.

Manto, Mente, Minto, Monte, Mundo, Ninfa, Tampa, Tempo, Limpo, Lombo, Zabumba, Mandam, Mandão, Medem, Parabem, Conto, Canto, Cinto, Cento, Vento, Unto, Defunto, Presunto, Ranço, Ganço, Pança, Tença, Desavença, Sonso, Esconço, Onça, Geringonça, Aldonça, Caconça, Afonso, Ginja, Pinga, Leão, Pão, Mão, Cão, João, Simão, Maranhão, Tubarão, Trempe, Trompa, Tromba, Trunfo, Triunfo, Tantarantana, Ranacataplana corre atraz da ratazana, Rãocataplão corre atraz do canzarrão.

DIVERTIMENTOS.

Os divertimentos desta lição podem ser além dos imitados das precedentes, o contraprovarem o reconhecimento da diferença dos sons puros, aos nasalados, pelo apalpar da cabeça; e o de repicarem diante do campanario. Qerendo, podem até colocar-se seis em cima de bancos com os braços abertos, a arremedar sinos, com os competentes rotulos em tiras de papel na cabeça e no peito, e respondendo com o devido som, quando lhes fôr tocando o condiscipulo qe fizer de sineiro.

LIÇÃO SEISTA.

SUMARIO.

Recordação das precedentes — Articulações compostas.

Tinhamos dividido os elementos das palavras em sons e articulações — vogaes e consoantes, ou letras substantivas e adjetivas. Tinhamos mostrado todos os seis caratéres vogaes *a*, *e*, *i*, *y*, *o*, *u*; e todos os desanove caratéres consoantes *m*, *n*, *l*, *r*, *b*, *p*, *d*, *t*, *f*. *v*, *q*, *k*, *c*, *ç*, *s*, *z*, *x*, *j*, *g*; acabâmos de ver na lição passada os sons nasalados qe se representam cada um por duas letras: *an*, *ão*, *en*, *em*, *im*, *on*, *un*. Resta-nos ver as articulações compostas, ou elementos consoantes, qe igualmente se representam cada um com dois sinaes juntos. Estas são: *ch*, *lh*, *nh*, *e ph*. E como o *h* seja em todos eles um elemento obrigado, do

h falaremos em primeiro lugar; advertindo qe não é letra; qe muitas vezes é mesmo nada quanto ao valor, e algumas um mero sinal, qe nos adverte de qe a letra qe está antes dele é uma consoante de valor diferente do qe teria se ele aí se não achasse. Entendido está, qe esta eisplicação por ora é só para o mestre.

H

A este guerreiro turco, com a sua lança na mão, chamam, lá os da sua terra, um *Agá*, e é um grande omem para os seus, mas para nós não val quasi nada; chamamos-lhe o *Agá* grande, e á sua sombra o mesmo, ainda qe, tambem d'ela quasi nunca fazemos caso.

h

Ali está a cadeira de espaldar, e com almofada fofa, em qe o senhor *Agá* grande se costuma sentar; para qe ninguem mais se sente 'nela, dão-lhe o nome do dono; chamam-lhe o *agá* peqeno; ora, se nós do dono não fazemos muito caso, como o aviamos de fazer da sua cadeira? Á sombra d'ela chamamos igualmente *agá* peqeno, e tambem lhe não costumamos dar valor.

H

h

Aqi o mestre ensinará e fará cantar a regra em verso relativa ao *H;* depois do qe lhes fará ler no quadro preto as palavras:

Homem, Hoje, Hontem, Homenagem, Historia, Heitor, Helena, Hamburgo, Holanda, Haver, Haveres.

Advertirá depois qe mesmo em meio de palavra o *h* se intromete muitas vezes, sem ter lá nada qe cheirar; e parece qe de proposito para fazer tropeçar e cair a qem não estudou nem poude estudar linguas mortas, qe é a quasi totalidade de uma nação, e fazer, por consequencia, cometer na escrita cardumes de pecados sem a mais peqena sombra de imputação.

Eisemplos qe se farão ler aos discipulos:

Chronica, Charidade, Hypothese, Thema, Christão, Chrisma, Cathalogo, Cherubim, Patriarcha, Archanjo, Chilo, Sisthema, Cathedratico, Chronista, Achilles,
e as mais qe lhe ocorrerem.

Á casos porém, ajuntará ele, em qe o *H* na escrita vem com alguma intenção.

Esses casos reduzem-se a quatro especies, para as quaes servem os quadros das paginas 109, 111, 113 e 115.

CH

O velho tartamudo das cortezias quando encontrava o general turco, fingia cortejal-o, e, fiado em qe ele lhe não entendia a lingua, dizia-lhe, (mas só quando o via pelas costas) como qem fala ás bestas: *x*, *x*, e algumas vezes, *qe*, *qe*. Á sombra daqelas duas figuras podemos chamar *x* ou *qe*.

ch

O filho do comprimenteiro não se atrevia a zombar assim do *Agá*, mas, quando entrou na sala aonde estava a cadeira d'ele, fingindo vel-o ali sentado, entrou a cortejal-a com a mesma palavra *x*, *x*, e *qe*, *qe*. Á sombra d'aqela sena podemos chamar *x*, ou *qe*.

CH

ch

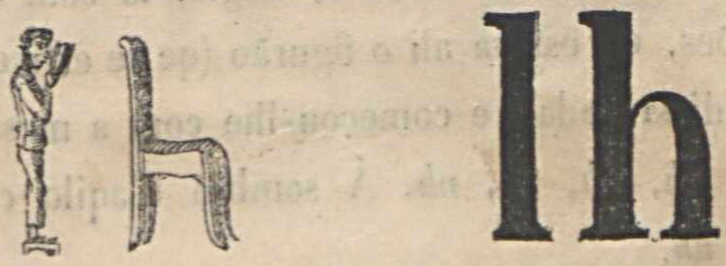
LH

Ao pé do grande ledor parou uma vez o senhor *Agá*, e poz-se muito atento a olhar para o qe ele fazia. O ledor, qe não sabia lingua turca, e era muito asno, qiz-lhe aconselhar qe lesse, e em logar de lhe dizer portuguezmente *le*, lá se lhe figurou, qe ele o entenderia melhor, se lhe proferisse essa palavra atrapalhada, e então dice: *lhe*, *lhe*, mas já quando o turco se ía retirando. Á sombra d'esta cena chamamos *lhe*, pronunciado não como a terceira silaba de rama*lhe*te, mas sim como a quarta de enrama*lhe*tar.

lh

O *l* peqeno, quando chegou á cadeira do senhor *Agá*, fingio qe o estava vendo ali sentado, e disse da mesma sorte, em lingua turca feita á pressa, *lhe*, *lhe;* bem entendido está qe tambem á sombra desta comedia chamamos *lhe*.

LH


lh

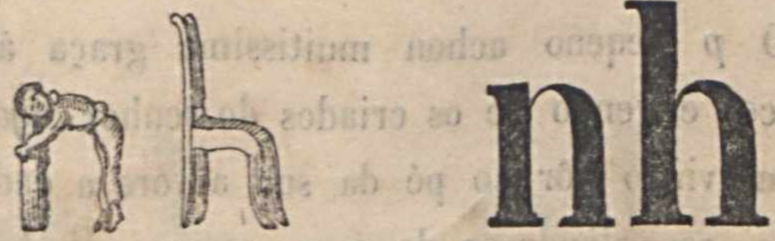
NH

O madraço do *N* estava na sua panria, quando chegou o general ou *Agá* turco, e lhe falou lá pela sua lingua o qe qer qe fosse. O nosso amigo *N* pôz-se, como qem o arremedava, a dizer, pela boca peqena: *nh*, *nh*, *nh*, *nh*, pronunciado com um som muito surdo. Á sombra desta farçada podemos muito bem chamar *nh*.

nh

O *n* peqeno, qe tinha ouvido ao pai zombar assim do senhor *Agá*, um dia, qe este andava passiando, e qe tinha mandado pôr a sua cadeira no campo, mesmo ao pé dele, para ali se repotriar, quando estivesse cançado, fingio, lá com os seus botões, qe estava ali o figurão (qe se estivera não lhe dizia nada), e começou-lhe com a mesma leria: *nh*, *nh*, *nh*, *nh*. Á sombra d'aqilo chamamos *nh*.

NH


nh

PH

O omem trepado na arvore, isto é, o nosso *P* grande, estava na sua aflição, quando o senhor *Agá* se chegou a ele com a sua lança, ameaçando-o qe o furava, se não descesse; o omem pozse a bufar para ele como um gato: *f*, *f*, *f*. Á sombra de todo esse passo chamamos *f*, pronunciado como a primeira silaba de *f*eliz, e mais surdamente ainda.

ph

O *p* peqeno achou muitissima graça áqela ratice, e vendo qe os criados do senhor *Agá* tinham vindo pôr ao pé da sua arvore a cadeira d'ele, recordando-se do caso, começou a bufar: *f*, *f*, *f*. Em nós vendo, pois, ao pé do *p* peqeno, o *h* peqeno, logo nos lembramos do *f*, pronunciado tambem como acima.

PH

ph

Daqi ávante já o mestre póde escrever quantas palavras lhe lembrarem. Vamos-lhe sugerir algumas para eisemplificar os valores dos quatro quadros precedentes.

Filho, Linha, Philosophia, Phisica, Chapeu, Colher, Mulher, Canhoto, Pinho, Cheiro, Alhada, Tenho, Tinha, Calhariz, Chicharo, Charroco, Bilha, Talharim, Amphibio,

e as mais que lhe ocorrerem.

DIVERTIMENTOS.

Os quatro quadros ultimamente mostrados, contêem oito senas, qe todas podem ser representadas pelos rapazes nas oras de recreação. Um com uma cana ou páo na mão fará de *H* grande; uma cadeira, de *h* peqeno. Qualqer arremedará um *L*, o *N*, o *C*, e mesmo o *P*.

LIÇÃO SETIMA.

SUMARIO.

Recordação dos atrazados. Leitura sem letras.

As letras são para os nossos discipulos meras sombras de objetos conhecidos. Na istoria desses objetos está essencialmente a razão do nome ou valor das letras; convem portanto, qe as figuras se cravem tão profundamente na memoria, qe nunca mais se possam desvanecer. Assim, os qe uma vez ouverem aprendido por este metodo, ficarão para toda a vida, em estado de por ele ensinar. Nesta lição vamos propôr um eisercicio, qe se deverá repetir um pouco todos os dias, como

nós nas nossas escolas com grande vantagem o temos feito; um eisercicio pelo qual a figura e a sua sombra, ou por outra, o objeto e a letra se vem a tornar para o espirito uma só e a mesma coisa.

É ainda a leitura auricular, só com a diferença de qe, em logar de se proporem os valores, ou letras, se propõe as figuras a qe as letras se referem.

Para isto é necessario concordar previamente em qe a cada figura se dará sempre o mesmo nome, e qe este nome será uma só palavra. Eis aqi a obra já pronta.

Ao A, qe é o preguiçoso encostado á arvore, chamaremos — *Arvore.*

E — *Padeiro.*

I — *Pateta.*

Y — *Arlequim.*

O — *Arco.*

U — *Poço.*

M — *Medida.*

N — que é o mandrião arrimado como bordão ao pilar: *Bordão.*

L — *Ledor.*

R — *Pandeiro.*

B — *Bois.*

P — qe é o omem trepado ao mastro: *Mastro.*

D — *Escudo.*

T — *Martelo.*

F — qe é o velho da pistola: *Escorva.*

V — *Bomba.*
Q — *Trombeta.*
K — *Ferro.*
C — *Cumprimenteiro.*
Ç — *Cortezão.*
S — *Cobra.*
Z — *Raio.*
X — *Tezoira.*
J — *Pistola.*
G — *Repucho.*
H — *Turco.*

Eisemplo deste modo de fazer a leitura auricular:

Pergunta: Medida, Arvore, Pandeiro, Pateta, Arvore?

Resposta: Ma-ri-a — *Maria.*

Pergunta: Comprimenteiro, Arvore, Pandeiro, Arvore, Bomba, Padeiro, Ledor, Arvore?

Resposta: Ca-ra-ve-la — *Caravela.*

Multipliqe os eisemplos.

DIVERTIMENTOS.

Os discipulos poderão recrear-se nas oras vagas fazendo alguns em pantomima, ou representação muda, a escrita de palavras para serem lidas pelos de fora. Para isto, muitas letras só dependem do corpo umano para serem representadas; um arco de pipa ou barril, dará o *o*, e o *d;* um páo ou cana servirá ora para a arvore do *a*, ora para a canga do *b*, ora para arma do *f*, ora para a lança do *h*, ora para o bordão do *n*, ora, com um peqeno arremedo convencional, para o mastro do *p*, ora, tomado pelo meio, para o *t;* quaesqer pedaços de vime ou junco (os rapazes são ferteis em idéas) póde servir para o *ferro*, o *repucho*, a *pistola*, a *trombeta*, *a medida*, a *cobra*, a *bomba*, e o *raio*, e mesmo por uma convenção entre eles, um gesto bastará muitas vezes para eisprimir uma figura mais dificil de imitar. Destas adivinhações pantomimicas podem fazer jogos de prendas, se lhes aprouver, muito certos de qe uma prenda ganharão eles deste modo facilmente, qe é a do ler.

PREAMBULO Á LIÇÃO OITAVA.

Se cada sinal escrito tivesse um só e determinado valor, nada seria mais facil do qe o ler; se cada elemento da palavra falada, só se podesse representar por um sinal escrito, nada seria mais facil do qe o escrever; em dois ou tres dias se deveriam aprender. Acontece porém o contrario, e é essa uma grande desgraça, e desgraça, qe tanto mais vergonhosa se á-de ir tornando, quanto mais for crescendo a filosofia umanitaria e social.

Quanto ao ler, a necessidade qe temos de entender o qe até agora se tem escrito por um modo oposto ao bom senso, e só com o empenho de ostentar com traços de pena erudição, qe muitas vezes se não possue, constrange-nos a aprender todas essas insensatezes, condecoradas com o titulo pomposo e falso de *ortografia*; quanto porém ao escrever, nenhuma rasão séria, nenhum motivo seqer bem especioso nos póde obrigar a concor-

rermos para'a prolongação desta mentira flagrante, deste enigma perpetuo, destas disputas interminaveis entre o *Jota* e o *I romano*, entre o *Efe* e o *Pê Agá* entre o *Zê* e o *Ésse*.

Em duas unicas rasões tenho visto fundar-se os adversarios d'uma ortografia simples e rigorosa, da ortografia verdadeira, da qe um dia tem infalivelmente de vir a triunfar; a primeira, são as etimologias; a segunda, o não terem nações mais adiantadas ouzado ainda esta revolução. A segunda, nada prova; todas as coisas tem um principio, todo o principio, á-de aparecer em alguma parte, e para ser berço de novidades, não é condição essencial ter o nome de França ou de Inglaterra. Portuguez e bem Portuguez, era Vasco da Gama, mas ensinou ao Mundo que se podia dobrar o Cabo-Tormentorio. E como? Dobrando-o.

Os eisemplos para aqi viriam aos cardumes.

A razão das etimologias, pouco mais peza. Simplificada regularmente a escrita, vão-se, é verdade, diante dos olhos alguns fragmentos, algum pó qe atestavam qe a nossa lingoa proviera d'outra, ou outras anteriores. O *Elle* parece-se mais á vista com o *Ille* latino do qe *Ele*; qem o duvida? Mas essa qestão só póde ser para os olhos, e para os olhos só dos qe sabem latim; e falando mais ao certo, para os olhos, eisclusivamente dos qe sabendo muito latim, dão importancia real a coisas

d'essas. Qer dizer, qe o comodo e o bem, e um grande bem, de quatro milhões de omens, valem menos qe o deleite, ou o capricho de quatro ou talvez duas duzias de eruditos, qe se regalam até com o cheiro do latim. Falemos sério; ¿Esses atravancos de letras dobradas, esses impecilhos de *Agás* sem valor, essas consoantes, de qe nenhum caso se faz na leitura, terão ao menos por si a futil coartada de serem indispensaveis para se reconhecer a stirpe nobiliaria dos vocabulos? certamente não. ¿Pois quantos vocabulos não tem a nossa lingua, qe para um etimologo de lei (o Povo não n'o é, não n'o foi, não n'o á-de ser nunca, não n'o póde, não n'o quer, não n'o deve ser), são reconhecidos como deriva los do latim, apezar de terem perdido quasi inteira, e ás vezes inteiramente a identidade de caratéres? Desconhece ele, o etimologo de lei, o latim *Plano*, no portuguez *Chão?* o latim *Pluvia*, no portuguez *Chuva?* o latim *Puteo*, no portuguez *Poço*? Em suma, o latim *Homine*, no portuguez *omem* e *femea*, qe ambos de lá vem? O primeiro como filho, o segundo como neto, pois provém tão ao certo de *fœmina* como o *fœmina* de *homine*. Não reduzio *Court de Gébelin* a um codigo, as leis dessas maravilhosas transformações das palavras, não só de idioma para idioma, mas até no mesmo idioma, de logar para logar, e de edade para edade?

Depois, a significação mesma de um vocabulo

não bastaria para descobrir a sua procedencia a qem devéras pretendesse conhecel-a, sendo bem versado na lingua mãe? Mas, insistirá alguem, como se diferençará *cela* de *sela?* Pelo sentido. Assim como o ouvido, recebendo do mesmissimo modo estes dois vocabulos, não induz a alma a engano sobre a insignificação d'eles, tambem os olhos vendo-os identicos, não ão-de por isso fazer com qe a inteligencia deixe de ser inteligencia. Se quando eu oiço qe o frade saíu da sela, sei logo qe a sela de qe saíu não foi feita por um correeiro, mas por pedreiros e carpinteiros; se quando me dizem qe o cavalleiro foi derrubado da sela, alcanço perfeitamente qe o derrubaram do seu assento em cima d'um cavalo, e não do cubiculo de nenhum religioso, apesar de qe 'num e 'noutro dizer, o meu timpano foi afétado do mesmissimo modo; porqe razão se qer imaginar qe da identidade da escritura viria perplecidade? Não são os olhos os qe vêem, nem os ouvidos os qe ouvem; é o espirito, qe, ora por olhos, ora por ouvidos, recebe a representação das idéas de outro espirito.

A primeira, e mais natural eispressão da idéa, é a palavra falada; a segunda, a palavra escrita; a idéa, faz-se palavra falada; a palavra falada faz-se palavra escrita. Se entre a idéa, e a palavra falada, apenas eisiste, na maior parte dos casos, uma correspondencia feitiça e arbitraria, é

porqe a palavra falada, é um sinal, e não póde ser um retrato.

Entre a palavra falada, porém, e a palavra escrita, deve-se eisigir, qe ája a mais perfeita e minuciosa correspondencia; qe a segunda seja um retrato, um espelhamento, um daguerreotipo da primeira; qem ouvir um vocabulo, deve saber logo escrevel-o; qem o vir, deve saber logo proferil-o; um traço mais qe os valores articulados, é o mesmo qe 'numa *vera efigies* uma impigem, um dente supranumerario, um segundo nariz, ou um terceiro olho, pintado a ocultas do dono por um rapaz travesso. Tão absurda coisa, é, (e todos a receberiam ás gargalhadas, se o costume, nos não tivesse 'nesta parte pervertido) como se tomando uma carta, nos obrigassem a ler 'nela, mais do qe lá vinha.

Concedamos por um momento qe no achegar com o macimo rigor a palavra escrita á palavra falada, se perdiam no portuguez muitos vestigios de latinidade. Suponhamos qe se perdiam todos, pergunto ainda, val o passado mais qe o futuro, mais qe futuro e presente? Ão-de sacrificar-se bens materiaes, moraes, e intelectuaes, destinos altissimos e vastissimos, qe se compreendem no saber, a ociosas reminiscencias d'alguns esfolheadores, como eu, de livros velhos? ¿Qe valemos nós os poucos omens de letras, e todos os nossos gostos, em comparação do genero umano, e toda

a sua felicidade? ¿Não é a propria natureza qe nos dá o eisemplo de destruir o inutil, e nocivo para novas creações? ¿Ocupa-se o omem feito com os brinqedos da sua infancia? ¿Serão mais respeitaveis e sagrados os titulos qe tem para a sua intruza conservação na nossa escritura, as letras superfluas, qe os qe tinham os frades aos seus averes, e os qe tem os morgados ás suas administrações? ¿E quando se disse qe o interesse comum eisigia a abolição dos conventos, os frades não desapareceram? ¿E a ora da eistinção dos morgados não está batendo?

Qe Roma nos tiranizasse, quando as suas aguias voavam com o raio nas garras pelos céos de todo o mundo, entendia-se. Não o entendia Viriáto, mas entendia-o o destino. Qe Roma, depois qe todo o mundo lhe passou por cima, depois de morta, desmembrada, com as mãos decepadas, e pregadas na sua tribuna silenciosa, como as do seu Cicero, com a grande cabeça truncada como a d'ele, com a propria lingua arrancada, como a d'ele tambem, qeira ainda tiranizar-nos oje, e fazer passar até os fins dos seculos, as nossas gerações por baixo das forcas caudinas d'um fantasma.... eis o qe, se descendentes de Viriáto o entendem, não o entende a razão: e espero qe nem o destino o á-de entender. Quando Temistocles, qe sentia amor de patria, e sabia lançar vistas largas para o futuro, quiz munir com muralhas a sua *Atenas*

do porto Pireu até ao mar, qe fez? o seu elegante biografo qe nol-o diga; já qe tanto se qer a Romanos, de romana boca nos venha a lição.

Se foi grande na guerra Temistocles, escreve Cornelio Nepote, não foi menor na paz; pois servindo-se os Atenienses do porto Phalarêo, qe nem era grande, nem bom, por conselho de Temistocles se veio a constituir o triplice porto de Pireu, e a rodear-se de muralhas, por modo qe em magnificencia ombreava com a propria cidade, e em utilidade ainda a vencia. Foi tambem ele qem restituio os muros dos Atenienses com gravissimo perigo de sua pessoa. Porqe os Lacedemonios, valendo-se do azo qe lhes davam as eiscursões dos barbaros, para dizerem, qe não devia para fora do Peloponeso aver cidade alguma, porqe, sendo esses uns logares fortificados, os inimigos d'eles se podiam senhorear, intentaram em estorvar os Atenienses na sua edificação. Uma era a verdadeira mira, outra a representação com qe a disfarçavam. Tamanha era a gloria qe os Atenienses tinham conseguido por todos os povos com aqelas duas vitorias, Maratonia e Salaminia, qe bem entendiam os Lacedemonios, qe ainda aviam de ter qe ver com eles ácerca do principado, e por isso pertendiam vel-os o mais atenuados qe ser podesse. Assim como ouviram, qe se andava trabalhando em levantar muros, mandaram a Atenas embaixada a pôr embargos em tal obra. Os Ate-

nienses, em quanto presentes foram os enviados, abstiveram-se do trabalho, e lhes responderam, qe para decisão daqele ponto, lá mandariam seus embaixadores. Tomou Temistocles a si a enviatura, e partio só primeiro. Aos seus colegas na embaixada intimou, qe se não pozessem a caminho antes de verem a muralha assaz crescida; qe entretanto fossem todos trabalhando 'nela, tanto os *servos* como os *livres*, e qe para isso *não perdoassem a logar algum, qer fosse sagrado, qer profano, qer particular, qer publico;* e qe os materiaes, qe mais de feição parecessem para o intento, os fossem tomar donde qer qe os achassem. Do qe resultou qe os muros dos Atenienses se vieram a final a compaginar de *capelas e sepulcros.*

Assim fazem os Temistocles quando se trata da salvação; é necessario muro, pois aja muro, corra por onde correr, e arraze-se o qe se arrazar, venerem-se os tumulos e as casas da oração; mas se fôr mister, venham as pedras dos templos defender os devotos, venham os marmores dos antepassados proteger os vivos.

A revolução ortografica, requerida pelo senso comum em favor do lêr e escrever, isto é, em favor de tudo, não á-de ser feita nem por governos, nem por academias, nem por conselhos superiores, nem por autoridade alguma. As razões são trinta, e todas obvias. Á-de começar de baixo, pelos mais necessitados d'instrução, pelos mais nu-

merosos, pelo povo. Os escritores amigos de si, dos seus filhos e d'ele, ão-de-se-lhe agregar; ás autoridades ficará o adoptarem a obra depois de feita, e irrevogavel.

Não deixarei sem resposta uma sombra de objeção, qe neste momento me acaba de pôr um amigo, reconhecendo aliás as vantagens da proposta. ¿Qe estranheza, diz ele, não deve causar á vista esse escrever novo, tão avêsso ao nosso costume, e pratica de toda a vida? Muita, a principio, lhe respondo eu, depois menos, a final nenhuma.

Se do eisistir se podesse argumentar para o dever eisistir, não se avia de desbravar terra para sementeiras, nem fundar cidades, nem em cidades fundadas eispropriar e demolir casebres para alargar ruas, praças e passeios. ¿Qual é das povoações grandes do nosso Portugal, a qe nestes ultimos anos não tem visto desaparecer muitas das suas velharías para saude, para comodidade, e para prazer? Os sitios assim melhorados estranham-se, mas é para bem.

Meus amigos, são necessarios caminhos de ferro para a instrução, e os caminhos de ferro não entendem tergiversações, correm direitos ao seu fim derrote-se o que se derrotar no seu tranzito, desfaçam-se oiteiros, atulhem-se vales, esgotem-se pântanos, desviem-se rios, remôvam-se penedos, talem-se fazendas, demulam-se palacios, furem-se

montanhas, mas progrida, mas vôe o comercio, a sociabilidade, a civilização.

Ora se tudo oje cede no mundo á suprema lei da maxima comunicação do genero umano, qem sofreria qe uns tristes *dois pés*, e qe um pifio *agá*, qe nem chega a ser letra, se continuassem a apresentar como estorvo diante dos passos da razão umana?

Quando todas estas ponderações, qe me parecem gravissimas, se fossem qebrar na impassibilidade do indiferentismo publico, e nas resistencias ferrenhas do ramerrão, restar-me-ía ainda um ultimo requerimento, com o qual antes me deixaria qeimar vivo, do qe desampara-lo, — e era o escreverem-se pelo menos, conforme ao uzo do falar as obras qe por sua natureza são principalmente dirigidas á instrução do povo; — qe não olhem para elas muito embora os literatos, recozidos na calda latina, qe se arripiariam de encarar com uma pagina de escrita completamente legivel; antes isso, do qe arripiar-se o pobre operario, qe nem á missa ouvio nunca latim, vendo a doutrina de qe necessita, sumida, como amoras de silva, por entre uma espessura cerrada de letras superfluas, importunas, verdadeiras parodias, verdadeiros escarneos do falar.

Para qe 'num relancear d'olhos se possa avaliar toda a gravidade da materia, qe á primeira vista, e aos poucos atentos, pareceria frivola, 'nesta

lição se encontram os diversos sinaes com qe a escrita representa identicos elementos fónicos da palavra; e os diversos valores fónicos, qe alternativamente se dão a muitas letras.

LIÇÃO OITAVA.

SUMARIO.

Recordação d'atrazados. Elementos da palavra, qe se representam por mais d'um sinal. Sinaes qe respondem a diversos valores.

Corridos rapidamente todos os pontos mais substanciaes das anteriores lições, o professor dirá, qe á nas palavras faladas certos elementos, qe se podem representar na escrita por mais de um modo; assim como, qe á certas letras, qe se podem proferir com diversos valores. Desde logo dividirá a lição 'nestas duas partes.

Elementos da palavra, qe se representam por mais de um sinal.

1.° O primeiro som do *A* representa-se de quatro modos:
com *a*, como em A*lamo;*
com *á*, como em *Amará;*
com *ah*, como em Ah!
com *ha*, como em Ha*rpa*.
2.° O segundo valor do *A* representa-se de cinco modos:
com *a*, como em A*mor;*
com *â*, como em *Safâra;*
com *ha*, como em Ha*ver;*
com o primeiro valor do *e*, como em *Lei;*
com *he*, como em He*itor*.
3.° O segundo valor do *E*, como o da palavra *Fé*, representa-se de tres modos:
com *e*, como em *Peço;*
com *é*, como em *José;*
com *he*, como em He*lice*.
4.° O terceiro valor do *E* como na palavra *Beco*, representa-se de tres modos:
com *e*, como em *Dedo;*
com *ê*, como em *Azêdo;*
com *he*, como em He*rmo*.

5.º O som do *I* como em *Ilha*, de seis modos se representa:
com o quinto valor do *e*, como em Egreja;
com *he*, como em Heroe;
com *i*, como em *Vide*;
com *hi*, como em *Cahir*;
com *y*, como em *Nynfa*;
com *hy*, como em Hyno.

6.º O primeiro valor do *O* como o de *Pó*, de cinco modos se representa:
com *o*, como em *Obra*;
com *ó*, como em *Dó*;
com *oh*, como em Oh!
com *ho*, como em Homem.

7.º O segundo valor do *O*, como o de *Mona*, representa-se de tres modos:
com *o*, como em *Perdigoto*;
com *ô*, como em *Lôgro*;
com *ho*, como em Horacio.

8.º O terceiro valor do *O*, como em *Pedro*, de quatro modos se representa:
com *o*, como em *Filho*;
como *ho*, como em Homiziar;
com *u*, como em *Judas*;
com *hu*, como em Humano.

9.º O som *an*, como o da palavra *Tampa*, de cinco modos se representa:
com *am*, como em Campa;
com *an*, como em *Tanqe*;

com *han*, como em Han*seatico;*
com *ã*, como em *Irm*ã;
com *ãa*, como em *Maç*ãa.

10.° O som *ão* como em *Pão*, de tres modos se representa:
com *ão*, como em *Amar*ão;
com *hão*, como em Hão;
com *am*, como em *Amar*am.

11.° O som *en*, como o de *tempo*, de tres modos se representa:
com *em*, como em Em*pa;*
com *en*, como em En*tra;*
com *hen*, como em Hen*decassilabo.*

12.° O som *ãin*, como o de *bem*, representa-se de tres modos:
com *em*, como em *Al*em;
com *hem*, como a interjeição Hem;
com *ãe* como em *M*ãe.

13.° O som *in*, como o de *fim*, de seis modos se representa:
com *im*, como em *Jard*im;
com *him*, como em Him*par;*
com *in*, como em *T*in*to;*
com *ym*, como em *Sym*pa*tia;*
como *yn*, como em *Ny*n*fa;*
com *e* como em *Cães.*

N.B. Das ultimas clausulas dos n.os 12.° e 13.°, se vê qe o som *ãin* das palavras *Mãe*, *Cães*, *Guimarães*, *Capitães*, etc., etc., se decompõe 'nestes

dois *am*, *im*. E deve-se tambem concluir, qe o som *em* da palavra *Bem*, é igual ao *ãin* da palavra *Mãe;* e conseguintemente qualqer destes dois é igual a *an*, *in*, pronunciadas rapidamente; o qe todos podem aferir por uma analyse refletida.

14.° O som *on*, como o da palavra *Bom*, de cinco modos se representa:

com *om*, como em *Tom;*
com *hom*, como em Hom*bro;*
com *on*, como em *Monte;*
com *hon*, como em Hon*tem;*
com *õ*, como em *Feijões.*

N.B. Ainda a corroborar o qe dicemos da ultima clausula do n.° 13.°, vem a ultima deste n.° 14.° — A silaba *ões*, decompõe-se 'nestes dois sons; *om*, *ins*, rapidamente proferidos, onde o *e* conserva visivelmente o som de *in*.

15.° O som *un*, como o da palavra *Atum*, de cinco modos se representa:

com *um*, como em *Zabumba;*
com *un*, como em *Mundo;*
com *hum*, como em *Hum;*
com *hun*, como em Hun*garo;*
com *u*, como em *Muito.*

16.° A articulação *m*, de tres modos se representa:

com *m*, como em *Maria;*
com *mm*, como em *Gemma.*
com *gm*, como em *Augmentar.*

17.° A articulação *n*, de cinco modos se representa:
com *n*, como em N*avio;*
com *nn*, como em *Penna;*
com *gn*, como em *Assignante;*
com *nh*, como em *Anhelito;*
com *mn*, como em *Damno.*

18.° A articulação *l*, de dois modos se representa:
com *l*, como em L*eme;*
com *ll*, como em *Falla.*

19.° A articulação *r*, com o seu primeiro valor, como o da palavra *Roto*, de tres modos se representa:
com *r*, como em R*ato;*
com *rr*, como em *Carro;*
com *rh*, como em R*hetorica.*

20.° A articulação *b*, de dois modos de representa:
com *b*, como em B*icho;*
com *bb*, como em *Abbade.*

21.° A articulação *p*, de dois modos se representa:
com *p*, como em P*ote;*
com *pp*, como em *Apparecer.*

22.° A articulação *d*, de dois modos se representa:
com *d*, como em D*ama;*
com *dd*, como em *Additar.*

23.° A articulação *t*, representa-se de seis modos:

com *t*, como em T*empo;*
com *tt*, como em *Attonito;*
com *ct*, como em *Acto;*
com *th*, como em Th*eatro;*
com *pt*, como em *Prompto;*
com *pht*, como em Ph*tisica.*

24.° A articulação *f*, de tres modos se representa:

com *f*, como em F*ome;*
com *ff*, como em *Affeto;*
com *ph*, como em Ph*osphoro.*

25.° A articulação *q*, de seis modos se representa:

com *q*, como em *Quanto;*
com *qu*, como em Q*uente;*
com *k*, como em K*alendario;*
com *c* como em C*alo;*
com *cc*, como em *Accomodar:*
com *ch*, como em Ch*aridade.*

26.° A articulação *ç*, de oito modos se representa:

com *ps*, como em P*salmo;*
com *c*, como em C*elha;*
com *cc*, como em *Diccionario;*
com *ç*, como em *Coração;*
com *s*, como em S*anto;*
com *ss*, como em *Doutissimo;*

com *sc*, como em Sc*ena;*
com *x*, como em *Proximo*.

27.° O primeiro valor da articulação *z*, de dois modos, pelo menos, se representa:
com *z*, como em *Zanga;*
com *s*, como em *Rosa*.

N.B. Póde-se ainda ajuntar, qe a letra *x* tem muitas vezes um valor misto de *i* e *z*, como na palavra *Exemplo*, qe se lê como se se escrevesse *e-i-z*-emplo.

28.° A articulação *ch*, de quatro modos se representa:
com *ch*, como em Ch*ama;*
com *x*, como em X*á;*
com *s*, como em *Casas*;
com *z*, como em *Rapaz*.

29.° A articulação *j*, de dois modos, pelo menos, se representa:
com *j*, como em J*oelho;*
com *g*, como em G*enio*.

N.B. O *s* antes das consoantes *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v*, parece-nos ter o valor de *j*; eisemplos: *Lisboa* — *Desdizer* — *Desgraça* — *Islamismo* — *Asma* — *Asna* — *Israelita* — *Esvair*.

30.° O *g*, de tres modos se representa:
com *g*, como em G*alo;*
com *gg*, como em *Aggravo;*
com *gu*, como em G*uerra*.

PASME-SE!

Trinta e tres elementos unicos, de qe se compõe todas as palavras da lingua portugueza, tem para ser representados CENTO E QUINZE sinaes escritos. Qer dizer: qe tem cada elemento fónico, termo medio, tres representações e meia; segundo a ortografia erudita, é necessario saber em cada ipotese qual das tres representações e meia vale; coisa, em qe os proprios eruditos não concordam, e qe d'eles para baixo ninguem sabe.

É pois essa chamada ortografia, uma lei absurda; e, sobre absurda, tiranica, desumana no ultimo ponto; — absurda, porqe supõe sabido, o qe o não é; — tiranica, porqe não é ditada pela razão, qe seria a unica legisladora competente; — desumana, não só porqe impece a toda a cultura intelectual, mas porqe condena a passar por ignorantes, e a ser escarnecidos, todos aqeles, qe não consumiram o melhor da vida em taes futilidades; isto é, a maioria da nação, qe por necessidade prefere, e deve preferir, a futilidades de *éfes* e *érres* a sua lavoira, as suas oficinas, o seu comercio, e até os seus divertimentos, e o seu dormir.

Mas para completarmos este quadro, lastimoso sudario da lingua portugueza escrita, [1] vejamos os diversos valores fónicos, qe se podem dar a cada letra.

[1] Em muitas das outras, ainda vai peor.

Sinaes escritos, a qe respondem diversos valores.

N.º 1. O *A* tem dois valores.
N.º 2. O *E* tem cinco valores.
N.º 3. O *O* tem tres valores.
N.º 4. O *U* ora tem valor, ora não.
N.º 5. O *AM* tem dois valores.
N.º 7. O *EM* tem dois valores.
N.º 7. O *R* tem dois valores.
N.º 8. O *C* tem dois valores.
N.º 9. O *S* tem quatro valores.
N.º 10. O *Z* tem dois valores.
N.º 11. O *X* tem cinco valores.
N.º 12. O *G* tem dois valores.
N.º 13. O *H*, muitas vezes não tem valor; muitas outras, posposto ás consoantes *C*, *L*, *N*, e *P* transforma o valor d'elas 'noutro diferente.

Acrescente-se a isto, qe já não seria pouco para desorientar e afugentar principiantes de leitura, qe as consoantes *B*, *C*, *D*, *F*, *G*, *L*, *M*, *N*, *P*, *T*, qe a alcunhada ortografia manda muitas vezes duplicar, nem por isso tem mais valor, quando sordem ás parelhas, do qe estando solitarias.

OBSERVAÇÃO SOBRE A LIÇÃO PRECEDENTE

E

AMOSTRA DE UMA ESCRITA

TÃO FACIL DE FAZER COMO DE LER.

É impossivel ter lido esta lição oitava, e não confessar, qe os desejos manifestados no preambulo a ela, são realmente mui atendiveis.

Uma coisa boa tinha, á falta de todas as outras, o ensino mutuo; e vinha a ser, aqele eterno aforismo de gente arranjada — *Um logar para cada coisa, cada coisa no seu logar.* — O contrario, o diametralmente oposto, é o qe faz a pseudo-ortografia. As letras são os logares, em qe se depositam, por assim dizer, visiveis, os sons, de qe se compõe a linguagem; o bom senso diria, como o ensino mutuo — um logar para cada som, um som para cada logar; — e qe fez a eru-

dição, 'nisto inimiga capital do bom senso? Poz tres logares e meio para cada som, e não sei quantos sons para cada logar. O resultado foi, o qe não podia deixar de ser; o ler desembaraçado, tornou-se uma prenda rara; o escrever certo, um merito relevante. O patrimonio de todos, encabeçou-se em morgado de meia duzia de doutores; e os proprios doutores perderam 'nisso, como as turbas; pois, se os seus estudos lhes davam talvez com qe brilhar, o seu brilho não podia ser percebido por uma população, a qem se não tinha permitido qe abrisse os olhos. Sobrecarreguem-se embora de dificuldades as artes de luxo; mas de dificuldades se dispam, quanto possivel fôr, os ensinos de primeira, de impreterivel necessidade. Qe é o ler? Um caminho, e nada mais; o caminho do saber; por outra, o caminho unico para tudo o qe é bom. Dois modos se nos oferecem para andarmos este caminho; um, a passo rasgado e direitamente; o outro, com passo de dança, e escolhendo com as pontinhas dos pés a pedrinha d'este, ou d'aqele feitio, e não progredindo sem a ter bem reconhecido. E qem dirá qe o primeiro modo, qe é o natural, não é tambem o mais sensato, ou o unico sensato?

Se os nossos escritores, cujos nomes fazem pezo na balança do publico juizo, se a imprensa periodica, se os mestres de primeiras letras, ouzassem, 'num momento de filosofia audacissima, aqilo em

qe eu por minha parte os acompanharia com alacridade, o ler e escrever, talvez em oito dias, e brincando, se aprendesse.

Antes porém de apresentar a minha proposta de simplificação ortografica eistrema, direi: qe, a não se atreverem a seguil-a tal qual, bom seria qe ao menos (beneficio ainda mui grande) se animassem da meia ousadia, qe tiveram os visinhos Castelhanos na reformação da sua ortografia. A qe sigo no presente livro, se a perfilhassem, já fora um avanço consideravel.

Como porém, no meu entender, especar e remendar o qe merece completa reedificação, quando essa reedificação completa se póde fazer, é um acanhamento de animo, e uma fraqeza no qerer, qe mal se póde justificar, eis-aqi sem mais vénias a proposta, á qual, ou a alguma de igual força, infalivelmente se á-de chegar, em se tendo acabado estes ultimos restos de preconceitos ereditarios, qe ainda oje assombram e dominam a terra.

Caratéres para uma escrita simplicissima, e em cuja leitura todas as equivocações se tornam impossiveis.

SONS.

A para o primeiro valor.

A para o segundo valor.

Ã para o som de *an*.

É para o segundo valor d'esta letra.

Ê para o terceiro.

E para o quarto.

Ẽ para o som de *en*, como em *tempo*.

I

Ĩ para o valor de *in*.

Ó para o primeiro valor desta letra.

Ô para o segundo.

Õ para o som de *on*.

U

Ũ para o som de *un*.

ARTICULAÇÕES.

M

N

L

R̃ para o primeiro valor desta letra.

R para o segundo valor.

B

P

D

T

F

V

Q

S para o primeiro valor d'esta letra.

Z para o primeiro valor d'esta letra.

J

G para o valor aspero d'esta letra.

L̃ para o valor *lh*.

Ñ para o valor *nh*.

Arredem os olhos do seguinte specimen, os nervosos, os latinos, os ramerraneiros, os autores qe tiverem impresso muito, os medrosos de epigramas, os defensores da ignorancia publica, os escrivães e os contadores das linhas dos processos, qe tremeriam de ver cada quatro paginas reduzidas a tres, mas leiam-n'o, pezem-n'o a sangue frio, e por mais de uma vez, façam duas ou tres tentativas de imitação, até afazerem a mão, e

familiarisarem os olhos, os qe abaicho de Deus amam o genero umano mais qe todas as coisas; os qe detestam o monopolio da luz, como o pessimo e o mais indesculpavel de todos os monopolios; os qe dão ao tempo o seu devido valor, qe é infinito; e os qe não desprezam o bom concelho só porqe ele vem de boca desautorisada.

Leâmos pelo alfabeto qe deichamos proposto as duas primeiras oitavas dos Luziadas; advertindo, qe vão escritas para ser lidas com a pronuncia da gente culta de Lisboa. A diversidade de pronuncias, de qe fazem objeção á minha proposta ortografica, é um dos mais possantes argumentos em favor d'ela; porqe de a adotarem e seguirem, resultará, com o andar do tempo, o uniformar-se toda a nação portugueza no falar, como no escrever; coisa qe por nenhum outro modo se lograria.

Az ármaz, i ux varõiz asinaládux,
Qe da ôsidẽtál práia Luzitana
Pur márex nũqa dãtex navegádux
Pasárãu ĩda álãi da Taprubana;
Qe ãi periguz i geraz exfursádux,
Maix du qe permitia a fôrsa umana,
Ẽtre jẽte remóta idifiqárãu
Nôvu ráinu, qe tãtu sublimárãu.

I tãbãi ax memóriax gluriózax
D'aqêlex raix, qe fôrãu dilatãdu
Qu' a fé u ĩpériu, i ax téĩax visiózax
D'África, i d'Ázia ãdárãu devaxtãdu;
I aqêlex, qe pur óbrax valurózax
Se vãu dax laix da mórte libertãdu,
Cãtãdu expalarai pur tôda a párte,
Se â tãtu me ajudár ĩjéñu i árte.

Qem tiver chegado aqi pela primeira vez, por mais cordato e sizudo qe seja, tenho por certo, qe á-de ter rido; como porém o riso esteja muito longe de ser argumento, e rara será a coisa de tomo, qe o não eiscitasse quando pela primeira vez a alvitraram, torno a pedir aos omens d'alma e coração, qe reflitam na proposta; qe se lembrem, de qe a eistranheza, a cada vez qe isto releiam, se lhes vai diminuindo; qe esta ortografia, não só é mais simples e eisata, e livre de duvidas, mas ensina a pronunciar a nossa lingua tanto aos estrangeiros, qe não é peqena vantagem, como aos da nossa terra, qe é vantagem grandissima.

DIVERTIMENTOS.

Como o qe ultimamente lembrei, se refere a uma ortografia ainda não adotada, e todo o nosso ponto 'neste livro é ensinar a ler o qe se tem escrito, e se escreve, com a infinita complicação usual, para familiarisarmos com ela, quanto possivel for, os nossos estudantes, podemos dar-lhes para as óras de recreação um baralho de letras, em qe ája dois, ou tres eisemplares de cada adjetiva, tres ou quatro de cada substantiva, para qe eles façam um jogo de prendas do seguinte modo: repartido o baralho entre dois parceiros, põe o primeiro na meza a primeira carta; o qe obriga o segundo a dizer instantaneamente todos os valores da letra; se o não fez, e o outro o corrigio, perdeu um tento, e a vez de jogar, qe torna ao primeiro; e assim todas as vezes, qe se demore, ou erre; se porém acertou, lança tambem uma carta, cuja letra o parceiro é obrigado a nomear com todos os seus valores; assim como a dizer, se a precedente se lhe póde ligar; e qe valor somam as duas assim ligadas; se o não fez, pagou um

tento, e lança o parceiro terceira carta, e assim por diante. Eisemplo:

JOÃO, *lançando a carta* F.

Como se chama?

PEDRO.

F. (*Apresentando a carta* R) como se chama?

JOÃO.

R. (*Mostrando as duas juntas*) Que dizem?

PEDRO.

FR. (*Mostrando a carta* S) Como se chama?

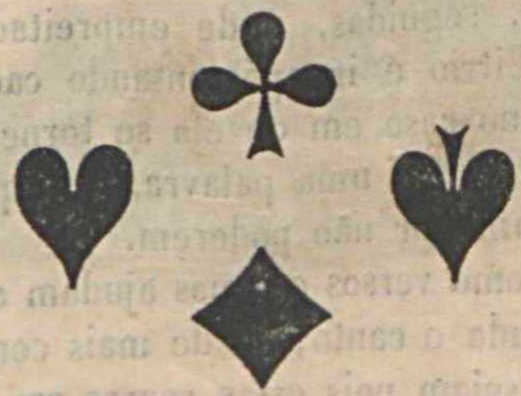
JOÃO.

Ç, Z, J, CH. E as antecedentes com esta?

PEDRO.

Não póde ser.

E assim por diante.



ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO NONA.

Antes qe entremos á leitura, importa sobremaneira, qe o mestre registe bem na memoria (na propria memoria) os preceitos qe vamos dar, reduzidos a versos rimados. Com estes preceitos irá ele acudindo a cada uma das dificuldades, qe na leitura se forem apresentando, e tratará primeiro de os eisplicar com a maior clareza, e, logo depois, de os fazer decorar teistualmente; pois entendidos e sabidos eles, todas as duvidas se desvanecem. Não lhe aconselho, pois seria tedioso, e talvez nocivo, qe transmita todas estas regras pela sua ordem, seguidas, e de empreitada; não; o melhor arbitrio é ir apresentando cada uma de per si, só no caso em qe ela se torne necessaria para a leitura de uma palavra, com qe os alunos não atinaram por não poderem.

Assim como versos e rimas ajudam a memoria, assim a ajuda o canto; qe de mais concorre para o prazer; sejam pois estas regras em verso can-

tadas, idéa concebida e realisada a primeira vez pelo meu amigo e distinto sabio o Sr. Adrião Pereira Forjaz nas salas d'Asilo d'Infancia desvalida em Coimbra, e já oje seguida geralmente com muito proveito em todo o reino e provincias ultramarinas nas escolas de leitura por este método.

A musica com qe na maior parte das terras cantam estes versos é a popularissima toada do Pirolito.

'Naqelas partes em qe aja outra mais popular e aceita, e qe acerte igualmente nos metros, nenhuma inconveniencia averá em qe a prefiram.

LIÇÃO NONA.

DIVISÃO DAS LETRAS EM VOGAES E CONSOANTES.

Á seis vogaes; dize-as tu.
São: *a*, *e*, *i*, *y*, *o*, *u*.
Qualqer letra, afóra as seis,
Consoante a chamareis.

EISPLICAÇÃO.

A da regra supra já fica dada com o possivel desenvolvimento a pag. 25.

REGRA PRIMEIRA.

A a

A no fim tem pouca força.
Qe o digam *roseira* e *corça*.

EISPLICAÇÃO.

Vimos qe o *A* ou *a* podia ter um de dois sons: mais aberto como a primeira silaba de *ave*; menos aberto como a primeira de *ama*. O *A* ou *a* no fim de palavra é sempre menos aberto, conforme ensina a regra, e para se tornar mais aberto, ou sonoro, necessita de levar por cima um acento d'este modo: *Á* ou *á*. Para ajudar a memoria do discipulo, póde-se-lhe dizer: qe quando carrega com aqele trambolho parece que dá um grito. *Á* ou *á;* e *ÃA* ou *ãa* no fim da palavra diz *an*, como maçãa ou *maçã*, qe se lê *maçan*; lãa ou *lã*, qe se lê *lan* etc. Para nos não esqecermos disto, suponhamos qe estando a conversar um senhor *A* com outro senhor *A*, veio a caír por cima d'eles uma coisa, e qe eles não sabendo o qe era, perguntaram, ao mesmo tempo *han!*

REGRA SEGUNDA.

E e

O *E* no fim mui pouco se ouve:
Qe o digam *cidade* e *couve*.

EISPLICAÇÃO.

O *E* ou *e* no fim das palavras é mudo, isto é, tem o quarto dos cinco valores, qe dicemos se

davam a esta letra; póde comtudo acontecer qe o *E* ou *e*, mesmo no fim da palavra, tenha um som muito aberto, isto é, qe tenha o segundo d'aqeles cinco valores, mas para isso é necessario qe leve em cima um acento d'este modo *É* ou *é*. É coisa qe não póde esqecer; em tendo aqele carrego em cima de si berra mais forte.

REGRA TERCEIRA.

O o

O no fim da voz é mudo;
Diz *u*, como em *Pedro* e *estudo*.

EISPLICAÇÃO.

Aprendemos já qe o *O* ou *o* tinha tres valores diversos; quando o *O* ou *o* se acha em fim de palavra o seu valor é o mais surdo, isto é, sôa como *u*, eisceto quando tem em cima acento agudo qe então com o tal ajojo berra forte, e toma o seu primeiro valor, como em *cipó*, *dó*, *pó* etc.

Algumas pessoas letradas me tem dito, qe o *o* no fim das palavras lhes não sôa como *u*; confesso qe por mais atenção qe ponha no ouvido não sei diferençar *gato* de *gatu*. Mas concedendo mesmo, qe ája alguma sombra de diferença, como

essa é imponderavel deve ser desprezada. Os proprios matematicos, os omens da eisação por eiscelencia, não desprezam nos seus calculos os infinitamente peqenos?

REGRA QUARTA.

U u

Pelo *u* mil vezes passo
Sem dar sinal de qe o vi
Entre *g*, *e*, ou *q*, *e*;
Entre *g*, *i*, ou *q*, *i*.

EISPLICAÇÃO.

A regra é qe *gue* se lê *ge*, *gui gi*, mas com o valor aspero do *g*, assim como *que qe*, *qui qi*; á todavia eisceções em qe o *u* assim intalado se lê: como *aguentar*, *frequentar*, *sanguineo*, *inquinar*.

REGRA QINTA.

ACENTOS.

Á, *é*, *í*, *ó*, *ú*, vozeam
Quando acima o páu lhes vem;
Mas vão quasi caladinhas,
Quando carapuça tem.

EISPLICAÇÃO.

Rigorosamente não usamos senão de duas especies de acentos para modificar as vogaes: acento agudo, qe é uma astea inclinada deste modo ´; e acento circumflexo, qe são duas asteas divergindo para a parte de baixo, deste modo ^. Quanto a acento grave, com circumflecso se costuma suprir. A vogal com acento agudo lança o maior som qe póde, como já 'noutros logares observámos; eisemplos: chá, café, florído, flórido, mingúa; com o acento circumflecso, porem, abranda quasi todo o seu valor; eisemplo: amârão, temêram, fôra, mingûa.

REGRA SEISTA.

M m, N n

M ou *N*, se a vogal segue
E em fim de silaba está,
An, ão, en, em, in, on, um,
Como os sinos soará.

EISPLICAÇÃO.

Veja-se a do Campanario a paginas 94 e 95.

REGRA SETIMA.

R r

O *R* no principio é forte
Fortes são dois *RR* tambem
Em meio ou fim de palavra
O *R* pouca força tem.

EISPLICAÇÃO.

No principio da palavra o *R* tem o seu valor forte e fortissimo, como em *R*eino; no fim de palavra tem sempre o seu valor brando, como em amo*r*; no meio da palavra quasi sempre valor brando, qer se siga vogal, como em a*r*a, qer consoante, como em ca*r*ta; á eisceções, eisemplo: *onra*, e *carne* tem um *r* no meio e com valor forte. Finalmente em se achando *RR* 'numa palavra, os dois soam como um só, mas forte como em te*rr*a.

REGRA OITAVA.

C c, G g.

O *Que Ç* é sempre *Q*
Eisceto com *e* ou *i*;
O *Gue J* é sempre *Gue*
Só com *e*, *jé*; com *i*, *ji*.

EISPLICAÇÃO.

O *C* tem dois valores, um aspero, e um suave; aspero iqivalente a *Q*; suave iqivalente a *Ç*. O *G* tem igualmente valor aspero, e valor suave; aspero, como no principio de *Gato*; suave como no principio de *Gemeo*. Repare-se agora bem: d'entre as vogaes á tres qe parecem mais imperiosas no seu soar qe são *a*, *o*, *u*, e duas qe parecem mais umildes e benignas, qe são *e*, *i*; com as altanadas tanto o *c* como o *g* falam desabridamente *ca*, *co*, *cu*, *ga*, *go*, *gu*; com as brandas tambem eles se abrandam e umanisam *çe*, *çi*, *je*, *ji*. Decore-se a seguinte formula, e recite-se com intoação: *Ca*, *co*, *cu*; *çe*, *çi*; *ga*, *go*, *gu*; *je ji*.

REGRA NONA.

S s

A *cobra* em principio é doce,
Duas juntas doces são,
Entre vogaes *z* parece
Diz *ch* no fim da dição.

EISPLICAÇÃO.

Vimos na lição quarta qe o *S* tinha quatro valores; em principio de palavra tem o de *ç* como em

sabor; em fim de palavra o de *ch* como em *folhas*; em fim de silaba quasi sempre o de *ch* como em *casta;* ás vezes porém, em fim de silaba o de *j* como em *asma;* dois juntos tem o valor doce como *santissimo;* entre vogaes sôa como *z*, embora a segunda vogal seja no principio d'outra palavra, como em *As armas e os varões assinalados*, qe se lê *az armaz e ux varõez assinaladox.*

Faça-se notar aos discipulos qe o *S* no fim de palavra indica, por via de regra, numero plural; arvore, arvores; tronco, troncos; vinha, vinhas, ect.; para qe isto lhes não esqeça diga-se-lhes, qe a cobra, de qe o *S* é sombra, cortada em pedaços, em todos eles conserva vida e movimento por muito tempo, pelo qe 'num só corpo parece ter muitas vidas, e por isso com o seu todo nos suscita a idêa de pluralidade; por tanto a palavra acabada em *S* ou cobra tem o cunho de plural.

REGRA DECIMA.

Z z

Z no fim como é qe faz?
Faz um *ch* muito capaz.

EISPLICAÇÃO.

O Z no fim da palavra tem o mesmissimo valor do *S* no fim da palavra, como em Moniz, ra-

paz, Bolonhez, atroz: qe se lêem como se se escrevessem Mon*ís*, rap*ás*, Bolonh*ês*, atr*ós*.

REGRA UNDECIMA.

B, *c*, *d*, *f*, *g*, *l*, *m*,
N, *p*, *t*, são letras taes,
Que ou singelas ou dobradas,
Não valem menos nem mais.

EISPLICAÇÃO.

Qualqer das consoantes apontadas 'nesta regra não tem mais valor por se achar duplicada ou repetida; eisemplo: abbade, accumular, addição, affronta, aggravo, alleluia, ammoniaco, annel, appetite, attenção; lêem-se como se se escrevessem: *abade*, *acumular*, *adição*, *afronta*, *agravo*, *aleluia*, *amoniaco*, *anel*, *apetite*, *atenção*.

REGRA DUODECIMA.

H h

O *H* qe a palavra enceta,
Não falla, é como um pateta.

EISPLICAÇÃO.

O *H* em principio de palavra não se lê; é como se lá não estivesse; homem lê-se como se se

escrevesse *omem*, historia como *istoria* etc. E podemos ainda acrescentar, qe até mesmo em meio de palavra, deixa muitas vezes o *H* de ter valor: pois *chronica* pronuncia-se *cronica* etc.

DEMONSTRAÇÃO DO USO DAS DOZE REGRAS PRECEDENTES.

É evidente qe o mestre antes de abrir o curso se deve ter inteirado de toda a doutrina deste livro. O qe lhe vamos dar aqi, por ser o logar em qe mais propriamente cabia, já ele o deve ter praticado com os discipulos quando os fez ler os catálogos de palavras, a saber: no fim da lição primeira a pag. 40; no fim da lição segunda a pag. 53; no fim da lição terceira a pag. 68; no fim da lição quarta a pag. 90; no fim da lição qinta a pag. 116. Nas palavras qe para eisemplo vamos catalogar, achará por cima de cada letra variavel um algarismo; o algarismo é o mesmo com qe ficou numerada a regra qe, nos versos ou na eisplicação lhe deve dar, com qe determine qual dos varios valores a letra deve ter 'naqele logar. Este eisercicio, a primeira vez costuma ser em-

baraçoso, mas continuando-se 'nele, para logo se torna eispeditissimo.

8 91 7 1 9 6 39 4 6
Casa — Marta — Santos — Quintal

8 75 79 2 12 6
Jacaré — Universidade — Homem

10 11
Thomaz — Ella.

LIÇÃO DECIMA.

SUMARIO.

Recordação de atrazados. — Leitura de logogrifos. — Vencem-se as dificuldades qe opõe á leitura certas combinações de letras. — Leitura de palavras com sucessiva subtração de letras.

Corridas rapidamente as letras do alfabeto, as vogaes nasaladas, e as articulações compostas, e cantadas as regras de todas as letras variaveis, escrevam-se no quadro preto a uma e uma palavras, cujas silabas, ou tomadas cada uma de per si, ou diversamente combinadas, possam dar novas palavras, *verbi gratia:* da palavra *Cachopa;* tomando-se a primeira e a segunda silaba, faz-se *cacho;* a segunda e a terceira *chopa;* a segunda e a pri-

meira *choca;* a terceira e a primeira *paca*, animal da America, a primeira e a terceira *capa;* a primeira, a terceira e a segunda *capacho;* a terceira repetida *papa*, a segunda repetida *chocho.*

Pouco importa qe nas palavras formadas pelas diversas combinações logogrificas, a ortografia seja ás vezes violada. O qe por ora se aprende, e só se póde aprender, e só importa, é a leitura.

Catálogo de palavras logogrificas, postas já do modo como no quadro preto se devem escrever.

1 2 3

Pi-a-no.

Um e dois? *Pia.* Um e tres? *Pino.* Dois e tres? *Ano.* Tres e dois? *Noa.* Um, um e tres? *Pipino.* Tres e tres? *Nono.* Tres? *Nu.* Tres com acento agudo? *Nó.* Dois? *A.* Dois com acento agudo? *Á.*

1 2 3 4

Li-mo-na-da.

Um? *Lí.* Dois com acento agudo? *Mó.* Tres? *Na.* Quatro? *Dá.* Quatro com acento agudo? *Dá.* Dois e dois? *Momo.* Tres e tres? *Nana.* Quatro e quatro? *Dada.* Um e dois? *Limo.* Dois e tres? *Mona.* Tres e quatro? *Nada.* Um e tres? *Lina.* Um e quatro? *Lida.* Dois, tres e quatro? *Monada.* Quatro e tres? *Dana.* Dois e quatro? *Moda.* Um, quatro e quatro? *Lidada.*

1 2 3 4 5 6 7
Ma-te-ri-a-li-da-de.

Sete? *De.* Sete com acento circumflecso? *Dê.* Seis? *Da.* Seis com acento agudo? *Dá.* Cinco? *Li.* Quatro? *A.* Quatro com acento agudo? *Á.* Tres? *Ri.* Dois? *Te.* Dois repetido com acento agudo? *Té-té,* nome qe os meninos dão ao ovo. Seis e seis? *Dada.* Um e dois? *Mate.* Dois e um? *Tema.* Tres e um? *Rima.* Quatro e um? *Ama.* Cinco e um? *Lima.* Seis e um? *Dama.* Sete e um? *Dê-ma.* Sete e cinco? *Dê-te.* Um, dois, tres e quatro? *Materia.* Quatro, um, tres, e quatro? *Amaria.* Tres, um e seis? *Rimada.* Tres e quatro? *Ria.* Tres e sete? *Ride.* Tres, tres e quatro? *Riria.* Quatro, tres e quatro? *Aria.* Semelhantemente se opére nos termos seguintes e nos mais que ocorrerem.

1 2 3 1 2 3 4 1 2 3 1
Pi-ra-ta, Pa-ta-ra-ta, Ma-ca-co, Sol-
2 3 1 2 3 1 2 3 4 5 1
da-do, Ca-ra-ça, As-su-ca-ra-da, Ca-
2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4
ma-ra-da, Ca-ma-ro-te, Pa-ta-cu-a-
5 1 2 3 4 1 2 3 4 1
da, Bu-la-chei-ra, Bur-ra-chei-ra, Pa-
2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1
la-ci-o, Ca-ra-me-lo, Por-ta-ri-a, Fa-

2 3 1 2 3 4 1 2 3 4
zen-da, Mo-ci-da-de, La-men-ta-do,
1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4
De-li-ri-o, Pre-ci-o-so, Al-ge-ma-do,
1 2 3 1 2 3 4 5 6 1
Sa-gra-do, Des-mo-ra-li-sa-do, Ve-
2 3 4 1 2 3 4 5 6 1
re-a-dor, Re-pen-ti-na-men-te, Ca-
2 3 4 5 1 2 3 4 1 2 3
pa-ci-da-de, A-pa-ra-dor, De-pra-va-
4 1 2 3 1 2 3 4 5 1 2
do, Re-pa-ro, Com-mis-sa-ri-o, I-so-
3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1
la-do, Ca-na-ri-o, Sa-ra-ma-go, Ca-
2 3 4 1 2 3 1 2 3 1
ça-ro-la, La-gar-ta, Bo-la-cha, Mos-
2 3 1 2 3 4 1 2 3 1 2
qi-to, Lin-go-a-do, Ar-ca-no, Co-to-
3 4 1 2 3 4 1 2 3 1 2
ve-lo, Ar-ca-di-o, Ga-lo-cha, Ser-ra-
3 1 2 3 1 2 3 4 1 2
dor, Pe-ro-la, Ca-ra-pe-ta, Co-me-
3 4 1 2 3 4 1 2 3 1
di-a, Ca-lha-mas-so, Ca-la-do, Es-
2 3 4 5 1 2 4 1 2 3
cu-la-pi-o, Mas-ca-ra, Sal-va-dor.

Outro eisercicio, qe não menos desembaraça os principiantes.

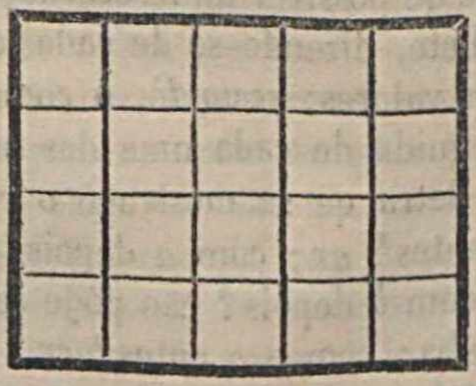
Escrita qualqer palavra e lida, apaga-se a primeira letra, fazem-se ler as qe ficam, depois a imediata e fazem-se ler as qe restam, e assim; até á ultima letra, embora o qe se lê muitas vezes não dê sentido. Se as letras qe ficaram se não podem ler pela supressão da precedente, os discipulos devem dizer isso mesmo. Eisemplo: *Turneira, urneira, neira, eira, ira, ra, a.* Póde-se tambem para variar fazer alguma vez a subtração, do fim para o principio. Eisemplo: *Clerigo; Clerig* não póde ser, *Cleri, Cler, Cle; Cl* não póde ser *C*, não póde ser. Finalmente se póde fazer a subtração das letras salteadamente. *Vidro, Viro, Vido; Vrdo* não póde ser. Todo o nosso segredo é variar o mais possivel, sem nunca sair do proposito do ensino, nem lhe violar a unidade.

Á certas combinações de letras custosas de atinar aos principiantes; logo qe uma d'essas combinações apareça e se reconheça tal, pára-se 'nela, eisplica-se, escrevem-se e fazem-se ler muitas palavras em qe ela figure. Supunhamos qe a palavra qe na pedra se mostrava era *feijões*, e qe tiveram custo em atinar com a segunda silaba; diz-se-lhes qe aqelas tres ultimas letras valem *ões*, e dão-se-lhes a ler, *verbi gratia*, as seguintes pa-

lavras: *Piões, Manjaricões, Leões, Tubarões, Mandriões, Ladrões, Ações, Lições, etc.* Proceda-se analogicamente com a terminação *ães: Cães, Pães, Capitães, Escrivães, etc.;* com a terminação *eis: Reis, Furrieis, Coroneis, Capiteis, etc.;* com a terminação em *aes: Generaes, Nacionaes, Paes, Filiaes, etc.;* com a terminação em *ão: Bordão, Furão, Mechilhão, Trovão, etc.;* e o mesmo com a terminação *am: Amam, Ouviam, Disseram, Cantariam.* O mesmo com a terminação *em: Fizessem, Dizem, Bailem, Briguem.* O memo com a combinação *ns: Construção, Instituir, Monstro, Transtorno.* O mesmo com *u* sem valor depois do *g* ou *q: Guerra, Guincho, Agueda, Guitarra, Quente, Quinta, Querido, Quina.* E assim por diante. Superfluo é advertir qe este proveitoso eisercicio não é só para esta lição; entendido está qe a cada novo encalhe de dificuldade se deve tornar a ele.

DIVERTIMENTOS.

Uma caixa dividida em compartimentos, tem em cada compartimento um peqeno objeto do gosto das creanças; um, um rebuçado, outro uma amendoa, outro uma castanha, um assobio, um anel, seja o qe fôr; cada compartimento tem sua tampa de papel, onde está escrito, primeiro em maiusculo, depois em minusculo o nome do objeto.



O rapaz qe, primeiro qe os outros lê este papel, levanta-o e leva o premio; o qe mais papeis levantou, mais premios leva; o qe não levantou nenhum, fica sem nada.

Para não mandar fazer caixas, em cima de qualqer meza se podem os objetos dispôr com um papel por cima a cobril-os.

ADVERTENCIA SOBRE AS LIÇÕES PRECEDENTES.

Até aqi aprendemos as formas e os valores das letras, e as regras com qe muitos d'esses valores se determinam na leitura. Como isto na arte qe tratamos seja a base essencial, convem assental-a, consolidal-a perfeitamente, o qe só pelo eisercicio se póde obter. Por espaço de alguns dias pois, uma semana pelo menos, deve a lição consistir no qe se segue, tudo, já se sabe, o mais ritmicamente qe possivel fôr: recordação dos quadros do alfabeto, dizendo-se de cada letra, *primò*, todos os seus valores; *secundò*, o como se lê precedida ou seguida de cada uma das outras, *verbi gratia*, se a letra qe se mostra é o *r*, pergunta-se: com *a* antes? *ar;* com *a* depois? *ra;* com *b* antes? *br;* com *b* depois? não póde ser, salvo em diferente silaba; com o *c* antes? *cr;* e assim até ao fim do alfabeto. Como porém este processo seja dilatadissimo, pois supõe mil e cincoenta e duas perguntas, e mil e cincoenta e duas respostas, pede o bom juizo qe para poupar tempo e tedio, só se faça em cada dia certo numero d'estas perguntas. *Tercio*: sobre as letras de valor variado, mas qe tem regra para o determinar, perguntar pela regra e mandal-a cantar.

Mostrar os sons nasalados, e perguntar por cada um d'aqeles sons nasalados, precedido ou seguido de cada uma das consoantes, *verbi gratia, ão:* com o *p* antes? *pão*; com o *p* depois? não póde ser. *In* com *s* antes? *sin*; com *s* depois? *ins.*

Mostrar as articulações compostas, perguntando o qe faz cada uma d'elas seguida de cada uma das vogaes. *Verbi gratia, ch:* com *a* do primeiro valor adiante? *chá*; com *o* do terceiro valor? *chu;* com *e* do terceiro valor? *ché.*

Decomposição de palavras em silabas, decomposição de palavras em letras. Leitura auricular, e leitura auricular alternada; alguma vez tambem com palmas e marcha podendo ser.

Inquerito de quaes são as diversas adjetivas qe podem eisprimir um só e mesmo elemento de palavra, *verbi gratia:* como se póde representar o elemento *q?* Com *q*, com *qu*, com *k*, com *ch*, com um *c*. O elemento *i?* com *i*, *y*, *e*, etc.

Leitura de palavras no quadro preto, sempre por silabas. Leitura de palavras logogrificas. Leitura de palavras por cima.

Logo qe passados dias se reconheça qe os alunos estão certissimos da letra redonda, vai-se-lhes insensivelmente adulterando ora um, ora outro carater nas palavras qe se lhes dão a ler, por modo qe, de redondo vá descaindo para de mão, até qe a final seja já tudo francamente manuscrito.

LIÇÃO DECIMA PRIMEIRA.

SUMARIO.

Recordações. — Eisposição e formulação mnemonica da ordem alfabetica.

Recorde-se toda a serie dos vinte e seis quadros alfabeticos, cantando-se as regras nos logares competentes, e entre-se logo na materia nova d'este dia.

Para ensinar as letras desviámo-nos da ordem seguida em todas as cartilhas de A B C, e fizemol-o assim para proceder racionalmente. Começámos pelas seis vogaes ou substantivas A, E, I, Y, O, U; passámos ás consoantes ou adjectivas; estas dividimol-as em tres grupos segundo as suas naturezas; primeiro grupo, M, N, L, R; segundo grupo B, P, D, T, F, V; terceiro grupo, Q, K, C, Ç, S, Z, X, J, G; foi depois de tudo o H, sinal qe não é propriamente letra.

É necessario todavia saber-se de cór a estonteada colocação em qe todo o mundo conserva o

abecedario, pois por ela se regem os dicionaristas, e todos os qe usam de letras em vez de algarismos na ordenação de séries. O professor copie para o quadro preto o abecedario seguinte, e faça-o ler pelo modo qe vai individuado entre os parentheses.

ORDEM ALFABETICA.

ALFABETO COM O MODO DE NOMEAR CADA LETRA.

A (com o primeiro valor)	N
B	O (com o primeiro valor)
C (Q, Ç)	P
D	Q (Q latino)
E (com o segundo valor)	R (com o primeiro valor)
F	S (Ç, Z)
G (Gue)	T
H (Agá)	U
I	V
J	X (Ch)
K (Q grego)	Y (I grego)
L	Z
M	

Formula em oito versos, na qual cada palavra principia por uma das letras do alfabeto, postas por sua ordem.

Alberto Braz Catita
Deu-me Esta Forte Guita;
Helena Insiste Já,
Kyrios Lhe Mandará.
Não Olho, Para Qem
Ronhas Sordidas Tem,
Uma Vilã Xineira!...
Yapu![1] Zabaneira![2]

Formula em sós quatro versos, encerrando igualmente a serie alfabetica.

EISPLICAÇÃO PRÉVIA.

Finge-se qe fala com o seu jokey (ou criado de coche) um ratão, qe está para representar n'uma comedia, em qe entram o principe grego Ypsilante, e o filosofo, tambem grego, Zenão. O jokey depois de ter imbutido ao amo, para o animar, uma dóze de vinho, qe o poz em braza, qeria-lhe fazer beber mais meio copo, e lhe ins-

1 Ave como a Pêga.
2 Termo injurioso.

tava para qe deitasse abaixo aqele pé. O amo escusava-se com dizer, qe isso para ele seria lume, e qe já se achava envergonhado do estado em qe se sentia lá por dentro; qe por consequencia, fosse pregar igual peça ás outras duas figuras da comedia.

A BACO DOU EU FIGA!
HAI JOKEY! LUME NÃO,
O PÉ, QE RESTOU, VEXE
YPSILANTE E ZENÃO.

Mais adiante se acha o alfabeto minusculo figurado. Cada discipulo lá arranjará mentalmente para si uma istoria, embora eistravagante, na qual essas vinte e cinco imagens se encadêem por sua ordem, o qe será terceiro e mui facil modo de reter a sequencia alfabetica.

Proponho para eisemplo o seguinte: á sombra d'uma *arvore* estavam uns *bois* brigando, quando, passou o *comprimenteiro*; com medo de alguma marrada, pegou no *escudo*, e entrou a gritar pelo *padeiro* qe lhe acudisse; mas qem o ouvio foi o da *escorva*, qe estava sentado ao pé d'um *repucho*, ali perto, a conversar com o *turco* e com o *pateta;* levantam-se logo todos tres; armam-se um, com *pistola*, outro com um *ferro;* o *ledor*, qe não estava longe, agarra n'uma *medida*, 'num *bor-*

dão, e 'num *arco*, sobe a um *mastro*, entra a tocar *trombeta* para chamar mais gente; acode o do *pandeiro*, saltando como uma *cobra*, e trazendo na mão um *martelo*; o velho, mais assustado ainda com o socorro, qe com o primeiro perigo, foge, fora de si, e cae dentro n'um *poço*; este, é esgotado a toda a pressa com uma *bomba*, para qe o pobre velho se não afogue; tiram-no, e não o podendo despir com a brevidade necessaria para o enchugarem, cortam-lhe o fato com uma *tesoira*; o figurão vendo-se salvo, seqinho e nu, poz-se a dar saltos como um *arleqim*. Vae senão quando, turva-se o dia, rebenta uma tempestade, vem um *raio*, e mata tudo.

DIVERTIMENTOS.

Representem os rapazinhos, nas oras de recreação, a fatal tragedia acontecida ao *Comprimenteiro* por causa do seu encontro com os *Bois*.

SENA PRIMEIRA — Á sombra d'uma *Arvore*, *Bois*, e *Comprimenteiro*.

SENA SEGUNDA — 'Num jardim, o da *Escorva*, o *Turco*, o *Pateta*, e o *Ledor*.

SENA TERCEIRA — Os ditos e o do *Pandeiro*.

SENA QUARTA — Todos os precedentes e o *Comprimenteiro*.

Desfeixo: ouve-se o *Z* do *Raio*, e cai tudo.

Podem tambem representar o caso do qe estava para entrar na comedia; aí as personagens são quatro, tres qe não falam, o *Jokey*, o *Ypsilante*, e o *Zenão;* e uma qe fala, qe é o amo do *Jokey*, fazendo papel de embriagado.

LIÇÃO DECIMA SEGUNDA.

SUMARIO.

Recordação. — Varios alfabetos impressos, mostrados uns pelos outros.

Recorde-se a ordem alfabetica aprendida na lição antecedente, qe ritmicamante se poderá recitar em versos do seguinte modo:

Á, B, C Ç, D, É, F,
Gue, Agá, I, J, K *grego*, L,
M, N, O, P, Q, R, S, T,
U, V, X, Y *grego*, Z.

Para qe estes versos se contem certos, e com cisação, o que para alguem não seria facil, atendendo a qe é necessario fazer 'neles certas absorsões para os reduzir á medida, aqi os poremos escritos por outro modo, qe não deixará duvida alguma; os numeros indicam as silabas:

1 2 3 4 5 6 7
Á, Be, Qe, Ce, De, É, Fe,

1 2 3 4 5 6 7
Gá, Gai, Je, Ke *gre go*, Le,

1 2 3 4 5 6 7
Me, N'o, Pe, Qe, Re, Se, Te,

1 2 3 4 5 6 7
U, Ve, Che, Y *gre go*, Ze.

Sabem ler qualquer palavra escrita com carater redondo usual; como porém, nos livros se encontram ás vezes empregados outros alfabetos, convem fazer com elles conhecimento. O mestre, se podér copiará d'aqi para o quadro preto esses diversos alfabetos, ou se a sua aptidão em escrita não dér para tanto, poderá tel-os mandado fazer com antecedencia em grandes folhas de papel, qe irã nesta ocasião apresentando. O *mississipi* póde já ter estes abecedarios.

Estudo de diversos abecedarios.

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

A B C D E F G H I J K L M

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

a b c d e f g h i j k l m

eisplicados pelo alfabeto romano.

N O P Q R S T U V X Y Z

N O P Q R S T U V X Y Z

N O P Q R S T U V X Y Z

N O P Q R S T U V X Y Z

N O P Q R S T U V Z Y Z

N O P Q R S T U V X Y Z

n o p q r s t u v x y z

n o p q r s t u v x y z

n o p q r s t u v x y z

n o p q r s t u v x y z

n o p q r s t u v x y z

n o p q r s t u v x y

n o p q r s t u v x y

n o p q r s t u v x y

n o p q r s t u v x y

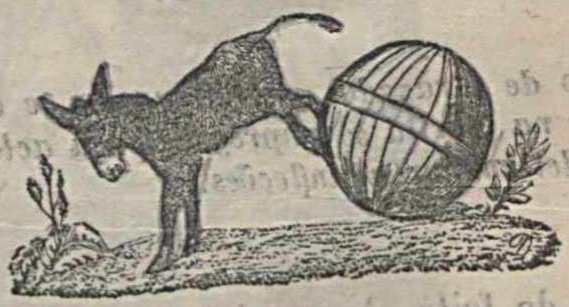
n o p q r s t u v x y

DIVERTIMENTOS.

DIABRETE ALFABETICO.

Tenham-se cincoenta cartões ou cem, ou cento e cincoenta, ou duzentos, ou os qe se qizerem, comtanto qe se possam distribuir todos em montes de cincoenta, e escreva-se em cada vinte e cinco cartões um dos alfabetos de qe demos amostra; sendo cem os cartões, teremos 'neles quatro alfabetos de diverso caráter; sendo cento e cincoenta, seis alfabetos, e assim por diante. Pinte-se finalmente 'num cartão do mesmo tamanho, em logar de letra um diabrete. Sentem-se de roda d'uma meza os discipulos, e por entre eles alguem qe saiba ler; baralhem-se os cartões, vão-se dando a um e um a todos os circunstantes. Cada um descarte-se de todos os pares de letras identicas qe lhe vierem á mão, *verbi gratia:* dois *rr*, dois *aa*, quatro *ssss*; tendo cuidado em nunca deitar fora letra impar. O primeiro da direita de qem deu cartas, offereça os seus cartões incobertamente ao seu visinho da direita, para qe este saqe um sem ver a letra; se a letra qe sacou irmana com uma das qe tinha, deita fóra esse par, e oferece o seu jogo ao seu visinho da direita, para este do mesmo modo tirar uma carta;

este faz outro tanto; e assim se vai correndo a roda, uma, duas, e quantas vezes fôr necessario para se fazerem todos os descartes. A pessoa em cuja mão fica a final o diabrete é a qe perde. Este jogo, qe é uma imitação do diabrete usual, diverte muito.



LIÇÃO DECIMA TERCEIRA.

SUMARIO.

Recordação de atrazados. — Pontuação, e diversos sinaes, qe na escrita se empregam para aclarar o sentido, e determinar as infleções.

Depois de feita alguma leitura auricular alternada, e alguma leitura ocular, cantadas as regras, e repetida a formula qe mnemonisa a ordem alfabetica, entramos em materia nova.

Sabemos ler palavras, mas os periodos escritos, apresentam-nos, além de letras, outros sinaes, qe ainda não conhecemos; estes sinaes são:

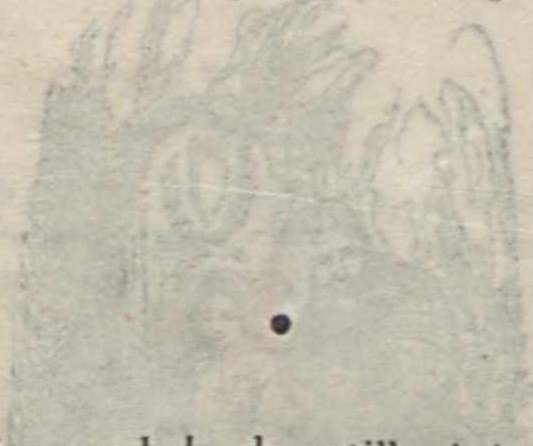
, . ; : ? ! ... ( ) ,, ' - *

Nenhum destes sinaes significa som ou articulação, qe o leitor haja de proferir, pois não são letras, mas valem unicamente: uns, para qe no ler se façam certas paradas, mais ou menos demoradas; outros, para qe se dê á voz certa intoação; e outros, para desfazer algumas dúvidas da leitura.

Para bem se distinguirem as figuras, e valores d'estes sinaes, vamos seguir na eisplicação de cada um d'eles o mesmo metodo, qe levámos no ensinar as letras.

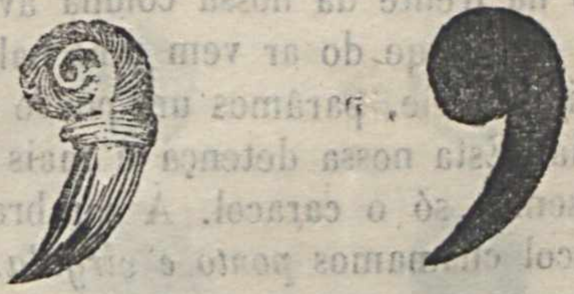
,

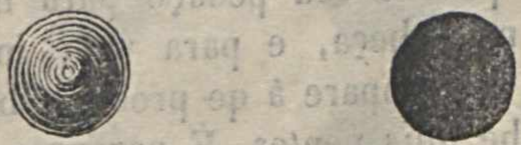
Um caracol com a cabeça cortada! Quando se nos apresenta no caminho, olhamos para ele pela eisqisitisse, mas só fazemos uma levissima detença; como é muito insignificante, chamamos-lhe *virgula*. Proferimos a palavra qe fica antes com voz mais fininha; o aguçado da *virgula* o faz lembrar.



•

Eis aqi uma bala de artilheria! Quando ela vem disparada contra a frente de uma coluna de gente, é decisiva, acabou tudo; assim quando vemos a sua imagem á direita de uma linha de figuras ou letras, intendemos qe tudo quanto essas letras diziam, ali finalizou e parou redondamente. Chamamos pois á sombra da bala *ponto final*. A palavra qe antes d'ele está, dizemol-a com voz mais grossa.



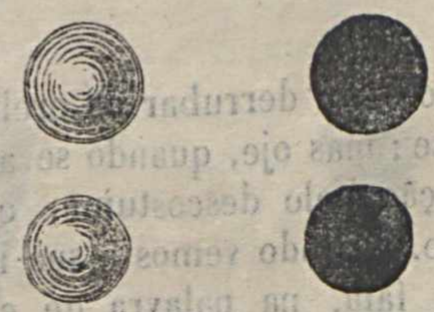


;

Quando na frente da nossa coluna avistamos o caracol, e vemos qe do ar vem uma bala, já fria, cair em cima d'ele, parâmos um pouco a reparar na comedia. Esta nossa detença é mais longa do qe se vissemos só o caracol. Á sombra da bala e do caracol chamamos *ponto e virgula*. A palavra qe fica antes, e em qe parâmos, proferimol-a quasi sempre com voz mais grossa.

:

Duas balas qe um arlequim atira alternativamente ao ar, sem nunca as deixar cair no chão. Chegando-se qualquer onde se está fazendo este eisercicio, pára o seu pedaço para não apanhar com elas na cabeça, e para vêr; mas nunca é parada qe se compare á qe produz a bala inimiga. Chamam-lhe *dois pontos*. É paragem maior qe a do ponto e virgula, porém menor qe a do ponto. A palavra qe precede os dois pontos diz-se com voz mais grossa.

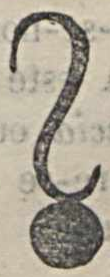


?

Entre jeroglificos do Egyto achou-se um assim: uma cobra em cima de uma esfera! Ninguem soube atinar-lhe com a significação; e como todos perguntassem, e ninguem respondesse, eisclamou um ratão: «aqilo inventou-se de proposito para obrigar a gente a perguntar.» Portanto, todas as vezes qe nós virmos a sua imagem, avemos de dar á voz, na palavra qe fica antes, o tom de pergunta.

!

Estes brincos de derrubar as orelhas usaram-se antigamente; mas oje, quando se avista algum, cauza admiração pelo descostume, e mais ainda sendo revirado. Quando vemos a sua imagem imitamos com a fala, na palavra qe está antes, o tom de qem se admira, e chamamos-lhe *ponto de admiração.*

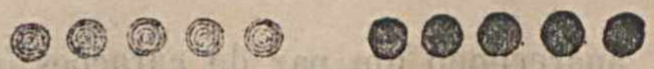


•••

Balas de mosqeteria, qe saem em descarga serrada, do meio de uma emboscada, e atravessam zunindo pela frente da nossa coluna! Involuntariamente fazemos alto, e emudecemos a súbitas, conhecendo-se-nos na fala qe ficámos embargados do medo. A este enxame de balas, chamamos por isso *reticencia* ou *pontinhos*. A palavra qe está antes profere-se com voz truncada e quasi sempre mais fina.

( )

Ali estão dois páos tortos arvorados em distancia um do outro. Um páe de familias muito desconfiado, achando-se no meio de um arrayal de romaria, entre muita gente estranha, lembrou-se de pôr aquelas estacas a prumo, e armar uma barraca, para ter os seus, mais sobre si; e prohibiu-lhes o falarem para fôra. Chamava áqilo estar *entre parentes*. Quando na leitura encontramos, entre muitas palavras, algumas assim enclausuradas, lêmol-as como um áparte, e dizemos qe estão entre *parentesis*. A voz com qe taes palavras se dizem, costuma ser mais grossa.

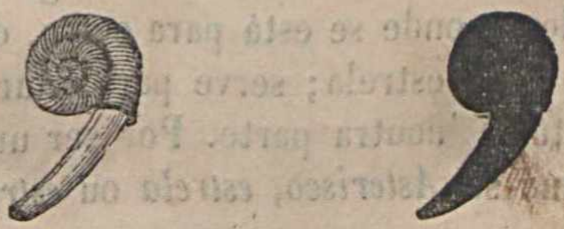


»

Em aparecendo um par de caracóes (assim «) antes de uma palavra, e lá adiante outro par de caracóes ('nesta posição ») significam qe tudo quanto se acha escrito, desde o primeiro par até ao segundo, são palavras de outrem, e de alguma consideração; qe por isso se não póde dizer, qe não valem dois caracóes, valem até quatro. Chamam-lhe *Aspas*, ou *virgulas dobradas*.

'

Em se vendo este caracol, já se sabe qe falta ali alguma letra; o amigo lambeu-a, e deixou-se ficar no logar d'ela. Chamam-lhe *Apóstrofe*.



-

Este sinal é como um gato de ferro; o gato ajunta dois pedaços separados, para inteirar uma peça de loiça; com este sinal juntam-se duas palavras, para se lerem como uma só, v. g. *disse-lhes*, *Anglo-Americano*, *Electro-Chymico*, etc. Chamam-lhe *Hyphen*, *tiré* ou *tirete*.

*

Esta estrela é como a dos Reis Magos; convida a sair do logar onde se está para outro, designado por outra igual estrela; serve para citar um trecho qe está lá 'noutra parte. Por ser um peqeno astro chama-se *Asterisco*, *estrela* ou *estrelinha*.

Para praticar a leitura com pontuação, vamos por aqui algumas frases, que no ensino particular se farão ler por este mesmo livro; e no ensino escolar ou por este mesmo livro, ou copiadas fielmente para o quadro preto.

1.º Joaquim, Mario, e Antonio, filhos de José Alves, foram outem para o Porto.

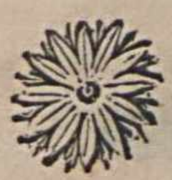
2.º Outem (quando ia chegando a casa) estava eu a comer [illegible] perceberete.

3.º Para a semana, ei-de ir a Aveiro de ladra: dire-me tu (?) sempre quereis que te compre a lã ratoeira?

4.º Eu já disse aqueles meninos: não me torne a pregar peças; quando não.... e olhe que, se bem o digo, melhor o faço.

5.º Marcaremos-nos todos este domingo gordo: um, d'amor; outro, de lapos; e o Ambrosio (que é mais gordo) de abadessa.

Como estes, amostra o professor frases, em que vá variando a pontuação; quanto mais singelas, e folgazãs lhe sairem melhor.



Para praticar a leitura com pontuação, vamos pôr aqi algumas frazes, qe no ensino particular se farão ler por este mesmo livro; e no ensino escolar ou por este mesmo livro avendo-o, ou copiadas fielmente para o quadro preto.

1.° Joaquim, Maria, e Antonio, filhos de José Braz, foram ontem para o Porto.

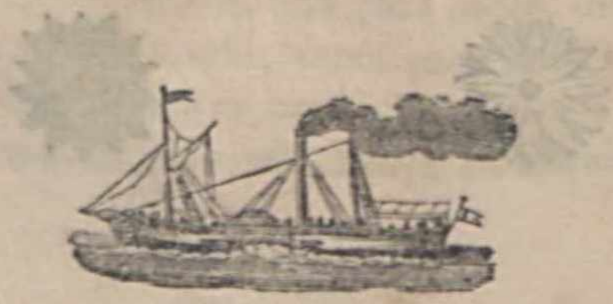
2.° Ontem (quando tu chegastes a minha casa) estava eu a comer melaço. Aposto qe não percebeste!

3.° Para a semana, ei-de ir á feira da ladra; dize-me tu cá: sempre queres qe te compre a tal ratoeira?

4.° Eu já disse áqele mentiroso: «não me torne a pregar petas; quando não.... e olhe qe eu, se bem o digo, melhor o faço.»

5.° Mascaremo-nos todos este domingo gordo; um, d'amor; outro, de lapuz; e o Ambrozio (qe é mais gordo) de abadessa.

Como estas, amontoe o professor frazes, em qe vá variando a pontuação; quanto mais singelas, e folgazãs lhe sairem, melhor.



DUAS PALAVRAS SOBRE A PONTUAÇÃO.

A pontuação está pedindo em todo o mundo uma grande reforma. Não á poeta, mormente dramatico, nem escritor de proza veemente e apaixonada, qe nas suas obras não tenha sentido, com desespero, o vago e o insuficiente d'estes sinaes eisplicativos, e por assim dizer musicos, da fraze. Em uma nota ao meu Drama *Camões*, apontei a necessidade, e ponderei a facilidade de se ampliar a pontuação, quando já não fosse completal-a. Depois da proposta, qe brevemente ei-de publicar, da ortografia rigorosa e simplicissima, darei tambem a de uma pontuação mais cabal, tal como a tenho concebido. Adotadas ás duas, ou alguma coisa com elas parecida, teremos dado no progresso inteletual um passo de gigante.

DIVERTIMENTOS.

Presupondo qe o mestre, depois de eisplicadas as figuras da pontuação, tem dado a ler varias frazes bem pontuadas, e obrigado os alunos a dar as pausas, e tons devidos, proponhamos aos discipulos um jogo, pelo qual os tons da pontuação se lhes venham a fixar muito mais profundamente na memoria.

Tenham-se pintados em oito cartas os primeiros oito sinaes da pontuação; em cada carta um. Sendo mais de oito os jogadores, dupliqe-se ou tripliqe-se o numero das cartas, repetindo-se por consequencia os sinaes. Baralhem-se e distribuam-se, uma a cada parceiro.

O conto qe vamos apresentar deve estar decorado por todos, e na ponta da lingua: o primeiro parceiro repete-o, pondo os olhos na carta ao finalisar cada verso; e fingindo qe aqele sinal vem para ali, dá á ultima palavra do mesmo verso o tom e pausa, pelo sinal reqeridos, sem lhe importar se a coisa assim tem ou não tem sentido. Sendo o sinal ( ) parentesis, declamará o conto supondo estarem entre parentesis o segundo verso, o quarto, o seisto, o oitavo, em suma todos os versos de numero par, até ao fim do conto.

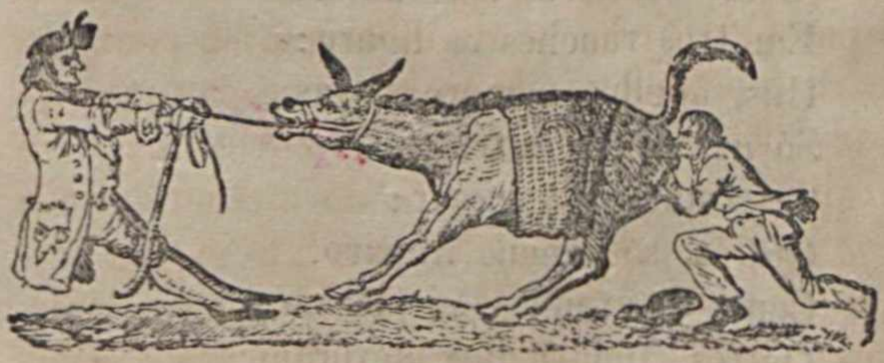
As entoações devem ser o mais eisageradas possivel.

O agrado d'este jogo consiste principalmente na eisqisitice da declamação, qe varia de parceiro para parceiro, e qe muitas vezes faz um contraste divertido com o pensamento.

Corrido o conto uma vez por cada parceiro, tornam-se a dar as cartas, depois de baralhadas, devendo cada um regeitar o sinal qe a sorte lhe déra antecedentemente.

Cada vez qe um parceiro deixa de dar ao qe recíta o tom ou a pausa reqeridas pela sua carta, é advertido, e paga prenda.

As sentenças das prendas podem ser, arremedar as figuras do alfabeto, pelo modo qe já 'noutra parte deixámos apontado.



OS BRUTOS NA LIVRARIA.

Os livros, são como as flores;
Pois, conforme os seus autores,
Contém mel, peçonha, ou nada.
Uns, são fontes de siencia,
De virtude, de prudencia,
De riqeza, amor, e paz;
'Noutros, doutrina danada
Destroe o siso, e as virtudes;
D'outros, por mais qe os estudes,
Nem mal, nem bem tirarás.
Da mesma sorte os ledores,
(Como os livros e os autores)
Em tres ranchos os figuro:
Uns, abelhas sempre ativas,
Só nas obras instrutivas
Se costumam recrear;
Outros, só veneno impuro,
Como as aranhas, eisploram;
Outros, tudo a flux devoram;
Folheiam... por folhear.
Os primeiros, nobre enxame,
Qem averá qe os não ame?

São da terra a luz e a gloria.
Dos espiritos imundos
Socios e irmãos os segundos,
São da terra espanto, orror!
Quanto á sucia relamboria,
Dos qe lêem só por mania,
Dentro d'esta livraria
Seus retratos mandei pôr.

ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO DECIMA QUARTA.

Conhecemos as letras pelas primeiras quatro lições; conhecemos as vogaes nasaladas pela lição qinta; as articulações compostas pela seista; sabemos ler as palavras pelos eisercicios qe desde o principio até aqi se tem feito; e aprendemos teoricamente os valores da pontuação e mais sinaes graficos. Segue-se aprendermos a ler periodos, isto é, aplicarmos na pratica os valores da pontuação e dos mais sinaes graficos. Os contos qe vamos apresentar, não são normas de moralidade, ou de prudencia; não é ainda aqi o logar para taes doutrinações: por parte dos costumes, sáo inocentes; e basta isso. Fil-os em verso e rimados, porqe assim se decoram melhor, e no decorar vai uma grande facilitação para qem se qer aperfeiçoar no ler. São casos de rir; são comumente disparates ou *amfigoris*; d'este modo se cativa melhor a atenção, e se eiscita o gosto.

Cada conto é consagrado principalmente a uma das consoantes, e dela apresenta um bom numero de combinações variadas; se não todas, as principaes. Lidos todos os contos, talvez não seja facil descobrir em portuguez uma combinação de

letras, qe em algum d'eles se não encontre, ou quando menos analogia por onde se atine e eispliqe.

Atenção mui séria ao qe vou recomendar, qe é fruto de longa eisperiencia.

Á defeitos vulgarissimos no ler (e graves defeitos) qe unicamente procedem de se ter aprendido com mestres, ou inabeis, ou desleixados, ou uma e outra coisa juntamente. Estes defeitos, indecentes e vergonhosos, são os qe eu vou assinalar aos meus caros professores, e ás boas mães de familias, qe se ouverem de servir do presente livrinho para a instrução de seus filhos.

PRIMEIRO DEFEITO — *MASTIGAR.*

Dizemos qe mastiga, masca, ou morde as palavras o ledor qe tem o sestro de proferir as silabas, todas, ou algumas d'elas, mais de uma vez. Para qe tal sestro se não chegue a contraír (porqe depois de arraigado seria muito dificil eistirpal-o) convém, e é indispensavel, coibir constante e severissimamente essa propenção, natural a todos os principiantes, vedando-lhes o dizerem uma silaba mais de uma vez, e o voltarem atraz na leitura de cada palavra depois d'ela finda; embora ficasse menos bem proferida.

SEGUNDO DEFEITO — *ESTIRAR.*

Os qe ainda estão pouco certos no valor das letras, e no como esses valores se devem travar uns com os outros, costumam-se a prolongar cada silaba qe decifram formando-lhe uma especie de éco, a fim de impalharem com alguma coisa o ouvido, em quanto lhe não podem atirar a silaba seguinte, o qe torna a leitura fastidiosa e sonífera. Acostumae vossos discipulos a dizerem cada silaba sobre si, e rapidamente, em quanto não podem fazer outro tanto á palavra inteira.

TERCEIRO DEFEITO — *OMISSÕES E TROCAS.*

As palavras mais curtas, principalmente as de duas letras como *de*, *do*, *da*, *em*, *no*, *na*, e sobretudo os adjetivos determinativos, a qe chamam artigos *o*, *a*, etc., á muitas pessoas qe ao ler as calam quasi constantemente, ou as dizem erradas; não vos canceis de chamar a atenção dos alunos para essas palavras curtas, qe não são menos importantes qe as longas.

QUARTO DEFEITO — *TROCA DE FINAES.*

É trivialissimo qe um ledor novato, logo qe julga ter advinhado uma palavra pelas primeiras letras

qe d'ela juntou, a lance assim afoitamente pela boca fóra, e se engane de meio a meio; pois muitas vezes o qe se lhe figurou qe seria masculino, estava lá feminino, ou vice-versa; o qe disse singular, era plural, etc. Acostumae as vossas creanças a lerem todas as letras, em vez de se arrojarem a advinhal-as. Lá virá tempo em qe mais amestrados no ler, e abastados de mais idéas, e mais assente juizo, possam com segurança inferir de uma silaba uma palavra, e de uma palavra uma fraze inteira.

QINTO DEFEITO — *MONOTONIA.*

Este defeito é o mais comum em qem lê: consiste em incarreirar palavras, frazes e periodos no mesmo andamento, e com o mesmo tom, sem nunca alevantar, nem abaixar a voz, nem meter intervalos; ou tambem pondo-os de palavra a palavra, o qe ainda é peior. Não á proza tão bela, nem tão rica poesia, qe lida assim, não fiqe detestavel.

O remedio para se não caír em tal miseria, é acostumar os olhos a descobrirem 'num relance a pontuação espalhada no periodo qe se vae ler; d'esta sorte, precatado já o espirito, sabe onde á-de ir pausando a voz, onde convém qe principie a encaminhal-a para tom admirativo, para tom interrogativo, para parada final e afirmativa, para

interrução de parentesis, para qebra súbita de reticencia, para fala alheia. para o semirepouso do ponto e virgula, para a tenue detença da virgula, etc. Qem ler com pontuação, nunca poderá ler de todo mal.

A voz, chegando ao ponto final, geralmente desce com uma certa gravidade. No ponto de admiração, pelo contrario, sóbe com uma especie de entusiasmo. Na interrogação, mais vezes sóbe do qe desce. Antes de reticencia sóbe sempre. Dentro no parentesis é mais frequente qe desça (quasi como áparte). No qe imediatamente precede, ou imediatamente segue ao parentesis, não sae do seu andamento ordinario.

O juizo e o bom gosto de cada um irá ensinando o mais, qe neste sitio me fôra impossivel eisplanar.

Em poucas palavras, eis-aqi o processo da lição em qe vamos entrar. O mestre, sendo o ensino a um só discipulo ou dois, e conseguintemente feito todo por este livro, mostra a estampa do primeiro conto, e eissita sobre ela, o mais qe póde, a curiosidade dos ouvintes. Depois, lê-lhe o conto viva e animadamente. Relê-o, seguindo-o com ponteiro, e parando no fim de cada palavra. Lê-lh'o terceira vez ainda, dividindo as palavras em silabas, marcadas com o ponteiro. Sobre o qe, os convida a lêrem eles. Logo qe o ajam feito, com todas as precauções supra, mas tomadas na

ordem inversa, isto é: primeiro por silabas, depois por palavras destacadas e a final corrente, mostrar-lhes-á a ultima palavra de cada verso, para qe lh'a digam; se não dizem alguma, obrigal-os-á a relerem o verso respetivo inteiro. Senhores das palavras finaes, passarão a dizer do mesmo modo a primeira palavra de cada verso.

Por derradeiro (e a isto atenda-se muito) aponte-lhes cada uma das palavras curtas mais usuaes em portuguez, qe no conto se incontrarem. O rol qe adiante vai, é para governo do mestre. Apesar de ser tão curto, encerra vocabulos tão frequentes em nossa lingua, qe em qualquer composição de prosa ou verso, quem bem examinar, reconhecerá, qe mais de um terço, e quasi metade das palavras escritas lá, aqi se acham. Já se vê, quanto não é essencial qe o principiante de leitura com elas se familiarise. O qe dito fica sobre o primeiro conto, tem inteira aplicação ao segundo, depois do primeiro sabido; ao terceiro, depois de sabido o segundo; e assim por diante.

'Numa escola, por dois modos se póde fazer esta lição. 1.° Escrevendo o mestre no quadro preto estes mesmos contos, ou frazes copiadas de algum livro, ou tiradas da sua cabeça, e com boa e variada pontuação, e fazendo-as ler em côro ritmicamente por silabas, qe irá apontando com a vara, com velocidade cada vez maior, e obrigando a dar á pontuação o seu valor. 2.° (e me-

lhor) fazendo com qe cada aluno tenha nas mãos este livro aberto no primeiro conto, e assim todos o leiam em côro, e o mais ritmicamente possivel, com as devidas pausas e inflexões (pausas e inflxões eisageradissimas ao principio) seguindo do primeiro conto pelos outros.

Se a escrita fôr na pedra, convirá fazel-a mais vezes com letra manuscrita do qe redonda.

Para esta fase do ensino serve eiscelentemente o *Mississipi*, em qe se podem ter escritos com antecedencia, ou estes contos, ou quaesqer outros teistos jocosos e aprasiveis. O *Mississipi* pôpa no decurso das lições o muito tempo qe o escrever do mestre forçosamente faz perder a ele e aos discipulos; rasão porqe, apezar de não ser indispensavel a *leitura continua* ou *mississipi* a toda a aula qe aspire a ser boa, sempre eu recomendarei qe o tenha, e 'nele grande soma d'escrita acomodada aos diferentes periodos do ensino. Se o escrever nas têas do *mississipi* leva mais tempo qe o escrever com giz no quadro preto, em compensação, é trabalho qe fica feito d'uma vez para sempre, em quanto as escritas do quadro preto, apenas lidas se inutilisam.

LIÇÃO DECIMA QUARTA.

SUMARIO.

Recordação. — Catalogo das palavras curtas mais usuaes. — Catalogo das terminações mais frequentes em portuguez. — Contos para se lerem com pontuação.

Apoz algum eisercicio de leitura auricular alternada, e de se averem cantado as regras como preparo para a leitura dos contos ou de quaesquer outras frazes, deem-se a ler e reler no livro ou na pedra as seguintes palavras.

Rol das palavras curtissimas mais frequentes na lingua portugueza.

o, a, os, as; do, da, dos, das; ao, á, aos, ás; no, na, nos, nas; eu, me, mim, migo, nós, nos, nosco; tu, te, ti, tigo; vós, vos, vosco; elle, ella, elles, ellas, se, lhe, lhes, si, sigo; meu, minha, meus, minhas; teu, tua, teus, tuas; vosso, vossa, vossos,

vossas; nosso, nosssa, nossos, nossas; seu, sua, seus, suas; este, esta, isto, estes, estas; aquelle, aquella, aquillo, aquelles, aquellas; outro, outra, outrem, outros, outras; esse, essa, isso, esses, essas; mesmo, mesma, mesmos, mesmas; qual, quaes; tal, taes; tanto, tanta, tão, tantos, tantas; quanto, quanta, quão, quantos, quantas; que, cujo, cuja, cujos, cujas, quem; um, uma, uns, umas; pouco, pouca, poucos, poucas, menos; muito, muita, muitos, muitas, mais; todo, toda, tudo, todos todas; só, sós; bom, boa, bem, bons, boas; máo, má, mal, máos, más; de; para; ó, ho; á; ha; em, [1] *'no, 'na, 'nos, 'nas; 'nelle, 'nella, 'nelles, 'nellas; com, sem; por, per; pelo, pela, pelos, pelas, entre; dentro, fóra; sobre, sob, cima, baixo, roda, torno; cerca; pois, depois, ante, diante; contra; quando, já, logo, antes, depois; onde, aqui, ali, ahi, cá, lá, além; assim; não, nem; até, desde; vez, vezes; modo, modos; se; e; ou; ainda; fim; ser, sou, és, é, sois, são, era, fui foi; ter, tem*; etc.

[1] A apóstrofe (') indica qe no logar em qe ela está se comeu letra. Segue-se qe é um erro, ou antes dois erros, escrever *n'o;* porqe *n'o*, é *em* e *o* (a preposição *em* e o adjetivo determinativo *o*): no colarem-se as duas palavras, mutilou-se da primeira o principio pela figura aferese, isto é, de *em* desapareceu o *e*, e ficou o *m* transformado em *n*. Qem põe apóstrofe depois do *n*, inculca haver uma falta onde realmente a não á, e não a assinala onde a ha. O qe se diz do *'no*, é aplicavel a *'na*, *'nos*, etc. São miudezas, mas de miudezas é qe se compõe a perfeição.

Não será fóra de proposito qe o professor tenha lido e relido com atenção para si, o rol seguinte para fazer insistir, e reparar nas palavras assim terminadas. Póde tambem ter mandado trasladar tudo para uma teia do *mississipi*.

Rol das terminações mais frequentes na lingua portugueza.

A, á, ada, adas, ado, ados, ador, ai, ais: al, am, amos, ámos, ante, antes, anto, antos, ão, ar, ára, ará, aram, áramos, arão, armos, áras, ardes, arei, areis, arem, aremos, ares, aría, ariam, ariamos, arías, arieis, as, ás, asse, assem, assemos, asses, aste, astes; ava, avam, avamos, avas, aveis, el, era, emos, émos, ei, eis, enda, endo, enta, entas, ente, entes, ento, entos, er, era, éra, éra, erá, eram, erâmos, erão, eras, éras, erás, ermos, erei, ereis, erem, eremos, éres, eria, eriam, eriamos, erás, esse, esseis, essem, essemos, esses, este, estes, e, i, ia, ias, iam, iamos, ida, idas ido, idos, ieis, imos, inha, inte, intes, ir, ira, irá, íramos, irão, iras, irás, irdes, irei, ireis, irem, iremos, irmos, is, isse, isseis, issem, issemos, isses, issimo, istes, ita, iu, or, ora, oras, ores, osa, osas, oso, osos, ou, tor, ura, uras, uro, uros.

CONTO PRIMEIRO.

O Bebado e o Cão.

B

Á boca de um beco,
Na Bica do Bello,
Um bravo cadello
Berrava «*bau, bau;*»
Um bebado, um botas,
De bolça e rabicho,
Embirra com o bicho,
Bateu-lhe c'o páu.
Foi grande a balburdia;
A turba se ria;
O bruto bramia;
E o broma a bater!

C'o páu sobre o pobre
É bumba, e mais bumba!
Parece um zabumba!
Bemdito beber!

CONTO SEGUNDO.

A Cobra e o Pinto.

C

Na toca d'uma corúja,
'Numa caza escangalhada
Corria de canto a canto
Certa cobrinha cintada;

Encontra um pinto calçudo,
Que por-'li andava á caça
Das moscas e cevandijas,
E que ao ver a cobra... embaça!

«Comadre» diz o coitado,
Lá no seu *quiqueriqui*
«Vem caçar? Eu já cacei;
«Entre, que eu sáio d'aqui.»

Torna a cobra, escancarando
A boca: «caçaste? e eu não;
«Mas ambos temos fachina,
«Compadre do coração;

«Por fracas trincaste as moscas;
«Tómo a lição, meu calçudo.»
E assim dizendo, trincou-o,
Comeu-o, com penna e tudo.

CONTO TERCEIRO.

O Doido.

D

Um doido, d'estes de pedras;
Por nome Andrónico André,
Cazado com Dona Aldonça,
Que em vez de dois tinha um pé;

Dia de Corpo de Deus,
Disse á espoza: «Aldonça, andae;
Adornae-me co'as gualdrapas
Que eu herdei de Adão meu pae;

«Dae-me a capa de bedel,
«O cazaco de mandil,
«O meu chapéo de dedal,
«E a bengala d'aguazil;

«Gravata dura (que é *duplex*)
«Meu relogio de cadeia...
«O meio dia oiço dar!
«Põe-me já depressa a ceia;

«Venha o pudim de *bedum*,
«Que a Dona Dulce nos deu,
«E o prezunto quadrilongo
«De quadrupede saudeu.»

Assim ceado, e aceado,
O doido Andrónico André,
Saracoteando os quadris,
Foi c'os padres para a Sé.

CONTO QUARTO.

As tres Comadres.

F

Florencia, Francisca, Eufrasia,
Todas de fraldas de folhos,
Foram fazer uma festa
De filhós, bife e repolhos.
Tres tafues, tres franchinotes,
Deitaram-lhes fel nos molhos;
Por tal feitio, que as tres,
Fartas de fome e de zanga,
Só comeram d'essa vez
Figados fritos de franga.

CONTO QUINTO.

O Desafio.

G

Eugenio Gomes da Gama,
E Gil Gonçalves Bogío,
Brigaram 'num desafio
Pela grulha d'uma dama.
Grande desgraça! e mui digna
De lagrimas bem geraes!
Seus golpes... foram mortaes;
E aquella magana indigna...
Mangou nos seus funeraes!

CONTO SEXTO.

O Marido no Hospital.

H

«Hui! Que horror!» Exclama Helena
Com hysterico formal:
«Heitor da Horta, o meu homem,
Com hérpes no hospital!...

«Nem cochicho, nem cachucho,
«Nem chicharo, nem chicharro
«Lhe deixa entrar para o bucho
«Aquelle doutor masmarro!

«Tudo é encher-lhe o bandulho
«Com drogas dos calhamaços!
«Unta-o com chumbos e enxofres,
«Põe-no á chuva com chumaços!

«Não tenho eu já cuscurrinho,
«Quando não, ninguem suponha,
«Que sofresse em minhas barbas
«Tamanha pouca vergonha;

«Mandava ao demo as farmacias,
«Mandava ao inferno o Physico,
«E punha em caza o meu homem,
«'Inda que morresse tisico.

CONTO SETIMO.

O Janisaro.

J

Um Janisaro em jejum
Viu 'num jardim um jarreta,
Que estava a jantar perum,
Jergelim, e ginja preta;

De jubilo encheu-se todo;
E pregou-lhe tanta peta,
Que tirou o pé do lodo,
E gramou tudo ao jarreta.

CONTO OITAVO.

O Kabalista.

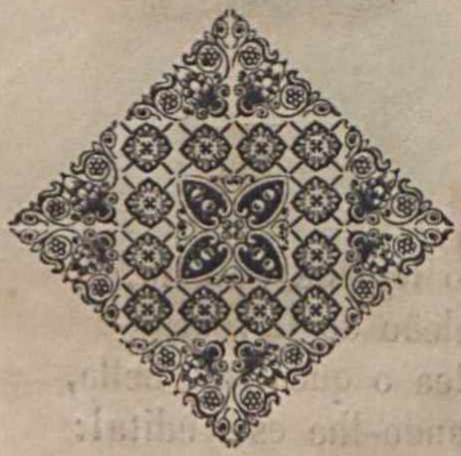
K

Em um *kiosque* kilógono
Um *Kabalista* infernal
Qiz compôr, lá com os seus kyrios,
A *pedra filosofal.*

Deita fogo a um kalendario;
Põe-lhe em cima um caldeirão;
Vasa-lhe dentro alguns alkalis
Ao som do seu *alkorão;*

Deita-lhe kermes, e figados
De *kamichi*, e *kinkaju*,
Que os mandou o *Kan* 'num cantaro
Ás costas d'um *kangurú;*

Lança-lhe *kistos* ás duzias;
Mas... c'o fumo dá-lhe um vágado;
O caldeirão arrebenta-lhe;
E salta de dentro um kágado!



CONTO NONO.

O Capelista.

L

Pondo loja de Capella,
Pantaleão do Cardal,
Alardea o que tem 'nella,
Pregando-lhe este edital:

Linhas, lonas, alfinetes,
Lamparinas, chailes, luvas,
Lenços, lampadas, colchetes,
Leques, luto de viuvas,

Lustres, lacre, lãs, palitos,
Ferrolhos, lapis, lanternas,
Papel, galões, passaritos,
Ligas de enlaçar nas pernas.

Com esta longa parlanda,
O feliz Pantaleão,
Tem já pilhado um milhão
E vai comprar a Outra Banda!

CONTO DECIMO.

Mandinga de Amaro Simão.

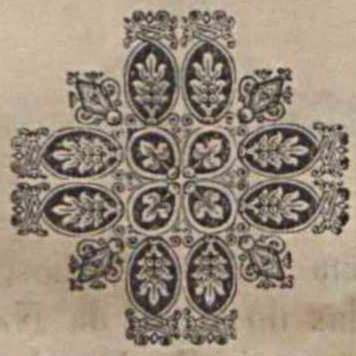
M

Amaro Simão de Soiza,
Tem mandinga mui fatal;
Semeando qualquer coisa,
Jámais lhe nasce outra igual.

Suponhamos que semêa
Mostarda ou manjaricão;
Vem-lhe malvas, vem-lhe avêa,
Ou melancia, ou melão.

Malmequeres, dão-lhe amóras;
Amoras, dão-lhe marmelos;
Marmelos, criam-lhe espóras;
E estas moncos amarelos.

Teima e afirma muita gente
De mioleira machucha,
Que esta mandinga inclemente
Foi manobra de uma bruxa.



CONTO DECIMO-PRIMEIRO.

Passaros bisnáus.

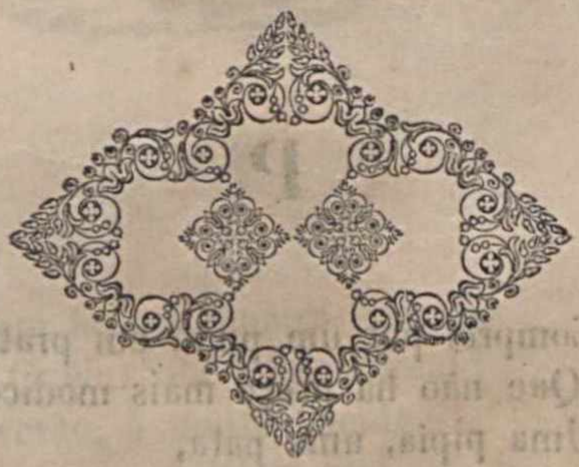
N

Anastacia e Anna Nunes,
Cunhadas do Anão da Náu,
Mandaram vir de Narsinga
Vinte e um passaro *bisnau*.

Nunca ninguem 'neste mundo
Vio animaes mais bonitos!
Nediosinhos, pernas nuas,
Pennas negras, pequenitos.

Tinham grandes prendas novas;
Tocavam 'num corne inglez
O minuête afandangado,
A dançar a tres e tres.

Mas com tanto toque e dança,
Deu-lhe um *tangro-mangro* máu,
E não ficou dos vinte e um
Nem um passaro *bisnau*.



CONTO DECIMO-SEGUNDO.

Compra e venda.

P

Comprei por um pinto em prata
(Que não ha preço mais modico)
Uma pipía, uma pata,
Um pote, um pente, um p'riodico.

Depois, puz tudo isto á venda;
Que parvo negocio fiz!
Um rapaz, moço de tenda,
Prometteu-me uma de xiz!

CONTO DECIMO-TERCEIRO.

Annuncio.

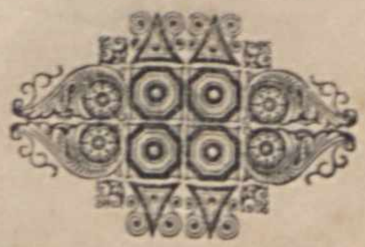
Q

¿Quem ha que queira comprar
Em Queluz um bom quintal?
No verão, é muito quente;
No inverno... tal e qual.

Tem quinze arvores de quina;
Quarenta cardos de qualho;
Quatro flôres de quaresma,
Que não requerem trabalho.

Dá tres alqueires e quarta
De quassia, e doze de milho;
E do liquido que esquenta,
Seis quartolas e um quartilho.

Quaesquer pessoas, querendo
Vêr este predio exquisito,
Podem fallar com o quinteiro
Quirino Joaquim Cabrito.



CONTO DECIMO-QUARTO.

Indisgestão.

R

Comprei na feira do Rato,
No largo das Amoreiras,
Arroz de Perú 'num prato,
Arranjado pelas Freiras.

Sabia a chouriço moiro;
Era comer e gritar!
Carne, rins, recheio, coiro,
Roí sem resto deixar.

Porém fiquei mui doente;
Tanto, que o doutor Cabral
Me receitou para o ventre
Raspas de unicornio, e tal.

CONTO DECIMO-QUINTO.

Sabonetes.

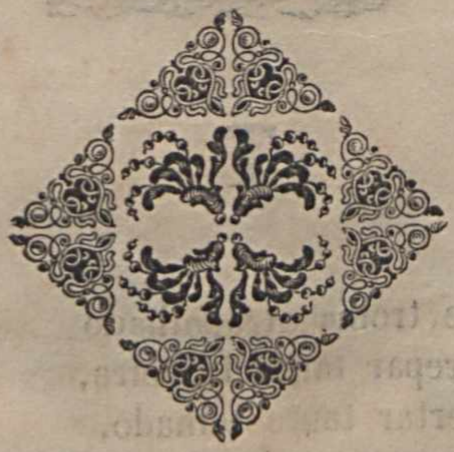
S

Para fazer Sabonetes,
Mui bellos e transparentes,
Inventou certo estrangeiro
Tres receitas excellentes.

Vamos dizer a segunda,
Simples, facil de fazer:
Põe-se sal, e cascas d'alhos,
E azeite doce a ferver.

Deita-se 'nesta mistura
Sumo de limão azedo,
Com soda, melaço, e rosas
Colhidas de manhã cedo.

Depois de tudo amassado,
Põe-se em frasquinhos ao sul,
Faz-se em bolas, e se embrulha
Em papel verde ou azul.



CONTO DECIMO-SEXTO.

Entrudo.

T

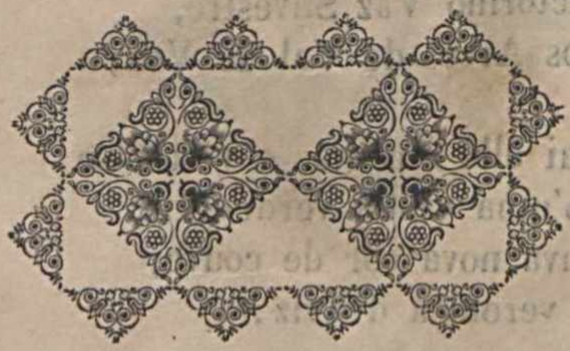
Triste trolha atrapalhado
De trepar tanta trapeira,
Concertar tanto telhado,
Estragar tanta goteira;

Na festa do Santo Entrudo,
Entra trôpego e zoupeiro,
De tamanco, tosco e rudo,
No int'rior do seu palheiro.

Sentou-se 'num tamborete,
Sem dizer nem chus nem bus,
E poz-se a entrudar sósinho
Com tripas de atum de truz.

Eis trinta e tres cães famintos
(Outros dizem trinta e seis)
Entram de tropel ladrando!
Que estrago!... agora o vereis:

Trastes, trancas, tócos, troncos
Estoiram... tudo é tropel!
Bater, latir, tombos, roncos,
Terminam este aranzel.



CONTO DECIMO-SETIMO.

Trabalhos do Pai-Avô.

V

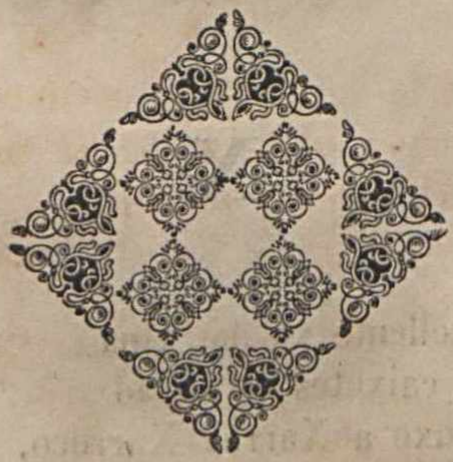
Vinde ouvir, caros ouvintes
(Vale a pena) Era uma vez
Victorino Vaz Silvestre,
Dos Arcos de Val de Vez;

Vai elle um dia, e vestiu-se
Co'uma vestia verde-gris,
Luva nova côr de couve,
E veronica d'Aviz;

¿Advinhaes o motivo,
Por que assim se ataviou?
É por que ía a Villa Verde,
Á voda do Pai-Avô.

«Como vens viçoso e grave!»
Diz o Pai-Avô ao vêl-o
«Trago-vos trovas em verso»
Lhe volve o vivo camêlo.

E taes trovas, e taes versos
D'um livro lhe vomitou,
Que virou do avesso o bucho
Mais o sizo ao Pai-Avô.



CONTO DECIMO OITAVO.

Navio da Xina.

X

Excellente xá da Xina
Em caixotes de xarão
Trouxe a Xarrua Xarroco,
Que é xaveco de feição.

Além d'este xá de luxo,
Mil coisas trouxe da Xina
Mui curiosas; por exemplo:
Xambres roxos, seda fina,

Xibatas e xifarotes,
Lenços para xexisbéos,
Xorinas de franxinotes.
Frascos de oleo de xaréos,

Xargões, enxergas, enxôvas,
Enxofre, enxós, xocolate,
Enxundias, enxertos, lixas,
Largatixas, e um orate.

Xavier, o consignatario,
Xineiro gordo e convexo,
Vendo tanta exquisitice,
Dizem que ficou preplexo.

CONTO DECIMO-NONO.

A Zebra.

Z

Um rapaz, tendo uma zebra
Mettida 'num cazarão,
Dezancou-lhe um dia a febra,
Que a poz magra como um cão.

A azemola era cinzenta;
E depois d'aquella toza,
Ficou de côr de pimenta,
E a atirar para fanhoza.

DIVERTIMENTOS.

Como o nosso empenho todo é qe os alunos colham do estudo, se possivel fôr, o mesmo gosto qe acham nas recreações, façamos um jogo de loto, qe tenha, em vez de letras de conta, as duzentas palavras curtas, de qe 'nesta lição fizemos rol, e com qe os qeremos bem familiarisados. Este jogo, otimo para as oras de descanço, e especialmente para os descompassados serões do inverno, qualqer o póde preparar.

Tomai tantos cartões, quantos são os de um loto ordinario; riscae-os em numero igual de cazas, identicamente distribuidas; então colocae diante de vós os trebelhos, ou marquetas redondas, numeradas, qe andam no saco; ordenando estas peças de um até cem; e acentae 'numa folha de papel outra igual serie de algarismos, de um até cem. Por baixo do vosso primeiro algarismo escrevei as duas primeiras palavras do nosso rol: *o, a;* por baixo do segundo a terceira e quarta, *os, as;* por baixo do terceiro a qinta e seista; e assim por diante até ao fim. Concluida esta operação preparatoria, escrevei no reverso de cada

trebelho as duas palavras, qe na vossa folha achais, correspondentes áqele numero.

Finalmente, tomae um dos vossos cartões, e ponde na primeira casa d'ele as duas palavras correspondentes ao numero, qe aí averieis de pôr, se copiasseis um cartão do loto usual; fazei similhantemente na segunda casa, e assim por diante, até averdes enchido o cartão. Ponde de parte o cartão numerado, e o cartão escrito, e tomando segundo cartão numerado, e outro em branco, trasladae tambem esse segundo, substituindo aos numeros as respectivas palavras, qe a vossa folha de papel vos subministra; e assim de cartão em cartão até ao ultimo.

Advirta-se qe para maior economia um jogo de cartões do loto antigo, isto é, do loto numerico, póde servir igualmente para o loto moderno, ou vocabular, riscando-se este nas costas d'aqele. (O loto numerico é bom não se inutilisar, porqe póde servir com vantagem para divertimento, depois da lição da leitura de algarismos).

Os mesmos 100 trebelhos do loto comum, podem identicamente servir para este, se no reverso se lhes escreverem as palavras.

A marcha do jogo é a mesma, só com a diferença de qe este não deve ser a dinheiro; mas simplesmente a tentos, ou quando muito a rebuçados, amendoas, castanhas, pinhões, ou coisas similhantes.

Será conveniente colocar entre cada dois jogadores, mais atrasados na leitura, um mais adiantado, ou mesmo uma pessoa qe saiba ler, afim de os não deixar pôr vidro onde não devam, ou omitil-o onde o devam.

No loto dos numeros, cada parceiro tem a sua vez de eistrair, e ler os trebelhos; aqi porém passar-se-ão em claro os qe não estiverem em estado de ler estas palavras com certo desembaraço; eisclusão qe só durará em quanto eles não provarem ter já chegado a suficiente adiantamento.

Similhantemente se póde arranjar outro loto para as terminações mais usuaes no portuguez. Chamando-se ao precedente loto vocabular, poder-se-ia dar a este ultimo, o nome de loto terminativo.

Algum litografo poderia empreender a impressão de taes lotos para o comercio.

ADVERTENCIA SOBRE A LIÇÃO PRECEDENTE.

Depois d'esta lição, já os vossos discipulos devem saber ler a letra redonda ordinaria com bastante facilidade. Póde acontecer entretanto, qe, por não terdes seguido com a devida pontualidade todas as recomendações, qe precederam e seguiram a cada lição, se achem ainda pouco desembaraçados. Sendo assim, é mister, antes de passar adiante, continuar-lhes por alguns dias esta lição, não relendo só os contos, mas tudo quanto se acha 'neste livro desde o titulo até aqi.

Eis o processo. Cada aluno tem o seu eisemplar d'esta obra; o mestre abre o seu no frontispicio, e os convida a imital-o; então, recomendando o mais profundo silencio, e a mais séria atenção (qe ele deverá manter até ao fim) ordena a qualqer dos alunos, qe, sem sair do seu logar, mas em pé, em voz alta e bem inteligivel, principie a ler, o qe 'nessa pagina se contém, e o deixa progredir tanto tempo, quanto lhe parecer conveniente; depois do qe, chamará outro, qe deverá começar instantaneamente, onde o primeiro ouver largado; do mesmo modo passará do segundo a terceiro, do terceiro a quarto, e assim

por diante; como nenhum sabe, quando, nem em qe ponto da leitura será chamado, todos serão obrigados a estar atentos.

Logo qe algum errar no qe estiver lendo, ou estacar, o mestre ordenará subitamente a outro, qe emende; se esse o não fizer, ou o fizer mal, a outro, e a outro, até ao fim da classe; não devendo ele proprio desatar a duvida, senão depois de bem averiguado qe nenhum d'eles o póde.

Mas, repito, porqe é bom repetil-o: se ouver necessidade de se prolongar assim a lição com a leitura do livro aflux, toda a culpa averá sido do mestre, qe de certo não foi tão escrupuloso, como devia, no atender ás nossas advertencias, qe todas são filhas da pratica, e de estudo na materia mui refletido. Ora, d'esse seu pecadinho tome ele á boa mente, como penitencia saudavel, o diligenciar, qe os seus alunos entendam, até onde lhes fôr possivel, tudo quanto deixo ensinado; pois qe chegando eles a sabel-o bem, póde ser qe por gosto o cheguem a ensinar a outros; pelo menos lá para o diante a seus filhos se Deus lh'os dér.

Meus amigos, convençâmo-nos bem d'este terrestre Evangelho do nosso seculo:

O saber ler não é prenda nem luxo, mas necessidade, e condição primaria, e impreterivel da civilisação. Contribuâmos

pois por todos os modos diretos e indiretos para se difundir esta alvorada das siencias, das artes, da liberbade, da justiça, da virtude, da religião, da sociabilidade, 'numa palavra, da ventura umana em toda a sua eistensão.

LIÇÃO DECIMA QUINTA.

SUMARIO.

Pontuação. — Regras. — Leitura auricular. — Leitura de manuscrito.

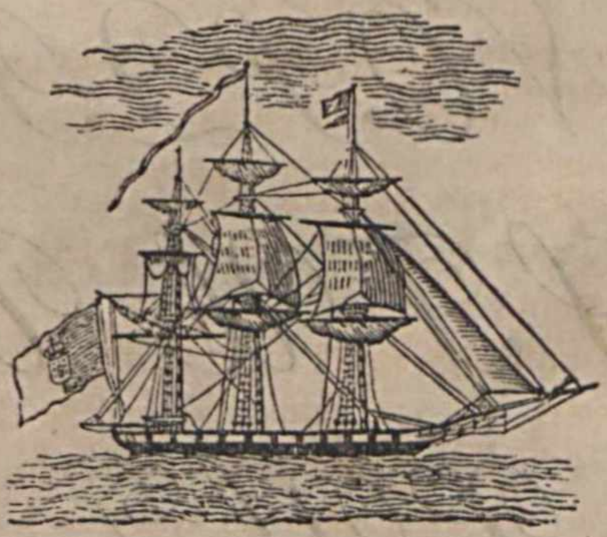
Recorram-se os quadros da pontuação. Para a recordar, leiam-se mais algumas frazes, variada, e perfeitamente pontuadas; avendo cuidado em qe o tom das inflexões se dê com muita eizageração; costume este, qe por algum tempo se deve conservar, pois facilmente se perde, quando se chega a ler desembaraçado, parando então o ledor 'num rasoavel meio termo; ao mesmo passo, qe, se no principio se limitasse a fazer infleçõ es fracas, e indecisas, a final acabaria por não fazer nenhu-

mas; isto é, acabaria por ler desalmadamente, como quasi todos lêem.

Cantem-se todas as regras.

Faça-se um pouco de leitura auricular alternada; e passe-se a ler só em manuscrito.

Na escola, poderá o mestre ir copiando para o quadro preto os teistos seguintes, qe no ensino particular serão lidos 'neste livro; ou no caso de terem os discipulos todos eisemplares d'ele, fal-o-á ler em côro, silabica e ritmicamente. Não tendo todos os discipulos este livro, mas só um terço d'eles, póde colocar cada dono de livro entre dois dos qe o não possuem, para qe os tres leiam simultaneamente.



MANUSCRITO MAIUSCULO.

A B C D E

F G H I

J K L M

N O P Q R

S T U V

X Y Z

MANUSCRITO MINUSCULO.

abcdefghijk

lmnopqrs

tuvxyz

1234567890

AFORISMO.

Aquelle que sabe ler,
Para tudo está mui bem;
Sabe, como ha-de viver,
E ganhar o seu vintem.

Vai-se aos livros, se está triste;
Logo a tristeza lhe esquece.
O bem, que no ler consiste,
Só quem lê é que o conhece.

CONTRAS DO NÃO SABER LER.

Um ourives do Porto, que não conhecia a nem b, teimou em que o filho não havia de saber mais do que elle,

e nunca lhe consentia ir á escóla. Tinha vintens, e lá lhe parecia que bastava isso para o deixar feliz Sendo-lhe necessario ir a Lisboa para tratar com um parente certo negocio, que muito bem se podia ultimar por cartas, mas que elle não queria confiar a quem lh'as houvesse de escrever, deixou o filho (que a esse tempo era homem) encarregado da casa e da loja, e embarcou muito descançado como um tolo que era. O filho lá foi arranjando as coisas conforme Deus o ajudou, que não foi muito. Uma tarde porém, quando já estava para fechar a officina, passa um homem correndo, atira-lhe uma

carta e desapparece; toma-a, olha para ella; abre a boca, deixa-a ficar para a mandar ler no outro dia; vai para o theatro. Voltando para casa muito contente da comedia, acha tudo arrombado e vasio, e o creado fugido. Grita, acode a visinhança, recorda-se da carta, lê-se, era um aviso anonimo do que estava para lhe acontecer. O não ter aprendido a ler custou-lhe o melhor de trinta mil cruzados.

AOS MENINOS.

Amados estudantinhos. Se alguem vos désse uma tenda, um navio, ou uma quinta, não vos faria melhor

prezente do que vos fazem os vossos mestres Bem vêdes, que sem vos serem nada, vos amam como paes; não deveis vós amal-os, como filhos? Não deveis desejar provar-lhes o vosso agradecimento? Pois provai-lh'o aprendendo bem, que é isso o que elles mais desejam para vos verem felizes neste mundo, e em bom caminho para o serdes no outro. Sabendo vós ler, escrever e contar, tendes uma riqueza, que nem os ladrões vos podem roubar, nem o tempo enfraquecer, nem os incendios, inundações ou terremotos destruir; podeis fazer-vos grandes homens; pois ha muitos negociantes,

generaes, governadores, bispos, e até principes, que no principio foram rapazinhos descalços, e desprezados, e que só ao estudo, ás diligencias e ao bom comportamento, é que deveram o subir tanto.

Quem vos diz a vós, que d'aqui a alguns annos, se trabalhardes devéras para aprender, não andareis nas palmas de toda a gente, com grande fama, muitos haveres, e commodidades? Oh! então lembrae-vos de fazer para com os pequenos desamparados, o que os vossos mestres estão fazendo para comvosco! Este mundo é assim: todos recebemos beneficios dos que vieram

antes, e todos os devemos ir passando aos que vem depois.

Se os mais edosos nos dão o seu affecto, é com a obrigação de nós darmos o nosso, não só a elles, mas á geração nova, que se nos seguir.

O homem que não serve aos outros, é como a arvore que está comendo a terra sem dar fructo; e o que a si mesmo se não aperfeiçôa, podendo, é como a fera, que se não deixa domesticar; bruto vive, e bruto morre; ninguem o ama, e ninguem chorará por elle, porque a sua vida foi um peza e um flagello para seus irmãos, a quem devia ajudar. Meus bons meninos, lembrae-vos,

de que se Deus vos deu olhos, ouvidos, memoria, e entendimento, para alguma coisa foi, e foi para vos fazerdes felizes; não esperdiceis estes dotes, estaes a tempo de os aproveitar. Fóra com a preguiça, que é a peior doença. Estudai. Fazei com que um dia, quando fôrdes velhos, e tiverdes filhos, os vossos filhos vos possam tomar por exemplares, e citar os vossos nomes com ufania, e a patria metter-vos no rol dos benemeritos, que lhe grangearam proveito e nomeada.

EMPREGO DO TEMPO.

Ha uma riqueza de que se deve ser sôfrego; é o tempo. Perdel-o, é perdermo-nos.

Matar o tempo, é matar um amigo, que vinha para nós carregado de prezentes. Levanta-te sedo, terás mais saude e agrados. Encomenda-te a Deus, crescer-te-ha o amor do trabalho. Come e bebe, só o necessario, ficar-te-hão mais horas e melhores. Descança d'um trabalho com outro; os exercicios do espirito, alliviam das fadigas do corpo; os do corpo, das fadigas do espirito. Já se não póde com um estudo, e ainda se está fresco para outro. Estão os pés fatigados, não-no estão as mãos; estão-no as mãos, não-no estão os pés.

Trabalhar meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor;
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO DECIMA SEISTA.

O ler palavras qe se acham escritas por inteiro não é tudo; pois muitas vezes as encontramos em abreviaturas: umas só designadas pela sua letra inicial, ou primeira; outras cifradas em algumas das diversas letras de qe se compõe. Como taes abreviaturas sejam um estorvo, em qe frequentemente tropeçam até os qe sabem ler, não será fóra de proposito catalogar aqi as principaes, distribuindo-as por ordem alfabetica para com mais facilidade se acharem 'num repente.

LIÇÃO DECIMA SEISTA.

SUMARIO.

Rol de algumas abreviaturas mais notaveis.

A..... Alteza, Auctor, Auctora.
A. A..... Altezas, Auctores, Auctoras
Ab.º..... Abbade.
A. M..... Ave-Maria.

B. . . . . Beato.
C. . . . . Catholico, Catholica, Capitulo, Christianismo.
Cap. . . . . Capitão.
Cr.^{do} . . . . . Creado.
D. . . . . Dedica, Digna, Digno, Dom, Dona.
D^{r}. . . . . Doutor.
DD^{res} . . . . . Doutores.
D.^{o} . . . . . Dito.
D.^{s} . . . . . Dias.
Ex.^{cia} . . . . . Excellencia.
Exc.^{mo} . . . . . Excellentissimo.
Ex.^{o} . . . . . Exemplo.
F. . . . . Feminino, Fidelissimo, Fidelissima, Folha.
Fr. . . . . Frei.
G.^{e} . . . . . Guarde.
G.^{e} D.^{s} m. a.^{s} Guarde Deos muitos annos.
Gov.^{cr} . . . . . Governador.
I. . . . . Imperial.
Illmo . . . . . Illustrissimo.
Ill.^{tre} . . . . . Illustre.
Ir. . . . . Irmão.
J. C. . . . . Jesu-Christo.
J. M. J. . . . . Jesus, Maria, José.
J. N. R. J. . . . Jesus Nazareno Rei dos Judeos.
L. . . . . Livro.
Lb. . . . . Libra.
Lx.^{a} . . . . . Lisboa.

M..... Magestade, Masculino.
M.^{e}..... Mestre.
M.^{ce}..... Mercê.
M.^{te}..... Mente (terminação dos adverbios, como: felizmente).
M.^{to}..... Muito.
Ms..... Manuscripto.
N..... Nacional, Nossa, Nosso.
N. B..... Nota-bem.
N.^{o}..... Numero.
N. S..... Nosso Senhor, Nacional Serviço.
N. S. P. S.... Nosso Santo Padre São.
O... ..... Offerece.
Obg.^{do}..... Obrigado.
Obgm.^{mo}..... Obrigadissimo.
Off.^{cer}..... Offerecer.
Off.^{o}..... Officio.
Opt.^{mo}..... Optimo.
Ord..... Ordenação.
P..... Padre, Pede, Pagina, Pergunta.
P.^{a}..... Para.
P. C..... Padre Conscripto.
P. E. F..... Por especial favor.
P. E. M..... Por especial mercê.
Pg..... Pagou.
P. M..... Padre Mestre.
P. M. P..... Por mão propria.
P. N. e A. M. Padre Nosso e Ave-Maria.
P.^{r} $\frac{o}{o}$..... Por cento.

Prov.r ..... Provedor.
P. S..... Depois de escripto.
Q̃..... Que.
Q.do..... Quando.
Q.to..... Quanto.
R..... Real, Réo, Resposta, Reverendo.
RR..... Reaes, Réos, Respostas, Reverendos.
R.do..... Reverendo.
R. M.ce..... Receberá Mercê.
R. S..... Real Serviço, Real Senhor.
S..... Santo, Santa.
S. A..... Sua Alteza.
Sap.mo..... Sapientissimo.
S. E..... Sua Excellencia.
S. Em.cia..... Sua Eminencia.
Ser.mo ..... Serenissimo.
S. M..... Sua Magestade.
S. N. R..... Serviço Nacional e Real.
Sñr. Snra .... Senhor, Senhora.
S. P..... Santo Padre.
S. R. ..... Sua Reverendissima.
S.ria..... Senhoria.
SS..... Santissimo Sacramento, Sua Santidade, Sua Senhoria.
Supp.e..... Supplicante.
T..... Titulo, Tome, Tomo.
V..... Vidè, Verbo, Verso, Volte, Vossa.
V. A..... Vossa Alteza.

V. C. . . . . Vossa Caridade.
V. E. . . . . Vossa Excellencia.
V. Em.^{cia}. . . . . Vossa Eminencia.
Ven.^{dor}. . . . . Venerador.
Vg. . . . . Verbi gratia.
V. Illma . . . . . Vossa Illustrissima.
V. M. . . . . Virgem Maria.
V. M.^{cê}. . . . . Vossa Mercê.
V. P. . . . . Veneravel Padre, Vossa Paternidade.
V. R. . . . . Vossa Reverendissima, ou Reverencia.
V. R. M. . . . . Vossa Real Magestade.
V. S. . . . . Vossa Santidade, Vossa Senhoria.
X.^{pto}. . . . . Christo.

ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO DECIMA SETIMA.

Duas coisas são necessarias para se escrever: 1.ª saber qe letras se ão de pôr para representar cada palavra: 2.ª ter na memoria bem firme a figura de cada letra, e a mão ageitada a reproduzil-a. A decomposição, e a leitura auricular alternada, e a leitura por figuras, em qe os nossos discipulos, 'nestas alturas, estão já mestres, de repente lhes fazem descobrir quaes são (salvos os

caprichos ortograficos) as letras com qe um dado vocabulo se deve escrever. A leitura qe já se tem feito de manuscrito, tem-lhes depositado na memoria esses caratéres; o qe só lhes falta é o costume e geito para os formarem por sua mão.

Em alguns cursos de leitura e escrita, por este metodo, tem-se ido alternando, quasi desde o principio, o escrever, e o ler, sem qe nisso aja inconveniencia; antes á, por ventura, alguma vantagem; nós todavia preferiremos começar na escrita, depois de já chegada a leitura a uma certa madureza.

No livro qe andamos imprimindo, com o titulo de *Escrita Repentina*, seguimos o metodo inverso; isto é, caminhamos da escrita para a leitura.

A escrita, de qe tratâmos na proxima lição, não é caligrafia; o nosso empenho por agora, é pôr os alunos em estado de confiarem a um papel os seus pensamentos, por um modo belo, não, mas inteligivel; os qe aspirarem a mais, qe o estudem depois; e no mesmo opusculo qe á pouco anunciámos com o titulo de *Escrita Repentina*, lá se satisfaz a esses dezejos.

LIÇÃO DECIMA SETIMA.

SUMARIO.

Decomposição. — Leitura auricular. — Regras. — Pontuação. — Escrita na ardosia.

Depois de feita muita, e boa decomposição de palavras; muita e boa leitura auricular alternada; cantadas as regras; revistos os seis quadros da pontuação; e lidas com entoação eisagerada algumas frazes, em qe a pontuação figure toda; entremos no eisercicio do escrever.

Nas paredes da aula estão pendentes, com luz favoravel, para serem bem vistos, seis grandes quadros de papel; cada um composto pelo menos de quatro folhas coladas umas ás outras; contendo cada um d'estes seis quadros um seisto do alfabeto, do seguinte modo:

A	*A*	B	*B*
a	*a*	b	*b*
C	*C*	Ç	*Ç*
c	*c*	ç	*ç*

D	*D*	E	*E*
d	*d*	e	*e*
F	*F*	G	*G*
f	*f*	g	*g*

H	*H*	I	*I*
h	*h*	i	*i*
J	*J*	L	*L*
j	*j*	l	*l*

M	*M*	N	*N*
m	*m*	n	*n*
O	*O*	P	*P*
o	*o*	p	*p*

Q	*Q*	R	*R*
q	*q*	r	*r*
S	*S*	T	*T*
s	*s*	t	*t*

U	*U*	V	*V*
u	*u*	v	*v*
X	*X*	Z	*Z*
x	*x*	z	*z*

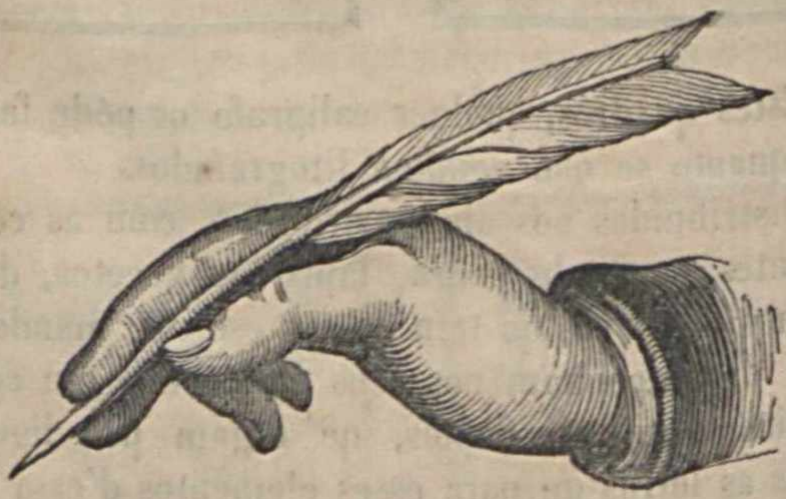
Estes quadros, qualqer caligrafo os póde fazer, em quanto se não vendem litografados.

Distribuidas aos alunos ardosias, com as competentes penas de pedra, lapis, ou gecetos, dita-se-lhes a palavra qe tem de ser escrita; manda-se qe a decomponham nos seus elementos, em côro, ritmicamente; e depois, qe digam por figuras quaes as letras qe para esses elementos d'essa palavra se devem tomar. Se 'nesta segunda operação erram, o qe muitas vezes acontecerá, por

culpa da senhora ortografiia sábia, corrige-se-lhes o *erro*. Logo qe tem a palavra no espirito, segundo o figurino dos doutores, ordena-se-lhes qe a escrevam, mas com a obrigação de irem procurando e estudando o feitio de cada letra nos quadros circumstantes; e isto sempre, e mesmo depois de as saberem bem. Escrita a primeira palavra, dita-se-lhes segunda, com a qual se procede identicamente; depois terceira, e assim inumeraveis.

Esta lição continua-se pelos dias seguintes, alternando-a com a da leitura; a principio só palavras; depois frazes curtissimas; depois menos curtas; longas; muito longas; periodos.

O mestre gira constantemente por entre os alunos, observando as suas posições, o modo de pegarem na pena; o bem ou mal feito da letra;



a correção ou incorreção da escrita; e preferindo, por via de regra, apontar com o dedo o erro, ou

apagal-o, para qe o aluno reconsidere, e ache por si mesmo o acerto, em vez de lhe dizer logo em qe ele consiste, e o modo de o emendar. Avendo ajudante oficial, ou oficioso, e ás vezes poderá aver até mais de um, esses, qe tomem á sua conta o rondar, e tambem rever o trabalho, e as escritas de parte dos alunos; a fim de se andar mais eispeditamente e melhor. Sentido porém em se não cometer esta tarefa de ajudante a alguma pessoa leiga, qe muitas vezes vá fazer a emenda peor do qe o soneto, como já muitas vezes tem acontecido.

Entre os discipulos á sempre alguns qe sobresaem tanto aos seus companheiros, qe mui bem se lhes póde dar o cargo de ajudantes.

Como uns alunos são mais vagarosos do qe outros, a fim de qe os mais apressados não percam tempo a esperar pelo pregão de nova palavra ou fraze, será bom qe 'nestas alturas a aula se divida, segundo os gráos de adiantamento, em dois ou tres corpos, ditando-se ao infimo palavras, ao medio frazes, ao superior periodos.

Póde-se tambem permitir qe escrevam livremente o qe lhes ocorrer, muito embora em estilo chulo.

DIVERTIMENTOS.

Nas horas de recreação, podem fazer o jogo do correio, escrevendo cada um com lapis, em papel, suas cartas aos outros, convidando-os, contando-lhes algumas coisas, fazendo-lhes perguntas, ou falando-lhes no qe mais lhes aprouver. Estas cartas, com os seus sobre-escritos, lançam-se 'numa caixa qe finge correio; um qe representa de oficial do correio, as distribue aos qe lhas vem pedir; estes as lêem em voz alta; e aí está logo a sala 'num passatempo variadissimo.

Apontamentos para algumas d'estas cartas.

Sr. F.

Dezejo me diga se tem tenção de saber ámanhã a sua lição; eu, da minha parte, ei-de estudar para fazer muito boa figura; porqe não qero passar por tolo, nem por mandrião, diante de tanta gente.

Seu condiscipulo muito amigo

F.

Ill.mo Sr. F.

Tenho muita pena de não poder ir oje aos anos de V. S.ª, porqe me mordeu um cão 'numa perna, qe fiqei em miseravel estado. Dezejo qe V. S.ª se divirta muito com os seus amigos, etc.

ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO DECIMA OITAVA.

Antes qe se comecem a ensinar a lêr os numeros compostos de algarismos, é não só conveniente, mas necessario, contar seguidamente de um a cem, de cem a mil, e d'aí por diante, pelo qe a primeira diligencia do mestre será ensinar isto aos seus discipulos verbalmente e sem lhes mostrar por escrito letra ou algarismo algum. 'Nesta contagem de cór convirá acostumal-os a irem marcando com qualqer sinal, ou de voz mais alta, ou de pausa, ou de uma pancada com a mão, ou de tudo isto junto, as divisões decenarias, isto é, qe principiando pelo zero, se detenham aos 9, aos 19, aos 29, aos 39, aos 49, aos 59, aos 69, aos 79, aos 89, aos 99, aos 109, aos 119, e assim por diante. É só depois de bem familiarisados com este eisercicio, qe se lhes abrirá a lição. Passemos a ela.

LIÇÃO DECIMA OITAVA.

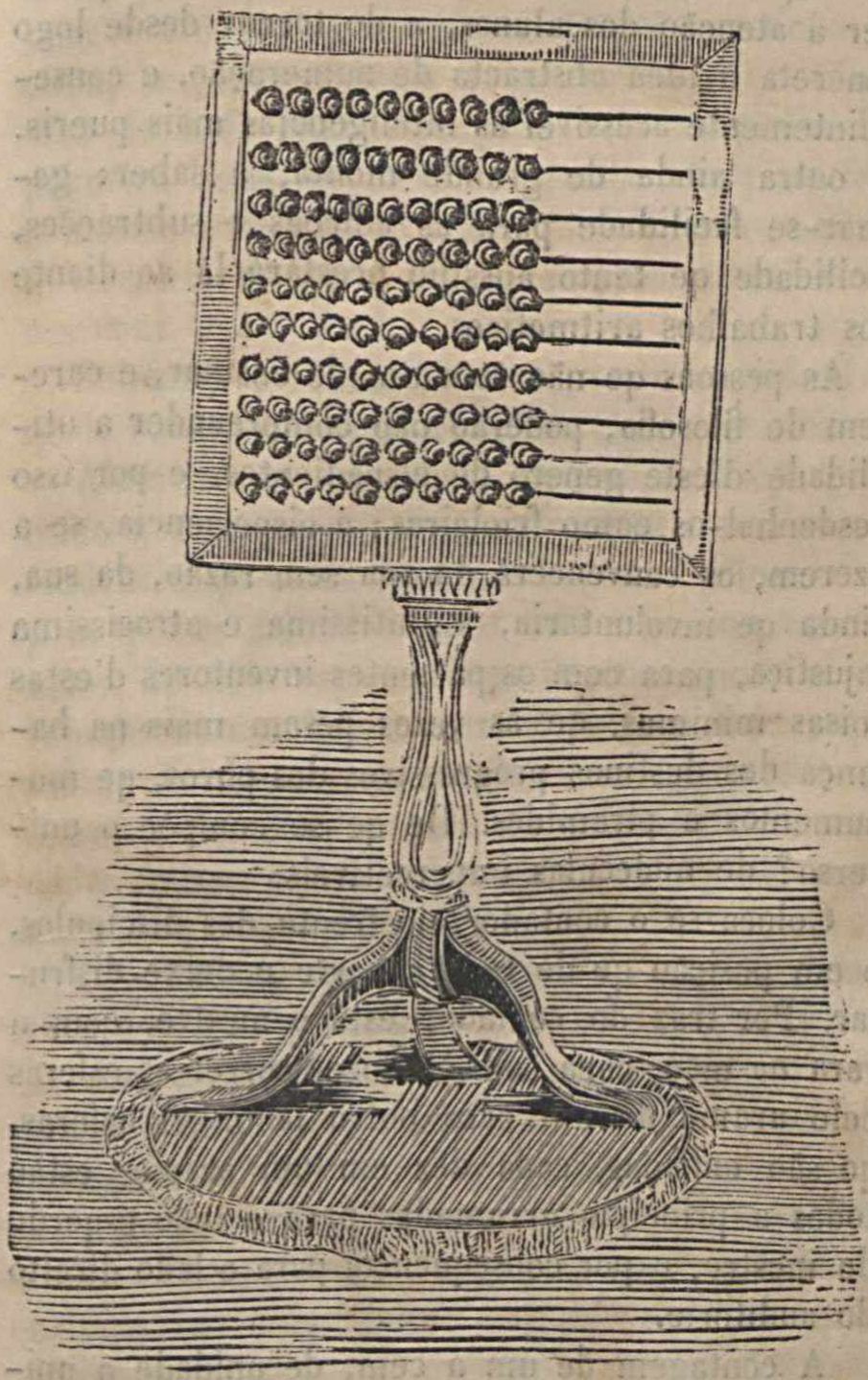
SUMARIO.

Prenoções numericas.

Assim como o falar precedeu ao escrever, e ao escrever se seguiu imediatamente o ler; assim tambem o contar vocalmente precedeu á arte de representar os numeros por sinaes visiveis, á qual como consequencia logica e imediata, se seguiu a de os ler.

Esta lição é pois para adestrar os discipulos no contar vocalmente de um a cem, de cem a mil, a cem mil, a conto, etc., e não menos para os acostumar com cedo ás adições e subtrações.

Para os primeiros eisercicios da contagem vocal, servem-se com proveito, nas salas de asilo de infancia desvalida, de um aparelho chamado *contador*, qe vamos apresentar na seguinte gravura.



Este aparelho, reune á vantagem de eiscitar e prender a atenção dos alunos, a de tornar desde logo concreta a idéa abstracta de numeração, e conseguintemente acessivel ás inteligencias mais pueris. E outra ainda de grande monta, a saber: ganhar-se facilidade para as adições e subtrações, facilidade qe tanto aussilio prestará lá ao diante nos trabalhos aritmeticos.

As pessoas qe não tem uso de ensinar, e carecem de filosofia, poderão não compreender a utilidade d'este genero de eispedientes, e por isso desdenhal-os como frioleiras; a eisperiencia, se a fizerem, os convencerá da sua sem razão, da sua, ainda qe involuntaria, ingratissima e atrocissima injustiça, para com os pacientes inventores d'estas coisas minimas, qe ás vezes pesam mais na balança dos destinos progressivos dos povos, qe monumentos e piramides. De qe se compõe o universo? de moleculas impercetiveis.

Coloca-se o contador em frente dos discipulos, e em posição qe de toda a parte o deixe disfrutar. Por traz do contador está o mestre, com a vara na mão, para com ela fazer correr as esferas pelo arame de um para outro lado. As esferas, qe são enfiadas, cada dez em um arame, estão todas a principio arrumadas para o lado esqerdo do mestre, e por consequencia para o lado direito do auditorio.

A contagem de um a cem, de unidade a uni-

dade, visto está como se deve fazer; contam-se a uma e uma todas as esferas da primira linha de cima, lançando-se cada uma, no tempo qe se nomea do lado onde está para o lado oposto. Da primeira linha, passa-se á segunda, em qe se fará o mesmo e do mesmo modo. Da segunda se desce á terceira, e assim de carreira em carreira até aos cem.

Sabendo-se contar até cem, nada mais facil do qe ir contando até os numeros mais elevados.

Além d'esta operação, do contar vocal pelas esferas, conveniente será aproveitar nos alunos a tendencia qe todos teem para contar pelos dedos, pois qe nos das duas mãos está a dezena, nos das mãos de dois rapazes duas dezenas, nos de dez rapazes de um banco uma centena, nos dos rapazes de dez bancos, assim distribuidos, um milhar; e assim por diante. Este eisercicio de contar os dedos 'numa classe, é recreativo, além de prestadío; eis o modo de o fazer:

O precetor, sem dizer palavra, aponta com a vara o primeiro discipulo; este levanta-se, alça os braços, e abrindo bem todos os dedos, proclama em voz sonora: *dez;* o segundo, imediatamente apontado, como o fôra o primeiro, faz como ele; e os dois, silabica, unisona, e ritmicamente, gritam—*vinte;* acresce o terceiro, e os tres dizem do mesmo modo — *trinta;* os quatro — *quarenta,* e assim por diante, até ao fim da classe; este cres-

cendo de vozes agrada muito aos rapazes, qe todos morrem por bulha.

Já se sabe contar por unidades e por dezenas; trabalhemos no contador para fazer outras adições além das dezenas.

O mestre acenta a vara no primeiro arame de cima, entre as duas primeiras esferas da sua direita, e impele a primeira d'essas duas pelo arame fóra, até se ir encostar no caixilho. A vara com qe isto fez, retrocedendo por cima do mesmo arame da direita para a esquerda, logo qe chega ás esferas, desce para o segundo arame; e como todas as esferas são de igual tamanho e estão identicamente arrumadas, e a descida da vara é vertical, vem infalivelmente bater no segundo arame entre as duas primeiras esferas da direita. Então faz á primeira d'estas duas, o mesmo qe fizera á primeira do andar superior; atira-a para a moldura. Do segundo arame passa ao terceiro, como do primeiro passára ao segundo; e o mesmo faz no terceiro qe no segundo e no primeiro havia feito. Do terceiro baixa ao quarto. Do quarto ao qinto e assim identicamente até ao decimo. A cada esfera qe a vara do mestre separa da fileira para a lançar para o lado oposto, entoam com uma certa cantilena e perfeito ritmo, tanto o mestre como os discipulos, o numero devido, estirando a pronuncia d'essa palavra numerica, quanto fôr necessario para se preencher o tempo da operação

mecanica, o qual consta de duas partes bem distintas; primeira, o bater da vara no arame por traz da bola qe tem de ser deslocada; segunda, leval-a até ir bater sonoramente.

A letra da cantilena é esta: 1; e 1, dois; e 1, tres; e 1, um quatro; e 1, cinco; e 1, seis; e 1, sete; e 1, oito; e 1, nove; e 1, dez. Do nove para o dez a cantilena faz sua variação para servir de remate; a ela mesma, e á dezena.

Aqi está já na linha vertical da direita do mestre e esqerda dos discipulos uma dezena visivel e distinta, qe é a qe acabam de contar. A vara do mestre remonta ao primeiro arame, separa segundo globo, encosta-o ao já arrumado na direita, faz o mesmo ao segundo globo do segundo arame, o mesmo ao segundo do terceiro, e assim por diante até ao segundo do decimo, sempre com a mesma cantilena, e com as mesmas duas pancadas batidas para cada arame. A letra qe então dizem é a seguinte: 2; e 2, quatro; e 2, seis; e 2, oito; e 2, dez; e 2, doze; e 2, quatorze; e 2, dezaseis; e 2, dezoito; e 2 vinte. Dos dezoito para os vinte, varia a cantilena para fazer remate, como já o fizera do nove para o dez na primeira descida. Com isto estão arrumadas, contadas, e presentes á vista, as duas primeiras dezenas. Tornando a vara acima faz ao terceiro globo do primeiro arame o mesmo, e do mesmo modo qe aos dois já apartados; e identicamente procede de arame em arame; a cantilena é a

mesma, com os mesmos compassos e com o mesmo remate; a letra d'ela: 3; e 3, seis; e 3, nove; e 3, doze; e 3, qinze; e 3, dezoito; e 3, vinte e um; e 3, vinte e quatro; e 3, vinte e sete; e 3, trinta. Pelos mesmissimos passos contados se vão seguindo as restantes esferas até ao cento, com o qe, todas as esferas qe a principio estavam arregimentadas para um lado, se acham agora arregimentadas para o outro.

Das adições sabidas, passa-se ás subtrações. As esferas estão outra vez todas á esqerda do mestre. O mestre aparta com a vara para o lado direito a primeira esfera da primeira linha de cima; os discipulos respondem — *dez menos um nove*. O mestre aparta duas; os discipulos dizem — *nove menos dois sete;* o mestre aparta tres; os discipulos dizem — *sete menos tres quatro*. E claro está qe o mestre póde apartar ou estes ou outros quaesqer numeros qe lhe aprouver.

Restituidas as dez esferas ao lado esqerdo, e descendo com a vara para a segunda linha, a qual com a primeira soma vinte esferas, aparta, suponhamos seis; os discipulos dizem — *vinte menos seis quatorze*. Analogicamente irá de linha em linha dedusindo arbitrariamente ora tal, ora tal outro numero de unidades, ora uma dezena toda. As respostas dos discipulos devem ser ritmicas, e entoadas com a massima eisação possivel.

Ainda com o mesmo contador se podem fazer

alguns eiserciciozinhos de multiplicação, qe se não acham estabelecidos nas salas de asilo. O modo é facil: aquarteladas todas as esferas no lado esqerdo, o mestre aparta da primeira linha, suponhamos sete, e da segunda suponhamos sinco; os discipulos qe vêem as sinco de baixo correspondendo em posição ás sinco de cima, facilmente atinam qe estes sinco e aqeles sinco, fazem dez, e qe estes dez com aqeloutros dois, qe na primeira linhar estam sem visinhos de baixo somam doze. Por este modo ou outros se póde adqirir uma grande presteza em somar de cabeça, porqe as idéas numericas abstratas se tornam visiveis e palpaveis por meio das esferas.

Para o ensino particular, com as ave-marias de dez misterios de um rosario enfiadas em arames, e atravessados estes 'num peqeno caixilho, se póde fazer sem dispeza um contador suficiente.

DIVERTIMENTOS.

Nas oras de recreação podem repetir a contagem dos dedos, podem contar os vidros das janelas, as taboas e pregos do teto e sobrado, as telhas da casa visinha, jogar os pares ou nunes com feijões, grãos de milho, ou pedrinhas, contar as letras de uma linha, ou de muitas, ou de uma pagina inteira, as folhas de um ramo, as pessoas qe passam pela rua, etc., e havendo contadoresinhos economicos feitos das ave marias d'um ramal de contas, com elle se divertirão a fazer adições e subtrações.

LIÇÃO DECIMA NONA.

SUMARIO.

Recordação da contagem vocal. — Mnemonisação dos algarismos arabigos.

Depois de repetido o eisercicio da contagem das esferas, e o da contagem dos dedos de toda a classe; passemos a mostrar os sinaes de qe mais comummente nos servimos na escrita para representar os numeros.

O mestre aqi se servirá dos quadros litografados dos algarismos, do mesmissimo modo como se serviu dos das letras para as ensinar, e acompanhando a eisibição de cada quadro com a eisplicação qe á direita da copia de cada um d'eles, e por consequencia á nossa mão esqerda, vae 'neste livro. Para o ensino individual, superflo é já advertir qe este livro basta.

1

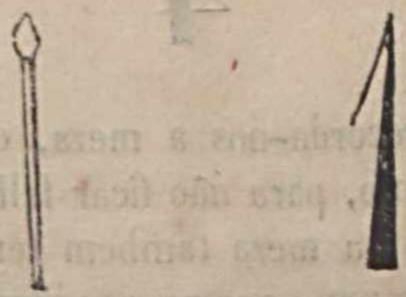
É a alabarda, arma de qe nunca se traz mais de *uma;* cada *uma* representa *um* homem; a sua sombra representa *um*, e chama-se *um.*

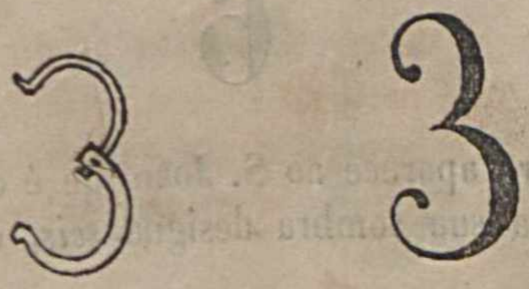
2

O cisne não costuma andar só; encontra-se sempre aos cazaes; qem avista um cisne, pensa logo nos *dois;* a sua sombra eisprime *dois*, e chama-se *dois.*

3

Este anel de orelha consta de duas peças articuladas, mas para ser brinco perfeito, falta ainda uma peça, qe é, o pendente. O brinco consta pois de *tres* partes; a sua sombra lembra-nos *tres*, e chama-se *tres.*





4

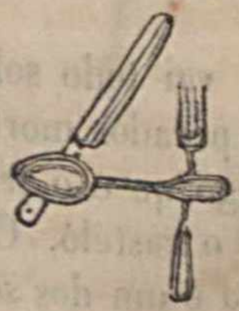
O talher recorda-nos a meza, qe tem *quatro* lados, e portanto, para não ficar falha, reqer *quatro* convidados; a meza tambem tem *quatro* pés; um jantar comum, *quatro* comidas; sopa, vaca, arroz, prato do meio; as nossas refeições do dia eram *quatro*; almoço, jantar, merenda, e ceia; a sombra do talher eisprime *quatro* e chama-se *quatro*.

5

Na foice agarra-se com os *cinco* dedos, a sua vista nos recorda pois os *cinco;* a sua sombra simbolisa os *cinco*, e chama-se *cinco*.

6

A cobra aparece no S. João, qe é o *seisto* mez da ano; a sua sombra designa *seis*, e chama-se *seis*.



4

5

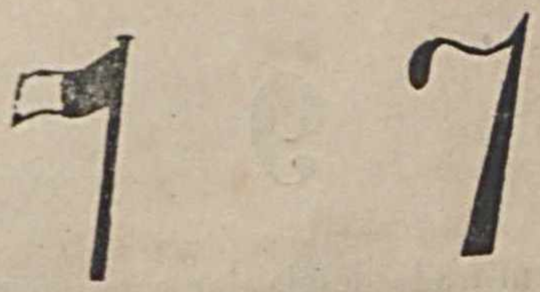
6

7

Qem leva uma bandeira, vai todo soberbo, a soberba qe é o primeiro dos pecados mortaes, recorda-nos os *sete*. No domingo qe é o *setimo* dia embandeiram-se os navios e o castelo. O castelo de S. Jorge qe se embandeira é um dos *sete* montes de Lisboa. A sombra da bandeira eispressa *sete*, e chama-se *sete*.

8

Esta cabaça leva uma canada em cada bojo; logo contém *oito* quartilhos; a sua sombra traz-nos á memoria *oito*, e chama-se *oito*.

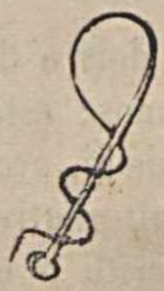


9

Um omem irado deseja dar com um chicote no seu inimigo, e parece qe só se satisfaria dando-lhe uma *novena* de chicotada; a vista do chicote lembra-nos a *novena*; a sua sombra lembra-nos tambem *nove*, e chama-se *nove*.

0

Um anel no dedo de um omem *nada* significa, ainda qe tenha a *cifra* do dono; a sua sombra significa *nada;* chama-se-lhe *zero* ou *cifra*.



9

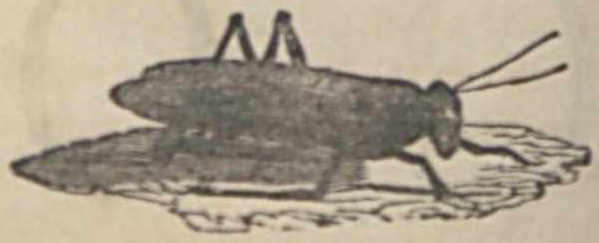
0

DIVERTIMENTOS.

Repartem-se os rapazes a dois e dois, e cada par, joga o jogo dos algarismos; este jogo consiste em ter cada um diante de si, ardosia ou papel e lapis, e em mandarem alternativamente um ao outro, representar por escrito o numero dos dedos qe lhe apresentar abertos; avendo cuidado em nunca apresentar todos os dez. O qe erra a escrita ou não a acerta depressa, paga um tento ao parceiro.

JOAQUIM E THOMAZ.

Joaquim mostra quatro dedos: Thomaz escreve 4. Thomaz, mostra sete; Joaquim escreve 6 ou não escreve, paga tento. Joaquim apresenta os dois punhos fechados; se Thomaz não escreve logo 0, paga tento.



LIÇÃO VIGECIMA.

SUMARIO.

Leitura de numeros.

As quantidades numericas podem ser diversissimas. V. g. falando de alqeires de trigo, posso qerer mencionar um só alqeire, ou dois, ou tres, ou dez, ou qinze, ou vinte e sete, ou cincoenta, ou cem, ou cento e doze, ou mil, ou cem mil, e assim por diante; isto é, supondo o numero total mil alqeires de trigo, e tirando sucessivamente d'este monte alqeires a um e um, e assentando o qe vai ficando a cada uma d'essas tiradas, teremos escrito mil quantidades todas diversas.

As quantidades desde 0 até 9, escrevem-se cada uma com um só algarismo, ou letra de conta, como já vimos na lição precedente; d'aí ávante até cem exclusivamente cada numero se escreve com dois algarismos, podendo o segundo ser um 0; de cem até mil exclusivamente cada numero se escreve com tres algarismos podendo o segundo e o terceiro ser zeros; de mil até cem mil exclusi-

vamente com cinco algarismos, podendo qualqer dos quatro ultimos ou todos elles ser zeros.

É pela propria mão dos discipulos qe se devem fazer, desde o principio os eisercicios de escrever ou assentar contas, sendo o mestre qem lhas dite.

Primeiro exercicio: Escrever com facilidade todos os algarismos desde 0 até 9.

Segundo exercicio: Escrever todos os numeros decenarios até cem, com esta eisplicação: 1 por si só val um, mas com um 0 adiante val um rancho de dez *uns*, qe são dez, e chama-se dez; 2 por si só val dois, mas com o 0 adiante val dois ranchos de dez, qe são vinte e chama-se vinte; 3 por si só val tres, mas com o 0 adiante val tres ranchos de dez, qe são trinta, e chama-se trinta; 4 por si só val quatro, mas com o 0 adiante val quatro ranchos de dez, qe são quarenta, e chama-se quarenta; 5 por si só val cinco, mas com o 0 adiante val cinco ranchos de dez, qe são cincoenta, e chama-se cincoenta; 6 por si só val seis, mas com o 0 adiante val seis ranchos de dez, qe são sessenta, e chama-se sessenta; 7 por si só val sete, mas com o 0 adiante val sete ranchos de dez, qe são setenta, e chama-se setenta; 8 por si só val oito, mas com o 0 adiante val oito ranchos de dez, qe são oitenta, e chama-se oitenta; 9 por si só val nove, mas com o 0 adiante val nove ranchos de dez, que são noventa, e chama-se noventa.

Segue-se d'aqi qe o 0, sem ter de si valor algum faz augmentar dez vezes o valor do algarismo qe lhe fica antes.

Se porém no logar de 0, qe se segue a um algarismo, nós pozermos outro algarismo, esse novo algarismo qe pozermos terá o seu valor natural, como se estivesse só, mas nem por isso deixará de fazer crescer dez vezes o do algarismo antecedente; assim, se adiante de 1 assentarmos outro 1, o primeiro 1 valerá dez, e o segundo um, e como dez e um fazem onze, lerêmos 11 onze; pela mesma razão 12 doze, 13 treze, 14 quatorze, 15 qinze, 16 dezeseis, 17 dezesete, 18 dezoito, 19 dezenove. 2 com 0 adiante val vinte, 21 vinte e um, 22 vinte e dois, 23 vinte e tres, 24 vinte e quatro, 25 vinte e cinco, 26 vinte e seis, 27 vinte e sete, 28 vinte e oito, 29 vinte e nove. 3 com 0 adiante val trinta, 31 trinta e um, 32 trinta e dois, 33 trinta e tres, 34 trinta e quatro, 35 trinta e cinco, 36 trinta e seis, 37 trinta e sete, 38 trinta e oito, 39 trinta e nove. 4 com 0 adiante val quarenta, 41 quarenta e um, 42 quarenta e dois, 43 quarenta e tres, 44 quarenta e quatro, 45 quarenta e cinco, 46 quarenta e seis, 47 quarenta e sete, 48 quarenta e oito, 49 quarenta e nove. 5 com zero adiante val cincoenta, 51 cincoenta e um, 52 cincoenta e dois, 53 cincoenta e tres, 54 cincoenta e quatro, 55 cincoenta e cinco, 56 cincoenta e seis, 57 cincoenta e sete, 58 cin-

coenta e oito, 59 cincoenta e nove. 6 com zero adiante val sessenta, 61 sessenta e um, 62 sessenta e dois, 63 sessenta e tres, 64 sessenta e quatro, 65 sessenta e cinco, 66 sessenta e seis, 67 sessenta e sete, 68 sessenta e oito, 69 sessenta e nove. 7 com 0 adiante val setenta, 71 setenta e um, 72 setenta e dois, 73 setenta e tres, 74 setenta e quatro, 75 setenta e cinco, 76 setenta e seis, 77 setenta e sete, 78 setenta e oito, 79 setenta e nove. 8 com 0 adiante val oitenta, 81 oitenta e um, 82 oitenta e dois, 83 oitenta e tres, 84 oitenta e quatro, 85 oitenta e cinco, 86 oitenta e seis, 87 oitenta e sete, 88 oitenta e oito, 89 oitenta e nove. 9 com 0 adiante val noventa, 91 noventa e um, 92 noventa e dois, 93 noventa e tres, 94 noventa e quatro, 95 noventa e cinco, 96 noventa e seis, 97 noventa e sete, 98 noventa e oito, 99 noventa e nove.

Em 99 acabam os numeros de dois algarismos, e em cem principiam os de tres.

Quantos algarismos compõe um numero, tantas dizemos qe são as casas de qe se compõe esse numero; pois fingimos na nossa imaginação qe cada um dos algarismos mora em uma casa separada. Estas casas ou moradas dos algarismos tem cada uma seu nome para se diferençarem; a ultima da linha, qe vem a ser a primeira da nossa mão direita, chama-se casa das *unidades;* a penultima, casa das *dezenas;* a antepenultima, das *centenas;*

a antecedente a essa, dos *milhares;* a antecedente, das *dezenas de milhares;* a imediata, das *centenas de milhares;* a outra, dos *contos;* a das *dezenas de contos;* a das *centenas de contos;* a dos *milhares de contos;* a das *dezenas de milhares de contos;* a das *centenas de milhares de contos;* e a dos *contos de contos*, ou *bicontos*, etc. Quando o objecto qe se numéra, não é dinheiro, o nome de *conto* é substituido pelo de *milhão;* assim diremos *trinta contos de réis, trinta milhões de homens.*

Um numero póde-se compôr de uma, duas, tres, quatro, cinco, e quantas letras se qizer; se o numero se compõe de um só algarismo só contém unidades, como 7; se se compõe de dois algarismos contém dezenas, e unidades como 42; se se compõe de tres algarismos contém centenas, dezenas, e unidades 649, se de quatro contém milhares, centenas, dezenas, e unidades, 5373; se de cinco, contém dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de seis, contém centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de sete, contém contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de oito, contém dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de nove, contém centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou

de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas e unidades; se de dez, contém milhares de contos, ou de milhões, centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; se de onze, contém dezenas de milhares de contos, ou de milhões, milhares de contos, ou de milhões, centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, desenas, e unidades; se de doze, contém centenas de milhares de contos, ou de milhões, dezenas de milhares de contos, ou de milhões, milhares de contos, ou de milhões, centenas de contos, ou de milhões, dezenas de contos, ou de milhões, contos, ou milhões, centenas de milhares, dezenas de milhares, milhares, centenas, dezenas, e unidades; e assim por diante.

Firmemos bem isto por causa da numenclatura: 'numa serie muito longa de algarismos podemos dividil-os (já se sabe, da nossa mão direita para a nossa mão esqerda) em grupos de seis algarismos. O primeiro grupo da direita, visto está qe principia por unidade simples; o segundo, por unidade conto ou milhão; o terceiro, por unidade biconto ou bilião; o quarto, por unidade triconto ou trilião; o qinto, por unidade quadriconto ou qua-

terlião; o seisto por unidade qinticonto ou qintilião; e assim analogicamente, seisticonto ou seistilião; seticonto ou setilião; oiticonto ou oitilião, etc.; mas similhantes numeros nunca apparecem para se lerem.

As unidades da ultima casa da mão direita valem sempre a decima parte das unidades da casa antecedente; ou por outra, as unidades da antecedente casa, são sempre compostas de dez unidades da casa seguinte; *v. g.*: 42; o quatro está na penultima casa, o dois na ultima; o 2 significa duas unidades, o 4 quatro dezenas de unidades, qe já por isso a sua casa se chama das dezenas; assim, analogicamente, se um numero tem 3 letras, a antepenultima, qe é a da casa das centenas, eispressa pelo seu valor quantas vezes ali estão as dezenas, como a letra das dezenas eispressa quantas vezes ali estão as unidades; *v. g.*: 193 qer dizer cem unidades, noventa unidades, e tres unidades; cem são dez dezenas de unidades; noventa são nove dezenas de unidades, e os tres são tres unidades; recuando sempre na linha da escrita numerica vamos encontrando constantemente o mesmo progresso decenario.

Para lermos um numero, é necessario começarmos por dividil-o em grupos de tres algarismos, ou sendo muito longo de seis, começando sempre da nossa mão direita para a esquerda; sendo em grupos de tres ao primeiro grupo qe abrange uni-

dades, dezenas, e centenas, chamamos das unidades; ao segundo, qe é dos milhares, dezenas de milhares, e centenas de milhares, chamamos dos milhares; ao terceiro qe é dos contos ou milhões, dezenas de contos, ou de milhões, e centenas de contos, ou de milhões, chamâmos dos contos, ou dos milhões; ao quarto, qe é o dos milhares de contos, ou de milhões, dezenas de milhares de contos, ou milhões, e centenas de milhares de contos, ou milhões, chamâmos dos milhares de contos; e assim por diante.

Para comodidade da leitura se costuma pôr entre o primeiro grupo e o segundo, isto é, entre o das unidades e o dos milhares, este sinal $ a qe chamam cifrão, qe nenhum valor tem, mas serve unicamente de marco de separação (cifrão se costuma tambem pôr por abrevietura no logar do primeiro grupo, quando as suas tres letras são zeros; eisemplo: o numero cem mil escrevel-o-iamos completo d'esta maneira 100$000, mas por abreviatura escrevemos d'esta 100$) os outros grupos, qe no numero total possa haver, dividem-se uns dos outros por ponto, dois pontos, ou virgula. Cada grupo de algarismos, 'num numero composto de muitos algarismos, não póde ter mais nem menos de tres letras, podendo uma ou duas, ou todas tres, ser zeros, mas o ultimo grupo da mão esqerda póde ter ou tres algarismos, ou dois, ou um só; exemplo: 90,612$203, qe se lê noventa

contos, ou milhões, seiscentos e doze mil e duzentos e tres.

Cada numero qe o mestre escrever na pedra para ser lido na classe, será sempre repetido em côro silabica e ritmicamente, e isto por duas vezes e de dois modos. O primeiro modo de ler um numero é o literal; o segundo o usual. Assim 987$654 será lido literalmente pelo côro do seguinte modo: no-ve cen-te-nas de mi-lhar, oi-to de-ze-nas de mi-lhar, se-te mi-lha-res; seis cen-te-nas, cin-co de-ze-nas, qua-tro u-ni-da-des; e depois relido conforme ao uso: novecentos e oitenta e sete mil, seis centos e cincoenta e quatro; isto sempre, até estarem perfeitamente senhores da leitura numerica, porqe, desde então só devem fazer a leitura usual qe verdadeiramente é a tradução elegante da outra.

DIVERTIMENTOS.

O loto numerico póde servir agora; é uma recreação não inutil. A qem ouvesse de fazer um loto novo para este fim, aconselharia qe em vez de numeração seguida de um a cem, a escrevesse salteada até numero de seis letras e mais; *verbi gratia:* treze, oitenta e seis, cento e dez, duzentos e quarenta, cinco mil trezentos e nove, etc.

Segundo entretenimento e mais á mão qe o precedente, será tomarem dois rapazes cada um o seu livro, abrirem-no alternadamente, e mostrarem a numeração das duas paginas para o parceiro a dizer; e isto de dois modos: primeiro, separadamente a de cada pagina; depois, a das duas paginas como se estivesse seguida sem intervalo.

Jorge abre o seu livro em paginas 102 e 103, André diz: cento e dois, cento e tres; e logo depois, cento e dois mil, cento e tres. Depois abre André, e responde Jorge. O qe erra paga tento ou prenda.

ADVERTENCIA PRÉVIA Á LIÇÃO VIGECIMA PRIMEIRA.

O sistema de escrituração numerica, qe deixamos aprendido, e qe se chama, talvez impropriamente Arabigo Indico, ou Aseatico, é o qe oje se usa geralmente. Em diversos tempos, e entre diversos povos, ouve grande variedade no modo de escrever os numeros; mas pouco nos importa aqi saber o como o faziam os Hebreos e os Gregos, pois qe, 'nesta parte unicamente imitamos os Romanos e os Arabes.

Dos algarismos Arabes já fica dito quanto basta por agora, pois não aprendemos aqi aritmetica, mas só leitura.

Falemos da escrita numerica Romana, de qe em toda a Europa por muito tempo se fez uso, qe frequentemente nos ocorre nos livros antigos, e qe ainda alguma vez se emprega nos nossos dias; como em relogios, em datas de impressões, em numeração de paginas, etc. etc. O eisemplo de paginas numeradas á Romana, lá está nas primeiras folhas d'este mesmo livro.

LIÇÃO VIGECIMA PRIMEIRA.

SUMARIO.

Leitura da numeração Romana.

A tendencia de contar pelos dedos é geral; é de todas ás gentes; deveu ser de todos os tempos. Parece de suma probabilidade, qe os Romanos ou os povos anteriores, quaesqer qe fossem, de qem eles tomaram a contagem, aos dedos das mãos recorreram, como prototipo natural, simples, invariavel, e sempre presente, do contar. Cada mão tem cinco dedos; as duas mãos de cada pessoa tem dez dedos: meia dezena, dezena. A numeração romana compõe-se de letras qe representam meias dezenas e dezenas: **V** cinco, **X** dez; **L** cincoenta, **C** cem; **D** qinhentos, **M** mil. Além d'estas seis letras, só resta **I** para representar unidade, ou o ponto, qe sendo fragmento do **I** val o mesmo qe ele, e significa tambem unidade.

O quadro qe adiante segue, qe o professor em escóla mostrará no quadro litografado, é mnemonisação tão eficaz, qe, uma só vez mostrada e eisplicada, deixa para sempre na memoria o valor de todas estas sete letras numericas romanas.

I

L

V

C

X

D

M

Demos rasão de cada uma, advertindo qe segundo o nosso costume desde o principio d'este livro, a letra qe no quadro fica á nossa mão direita, é sempre sombra da figura qe se acha á nossa esqerda, e qe a istoria da figura qe vamos fazer, contém a rasão do nome e valor da mesma letra.

I

Quando qeremos mostrar em pantomima um, fechamos a mão, deixando para significação levantado um só dedo. A sombra de um dedo, sendo uma linha reta vertical dá **I**. A moeda de cobre

de tres réis, tem **III** como se vê; cada **I** eisprime pois um real o qe nos não deixará esqecer qe **I** val um.

V

Qem estender o braço para os espétadores, e fechando a mão deixar comtudo resair d'ela dois dedos assaz afastados um do outro, ainda qe só mostre os dois, por esses dois qe mostra, deixa subentender os outros tres qe esconde, isto é, os dois apresentados denunciam a mão toda qe tem cinco. Os dois dedos assim abertos lançam uma sombra qe é exatamente **V**. Logo o **V**, como retrato d'aqeles dois dedos, diz como eles cinco, e

val cinco. E qem se esquecerá do valor numerico do **V** se a todos os momentos se está vendo nas moedas de *cinco* réis?

X

Se alongando para a frente os dois braços com os punhos fechados, deixarmos estendidos um dedo

de cada mão e encruzarmos um com o outro esses dois dedos, por esse enlace dos dedos significaremos qe chamamos o espirito dos espétadores para as nossas mãos ambas, e tacitamente os levaremos á idéa dos dez dedos. A sombra qe estes dois dedos encruzados produzem é X.

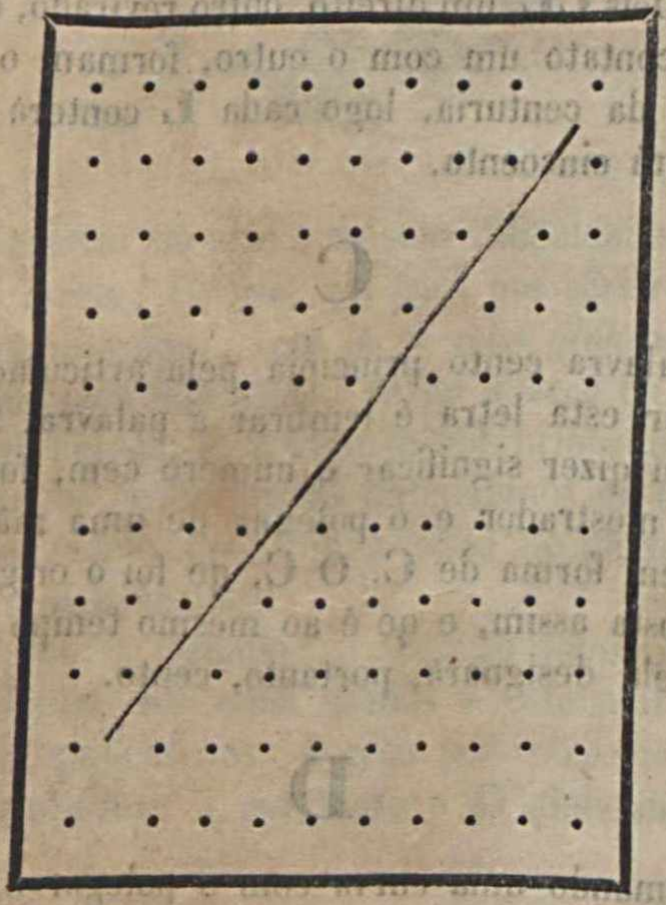
Ainda outra pega para a memoria: a letra **X** compõe-se de **VV**, um direito posto por cima, outro ás avessas posto por baixo, e unidos um ao outro pelo vertice; ora se o **V** de cima val cinco, e o **A** de baixo tambem cinco, e cinco e cinco fazem dez, segue-se qe o **X** valerá dez.

Finalmente a moeda de *dez* réis está marcada com **X**.

L

Abrindo o mostrador e o polegar de uma das mãos até formar um anglo reto, temos feito uma figura qe só difere do **V** na posição (qe é uma

coisa acidental) e em conter um anglo mais aberto qe o do **V**. Se pois o **V** marcava cinco, o **L** qe é ainda o **V**, mas aumentado, deverá conservar a natureza de cinco, mas aumental-a; ora, o unico modo de aumentar o valor do cinco sem lhe desmentir a natureza, é subil-o a cincoenta, porqe 'num e 'noutro caso diz sempre cinco; mas os cinco no primeiro caso são unidades, e no segundo dezenas. A sombra d'esta figura, qe é a letra **L**, eispressa por conseguinte cincoenta.



Outro mordente para a lembrança d'esta letra

numerica: a centuria romana era um corpo de cem soldados formados a dez de fundo; a disposição da centuria era quadrilonga; um quadrilongo cortado como se vê na estampa dá duas figuras perfeitamente iguaes, e similhantissimas cada uma d'elas a um **L** em contraria posição, logo o contido no quadrilongo em duas porções tambem perfeitamente eguaes se dividirá. Os cem soldados da centuria pois, se lançarmos na centuria essa linha obliqua, achar-se-ão repartidos em cincoenta e cincoenta. Dois **LL**, um direito, outro revirado, e postos em contato um com o outro, formam o quadrilongo da centuria, logo cada **L** conterá e representará cincoenta.

C

A palavra cento principia pela articulação **C**. Escrever esta letra é lembrar a palavra. Se por gesto eu qizer significar o numero cem, formarei com o mostrador e o polegar de uma mão uma curva em forma de **C**. O **C**, qe foi o original da mão posta assim, e qe é ao mesmo tempo a sombra d'ela designará, portanto, cento.

D

Formando uma curva com o polegar e o mostrador de uma das mãos, e atravessando direito

um dedo da outra mão de eistremidade a eistremidade d'esta curva, representamos muito ao natural um arco de frexeiro com a sua competente corda. O **D** é a sua sombra. O atirar com um

arco e acertar no alvo tem suas dificuldades; nem todos o fazem; é coisa, qe, para nos servirmos de um anexim vulgar, tem lá *os seus qinhentos*; fiqemo-nos pois lembrando de qe o arco ou **D** espressa qinhentos; e se alguem por brincadeira nos fizer com os dedos um **D** entendamos qe nos qer dizer por aqele sinal, qe a coisa de qe se trata tem os seus qinhentos.

Ainda outra formula; o arco do amor era um logar comum dos mais usados e estafados entre os poetos qinhentistas; o arco pois recorda-nos a éra de qinhentos, e por tanto o **D** qinhentos.

M

Com os polegares e os mostradores de ambas as mãos se forma uma figura de qe o **M** é sombra. Esta letra, sendo a inicial da palavra mil, cifra a palavra e val mil. Os quatro dedos assim postos representam-nos as duas mãos com os seus dez dedos; numero este, qe multiplicado tambem por dez, dará cem; assim como tornado a multiplicar por dez, esse producto, subirá a mil; portanto, se os dez, no fim das tres operações, a saber: da contagem de unidades; da contagem de dezenas; e da contagem de centenas, dão mil, o **M**, qer em dedos qer em letra, póde muito bem recordar-nos com as suas *tres* pernas, as tres operações, e o seu produto; qe é o milhar. **M** mil.

Conhecidos estes numeros elementares, digamos como com eles se formam os numeros compostos.

Regra geral: a escrituração numerica romana é toda feita por somas, ou diminuições. Um numero elementar menor colocado imediatamente antes de um numero elementar maior, significa qe desse numero elementar maior se tiram tantas unidades quantas o numero elementar menor representa. Eisemplo: o X val dez; quando porém temos IX, o X val nove, porqe o I, qe val um, como está antes do X manda qe do X se tire um, e um tirado de dez deixa os dez reduzidos a nove.

Outro eisemplo: o C val cem, o XC vale noventa, porqe o X, qe val dez, e se acha aqi antes do C, qer qe os seus dez se deduzam dos cem, e tirados dez de cem ficam noventa, etc.

Agora, se a letra numerica elementar menor, em logar de preceder á letra numerica elementar maior, se lhe segue, ajunta o seu valor ao valor dela: CX são por tanto cento e dez, porqe C cem, e X dez. CXI cento e onze porqe C cem, X dez, e I um, e dez e um onze. Advirta-se qe nos milhares o numero elementar menor posto antes do M, em vez de o roubar, aumenta o seu valor tantas vezes, quantas são aqelas qe o numero elementar menor representa, podendo-se 'neste caso pôr por cima do numero elementar menor este signal — eisemplo: IIM dois mil, DM, qinhentos mil, etc.

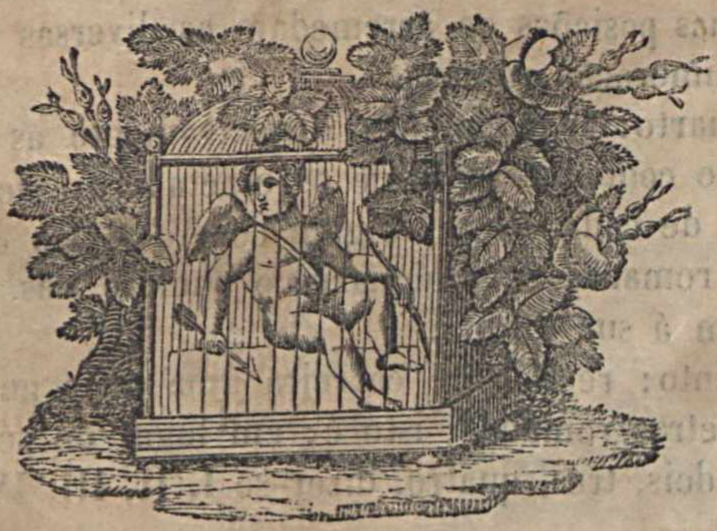
Isto posto, assentemos a serie seguida da numeração Romana, com a sua tradução na Arabiga de qe já temos conhecimento.

I	1	IX	9
II	2	X	10
III	3	XI	11
IV	4	XII	12
V	5	XIII	13
VI	6	XIV	14
VII	7	XV	15
VIII	8	XVI	16

XVII	17	M	1:000
XVIII	18	IIM	2:000
XIX	19	IIIM	3:000
XX	20	IVM	4:000
XXI	21	VM	5:000
XXII	22	VIM	6:000
XXIII	23	VIIM	7:000
XXIV	24	VIIIM	8:000
XXV	25	IXM	9:000
XXVI	26	XM	10:000
XXVII	27	XIM	11:000
XXVIII	28	XIIM	12:000
XXIX	29	XIIIM	13:000
XXX	30	XIVM	14:000
XL	40	XVM	15:000
L	50	XVIM	16:000
LX	60	XVIIM	17:000
LXX	70	XVIIIM	18:000
LXXX	80	XIXM	19:000
XC	90	XXM	20:000
C	100	XXXM	30:000
CC	200	XLM	40:000
CCC	300	LM	50:000
CD	400	LXM	60:000
D	500	LXXM	70:000
DC	600	LXXXM	80:000
DCC	700	XCM	90:000
DCCC	800	CM	100:000
CM ou DCCCC	900	DM	500:000

Suprimimos os numeros intermediarios de cada dezena, da terceira dezena em diante; porqe sabidas as tres primeiras dezenas, qualqer por analogia construe as outras.

Ha ainda na numeração Romana alguns signaes qe importa explicar; a saber: IↃ exprime quinhentos; CIↃ mil; IↃCC setecentos; IↃↃ cinco mil; CCIↃↃ dez mil; IↃↃↃ cincoenta mil; CCCIↃↃↃ cem mil; CCCCIↃↃↃↃ um milhão.



DIVERTIMENTOS.

Primeiro: um loto com os numeros escritos á romana.

Segundo: abrir um livro ao acaso para qe outro diga com qe letras romanas se escreverá a numeração de cada uma d'aqelas duas paginas e a das duas seguidas.

Terceiro: dar a ler numeros, mostrando os dedos nas posições qe arremedam as diversas letras da numeração romana.

Quarto: ir apontando sussecivamente as esferas do contador, para qe os espetadores, ao deslocar de cada esfera, digam com qe letra ou letras romanas se designaria o numero das qe se acham á sua direita.

Qinto: recitar de carreira uma serie numeral por letras romanas; isto é: em lugar de se dizer um, dois, tres, quatro, dizer-se I, II, III, IV, etc.

ERRATA.

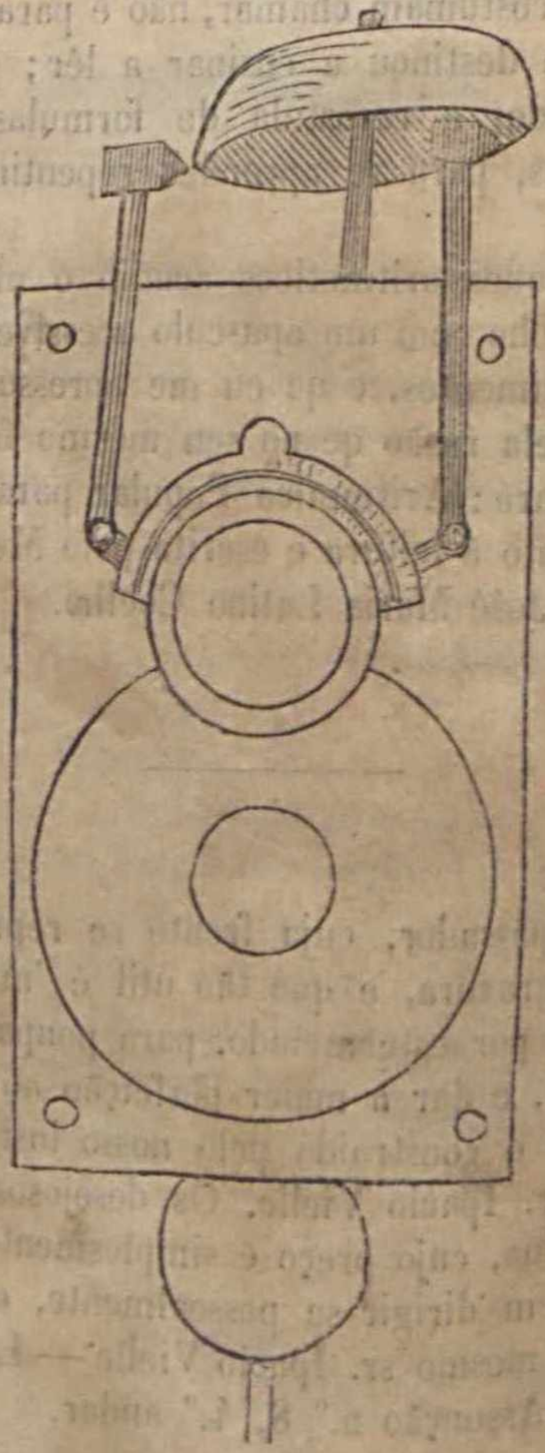
No frontispicio d'este livro, onde se lê = *ornada de um grande numero de* vinhetas = *deve lér-se* = ornada de um grande numero de *figuras*.

N. B. A taboa de multiplicação, ou taboada, segundo a costumam chamar, não é para aqi; este livro só se destinou a ensinar a lêr; publiqei-a em separado, e revestida de formulas tambem mnemonicas, para se aprender repentinamente e brincando.

Aos estudos aritmeticos acudio o meu amigo Latino Coelho com um opusculo acessivel a quaesqer entendimentos, e qe eu me apresso de anunciar aqi pela razão qe no seu mesmo frontispicio se encontrará: Aritmetica Popular para servir de complemento á leitura e escrita pelo Metodo Castilho, por José Maria Latino Coelho.

O compassador, cuja frente se representa na seguinte gravura, e que tão util é 'numa escola de leitura por este metodo, para poupar cançasso ao mestre, e dar a maior perfeição ao ritmo, foi inventado e construido pelo nosso insigne maqinista o sr. Ipacio Vielle. Os desejosos de obter esta maqina, cujo preço é simplesmente 10$000 réis, podem dirigir-se pessoalmente, ou por escrito, ao mesmo sr. Ipacio Vielle — Lisboa, travessa da Assunção n.º 8, 4.º andar.

COMPASSADOR.



OBR
869.0
C9352m
2. ed
T. 2
e. 1